

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA**

GISÉLIA BEZERRA DE MELO

AVENIDAS DE MACEIÓ: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Maceió- AL
2019

GISÉLIA BEZERRA DE MELO

AVENIDAS DE MACEIÓ: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof. José Roberto Santos Lima

Maceió- AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

M528 Melo, Gisélia Bezerra de.
Avenidas de Maceió : uma tentativa de interpretação histórica / Gisélia Bezerra de Melo. – Maceió, 2019.
141 f. : il. color.

Orientador: José Roberto Santos Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 139-141.

1. Personagens - História. 2. Urbanismo. 3. Maceió (AL) - Logradouro público - Memória histórica. I. Título.

CDU: 94:911.375.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
 “ALEGIAS DE MACEIÓ: UMA TENTATIVA DE
INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA” elaborada(o) por
GISELIA BEZERRA DE MELO e aprovado por
 todos os membros da Banca Examinadora com nota 10,0, cumprindo as exigências
 para obtenção do título de Licenciatura em História. (DEZ)

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Júlio Roberto Santos Lima
 Orientador (a):

Prof.(a) [Assinatura]
 1º Examinador (a):

Prof.(a) [Assinatura]
 2º Examinador (a):

Maceió, Alagoas

/ /

DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho ao meu amado pai, João Bezerra de Melo, por todas as vezes que me acompanhou na luta para ingressar na UFAL, ficava horas embaixo de uma árvore a me esperar, sem nunca reclamar.

Infelizmente partiu para junto de Deus sem ver que seus esforços e dedicação surtiram efeito, pois eu consegui realizar meu sonho. Mas não teria conseguido se ele não estivesse ao meu lado.

Obrigada pelo seu companheirismo, por ter me dado forças quando eu pensava em desistir, pelos seus ensinamentos que me ajudaram a ser o que sou.

Todos os dias agradeço a Deus por ter me presenteado com os melhores pais do mundo, meu maior tesouro.

Se cheguei até aqui o mérito é dos meus pais, que sempre lutaram para que eu terminasse meus estudos.

Papai, com você adquiri o hábito de ler, pois sempre me pedia para ler histórias. Você me ensinou as quatro operações, os países e as capitais, o pai-nosso e a ave-maria. Preparaste-me para enfrentar o mundo, com sua coragem e determinação. No entanto, não me ensinaste a suportar a tua ausência, mas

Sei que estás a olhar por mim. Sei que estás feliz pelas conquistas alcançadas. Esse é apenas o primeiro degrau que subi, mas existem mais degraus para subir e poder alcançar o topo de onde quero chegar.

Até logo, papai. De sua filha querida que tanto se orgulha de ti, de sua grande admiradora. Te amarei para sempre...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças, coragem e determinação, à minha mãe que me ajudou, me aconselhou, me abraçou e me acalentou nos momentos mais difíceis e me fez acreditar em mim mesma; ao meu noivo Tiago por ter me ensinando a andar de novo depois do acidente, por ter ido me buscar todas as noites, obrigada por enfrentar noites chuvosas por mim, por me ajudar financeiramente e por ter me dado bronca para que eu finalizasse minha monografia. Às minhas irmãs por me ajudarem quando eu precisei, pela compreensão e por me dar forças.

Obrigada a todos que me ajudaram direta e indiretamente nessa longa jornada, principalmente ao Antônio que me emprestou seu notebook para que eu pudesse digitar esse trabalho e a Jaqueline Bomfim que me ajudou na formatação desta monografia de acordo com as regras da ABNT.

Ao professor Robertinho por ter me orientado, emprestando vários livros. Obrigada por sua preocupação e dedicação, a quem dedico este poema:

Ser professor

Ser professor é uma belíssima profissão
 É se doar pelo aluno
 É permitir uma troca de conhecimentos
 É se reinventar em todo momento
 É estar ciente dos obstáculos que virão a sua frente,
 Mas nunca desistir do seu dom.
 O dom de ensinar, de escutar, de orientar ou aconselhar.
 Dom de se colocar no lugar do aluno e jamais desistir dele
 Por mais que seja difícil romper as barreiras.
 Ser professor às vezes é mera ilusão, mas também é um sonho.
 Dias melhores virão, acredite
 Sei que pode parecer ao contrário, mas o professor, o mestre fica
 Para sempre nos corações dos alunos.

Gisélia Bezerra de Melo

Se não puder voar, corra.
“Se não puder correr, ande.
Se não puder andar,
rasteje, mas continue em
frente de qualquer jeito.”
Martin Luther King

RESUMO

Esta monografia de Conclusão de Curso se propõe a discutir dentro do contexto da história e da memória da cidade de Maceió de como aconteceu o seu processo de evolução urbana destacando-se em linhas gerais o papel assumido por algumas avenidas, ruas e artérias dentro da historicidade da cidade onde nem sempre a grande maioria dos seus habitantes nem sabe quem foi o personagem histórico que deu nome aquela avenida, rua ou artéria da cidade.

Palavras-chave: Memória. Personagens históricos. Urbanismo.

ABSTRACT

This monograph of Course Conclusion proposes to discuss within the context of the history and memory of the city of Maceió of how its urban evolution happened, outlining in general lines the role assumed by some avenues, streets and arteries within the historicity of the city where not always the great majority of its inhabitants do not even know who was the historical person that gave name to that avenue, street or artery of the city.

Keywords: Memory. Historical characters. Urbanism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE MACEIÓ: SÍNTESE.....	13
1.1 MACEIÓ: Formação Geológica e Geomorfológicas	16
2. FORMAÇÃO HISTÓRICA DE MACEIÓ.....	31
2.1 Algumas Instituições Históricas e Culturais do Jaraguá	65
2.1.1 A Associação Comercial de Jaraguá	65
2.1.2 Antigo Banco de Alagoas.....	68
2.1.3 Porto do Jaraguá, Estátua da Liberdade e Capitania dos Portos.....	71
2.1.4 Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo e Praça Bom Jesus dos Navegantes	73
2.1.5 Praça Dois Leões e Praça Marcílio Dias	76
2.1.6 Museu da Imagem do Som e Receita Federal	78
2.1.7 Mercado de Jaraguá e Jaraguá Tennis Club	82
2.1.8 ASPLANA e Banco do Brasil.....	85
2.1.9 Aldeia dos Pescadores e Balança do Peixe de Jaraguá.....	86
2.1.10 Faculdade de Alagoas (FAL) e Fundação Municipal de Ação Cultural.....	88
2.1.11 Fundação Pierre Chalita e Grupo Escolar Ladislau Neto.....	90
2.1.12 Bares e Restaurantes em Jaraguá.....	93
2.1.13 Centro de Convenções de Maceió	94
3. AVENIDAS DE MACEIÓ: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA.....	97
3.1 Avenida Fernandes Lima (Farol)	100
3.1.1 Quem foi Fernandes Lima?	100
3.1.2 Informações sobre o Bairro do Farol.....	106
3.1.3 Algumas importantes ruas e praças localizadas no Bairro do Farol.....	107
3.2 Avenida Siqueira Campos (Prado).....	109
3.2.1 Quem foi Siqueira Campos?.....	109
3.2.2 Informações do Bairro do Prado	110
3.2.3 Algumas importantes ruas e praças localizadas no bairro do Prado.....	111
3.3 Avenida Gustavo Paiva (Mangabeiras).....	113
3.3.1 Quem foi Gustavo Paiva?.....	113
3.3.2 Informações do Bairro de Mangabeiras	116
3.3.3 Algumas importantes ruas e praças do Bairro Mangabeiras	118
3.4 Avenida General Luiz de França Albuquerque (Garça Torta/Riacho Doce)	118
3.4.1 Quem foi Luiz de França Albuquerque?	118
3.5 Bebedouro	129

3.5.1 Informações do Bairro de Bebedouro	129
3.5.2 Algumas importantes ruas e praças do Bairro de Bebedouro.....	132
3.6. Centro.....	133
3.6.1 Informações do Bairro do Centro.....	133
3.6.2 Algumas importantes ruas e praças localizadas no Centro de Maceió.....	134
CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS	139

INTRODUÇÃO

A cidade de Maceió é repleta de acontecimentos históricos que se desencadearam ao longo desses 200 anos, alguns permanecem na memória das pessoas que ouviram de seus antepassados, outros, no entanto permanece desconhecidos, a espera de estudiosos que explorem estes fatos minuciosamente e os levem ao conhecimento de todos em geral.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF 1924, p. 412)

Le Goff quer dizer que a história para ser contada, revelada precisa fazer uso da memória não apenas para ser divulgada, e para isso se faz necessário a memória, mas precisamente a coletiva, visto que está deve se manter fiel ao relembrar os fatos passados e transmiti-los de forma que sirva para atender aqueles que buscam as informações que a memória se proponha a trazer para a realidade.

Por isso esta cidade já foi e continua sendo objeto de pesquisa por muitos historiadores, pois há muito para escrever, como por exemplo, as vias existentes em todas as cidades e metrópoles; essas vias são as artérias ou como a chamamos avenidas, são responsáveis ou pelo menos deveriam ser pelo bom funcionamento do trânsito.

E assim como as avenidas principais desta cidade, as ruas também são importantes e conhecer a história por trás delas é um trabalho que irá proporcionar uma viagem ao passado e trazer á tona esses personagens que aqui viveram e que ainda permanece vivo até hoje nas ruas, avenidas e praças de Maceió.

O objetivo principal desse trabalho é a preservação da nossa memória, visto que a população maceioense necessita conhecer a biografia de inúmeros personagens ao qual homenagearam as ruas, praças e avenidas de Maceió.

Para isso é importante conhecermos um pouco do espaço geográfica da cidade de Maceió, que será abordado no I capítulo, levando em consideração os dados mais recentes do IBGE 2010.

No II capítulo será discutido um pouco da formação histórica da cidade de Maceió, desde suas as suas origens até á condição de capital até 1839 e o seu processo de modernização urbana.

E finalmente no III capítulo tentaremos fazer a conexão histórica entre o processo de urbanização da cidade de Maceió com a toponímia (nome do lugar) de algumas avenidas ou artérias de Maceió com os nomes de personagens históricos ou não cujos seus nomes.

1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE MACEIÓ: SÍNTESE

POEMA: AMOR A MACEIÓ

Rosalvo Acioli Júnior.

Maceió, no nome Tupi contida,
do mesmo tapagem do alagadiço,
do engenho a vila estabelecida na
paisagem crescente de viço.

Sou também assim da raiz Maceió,
o seu clarividente equilibrista
nas águas, ventos e luzes em nó,
que lhe ama e nunca perde de vista.

(ACIOLI, **MACEIÓ Poesia**, 1987, p. 13)

A cidade de Maceió, hoje capital do Estado de Alagoas município e antiga vila estão assentadas sobre uma restinga entre o mar e a lagoa, mais precisamente entre o Oceano Atlântico e a Laguna (chamada de lagoa) Mundaú ou de “Lagoa do Norte” e a sua área geográfica está inserida na região geológica dos Tabuleiros Costeiros.

A microrregião de Maceió localiza-se na parte central do leste alagoano, no litoral atlântico, que compreende uma faixa da planície costeira onde estão situadas as lagunas do complexo Mundaú/Manguaba, Roteiro e os rios Pratagy, Meirim e Santo Antônio; além de outros riachos que cortam a capital do Estado de Alagoas, como o famoso riacho Salgadinho pelo seu não tratamento e alto índice de poluição quando no começo do século XX a população pescava e tomava banho nele segundo atesta Félix Lima Júnior na sua obra “Maceió de Outrora”, como podemos ver na Figura 1.

Figura 1. Lavadeiras de roupas no riacho Salgadinho



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/riacho-reginaldo-o-salgadinho-de-maceio.html>

O município de Maceió se limita ao norte com os municípios de Flexeiras, São Luís do Quitunde, Barra de Santo Antônio e Paripueira, ao sul limita-se com os municípios de Coqueiro Seco, Marechal Deodoro e Oceano Atlântico, a leste com os municípios de Messias, Rio Largo, Satuba e Santa Luzia do Norte (Ver Figura 2).

Figura 2. Mapa de Maceió.



Fonte: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015, p. 504)

Maceió possui uma área territorial de 513,55 km², desses 191,79 km² corresponde a sua área urbana; 23,26 km² correspondem a sua orla lagunar e 298,5 km² corresponde a sua área rural. O relevo da cidade de Maceió está assentado geologicamente sobre a Bacia Sedimentar de Alagoas/Sergipe e em menor proporção sobre as rochas do embasamento cristalino do maciço Pernambuco/Alagoas.

O bairro de Jaraguá (o grifo é nosso) ficava separado do centro da cidade pelo riacho Maceió (hoje riacho Salgadinho), que passava por trás do atual Clube Fênix. Uma jangada fazia a travessia das pessoas por 40 reis. Com o progresso, a jangada foi substituída por uma pinguela, e esta por uma ponte de madeira. Em 13 de janeiro de 1871 foi entregue á população uma moderna ponte de ferro e alvenaria em substituição á de madeira. Era a ponte dos Fonseca contratada ao engenheiro Hugh Wilson pelo preço de 6.500 libras esterlinas, medindo 120 metros de comprimento por 4 de largura, com

passeios laterais e 8 grandes lâmpões assentados em colunas de ferro bronzeado. (SANTOS 1986, p. 47)

Na Figura 3, vê-se a Praia da Avenida, no bairro de Jaraguá, com vista do Riacho Salgadinho, sob a ponte da Praça Sinimbu.

Figura 3. Praia da Avenida, com o riacho Salgadinho passando sob a ponte da Praça Sinimbu.



Fonte: <http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com/2012/02/maceio-antiga-2.html>

Referente ao riacho Salgadinho Lima Júnior em Maceió de outrora diz o seguinte:

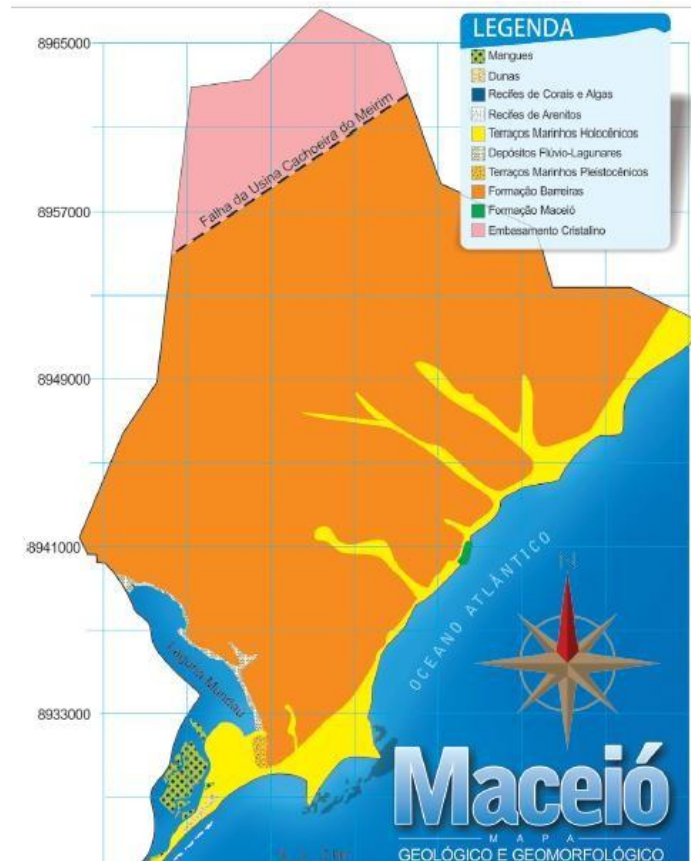
Teve ou tem quatro nomes o riacho que dividia a capital alagoana em dois bairros principais: Massayó ou Maceió, Rego da Pitanga, Reginaldo e Salgadinho. Não se sabe se Massayó ou Maceió foi o nome do riacho transmitido ao sítio, ao engenho e, posteriormente, á povoação, ou se, ao contrário, desta é que o pequeno curso d' água teria recebido denominação. (LIMA JÚNIOR 1976, p. 138-139)

Como Rêgo da Pitanga era e ainda é conhecido, verificando em muitas escrituras antigas, de compra e venda de propriedades, nas Mangabeiras, no Poço, na Cambona, no Bom Parto, no Mutange, que os limites eram fixados “até o Rego da Pitanga”. Era assim chamado porque suas margens se apresentavam cobertas de pitangueiras. (LIMA JÚNIOR, 1976, p. 139)

O aterro do riacho, fazendo-o desaguar na belíssima praia de Jaraguá, incontestavelmente foi, mais do que um crime, um erro. (LIMA JÚNIOR 1976, p. 139)

1.1 MACEIÓ: Formação Geológica e Geomorfológicas

Figura 4. Mapa Geológico e Geomorfológico de Maceió.



Fonte: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015, p. 496). Org. Lima, Santos e Costa (2006)

A cidade de Maceió está assentada sobre dois “planos”. No primeiro plano sobre a planície fluvial marinha e lacustre estão situados os bairros: Bebedouro, Bom Parto, Levada, Mutange, Rio Novo, Fernão Velho, Jaraguá, Pajuçara, Ponta Grossa, Ponta Verde, Pontal da Barra, Prado, Poço, Trapiche da Barra, Vergel do Lago, Cruz das Almas, Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca. Os bairros que estão localizados no segundo plano, ou seja, na parte “alta” da cidade, assentada sobre um tabuleiro costeiro estão os bairros de: Antares, Barro Duro, Benedito Bentes I e II, Canaã, Chã da Jaqueira, Chã de Bebedouro, Cidade Universitária, Clima Bom, Farol, Feitosa, Gruta de Lourdes, Jacintinho, Jardim Petrópolis, Ouro Preto, Pinheiro, Pitanguinha, Santa Amélia, Santa Lúcia, Eustáquio Gomes, Santos Dumont, Sítio São Jorge, Serraria e Tabuleiro do Martins.

Os principais rios e riachos que existentes no município de Maceió são: Sauaçui, o Meirim, o Pratagy, o Jacarecica, o Guaxuma, o Garça Torta, o Riacho Doce, o Rio Reginaldo (este nasce próximo ao Distrito industrial Governador Luiz Cavalcante) e do Sapo, o

Guladim, o do Silva, o Catolé e os Riachos do Senhor e o das Águas Férreas; além dos Canais da Levada (este foi aberto através da mão-de-obra indígena existentes nos aldeamentos em terras alagoanas), (observar a figura 5) e o “Canal do Trapiche” que passa por trás do Estádio de Futebol: O “Trapichão” ou Estádio Rei Pelé, no Trapiche da Barra.

Figura 5. Canal da Levada.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/levada-de-maceio-o-porto-da-cidade-restinga.html>

A cidade de Maceió tem as suas coordenadas geográficas que são: de Latitude a sua distância para com a linha do Equador é de $09^{\circ} 39'' e 57$ (nove graus latitude sul para com o Equador, trinta e nove minutos e cinquenta e sete segundos da linha do Equador) e de Longitude do meridiano de Greenwich na Inglaterra Maceió está 35° (trinta e cinco graus oeste de Greenwich, $44''$ quarenta e quatro minutos e $07''$ segundos), cujo clima é tropical chuvoso com verão seco e uma estação chuvosa (ou invernososa) em outono\inverno.

As temperaturas são amenizadas pela boa brisa marinha com temperaturas que variam de $24^{\circ} C$ a $+ 30^{\circ} C$ e uma altitude variável da beira-mar ou lagoa até o planalto do Tabuleiro com altitudes variáveis até 16 metros acima do nível do mar ou a beira-mar ou a beira da lagoa.

Quanto à cobertura vegetal existente na cidade de Maceió na sua orla marítima observamos ainda a presença em alguns trechos da sua orla no litoral norte próximo a “praia da sereia” ou do Pontal da Barra a incidência hoje mais rara da sua vegetação nativa de restinga composta pela “salsa marinha”, “pés de mandacaru” (em tamanho menor, reduzido) “bromélias”, pés de gajuree” etc., que hoje disputam espaços com os coqueiros (introduzidos no Brasil pelos portugueses, trazidos do Sudeste asiático ou do Pacífico Sul) ou os empreendimentos imobiliários, quase à beira-mar.

Vejamos então o que disse o estudioso Abelardo Duarte a respeito de sua topografia em um pequeno ensaio escrito sob o título “**As características Histórico-Geográficas da cidade de Maceió**”, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, volume 27, p.13-30, quando ele diz que:

“... Quando se sobrevoa a região costeira alagoana (ou se a examina no mapa) fica-se surpreendido pelo ineditismo da paisagem geográfica e pela caracterização de uma pequena zona lagunar. E vem a mente logo a ideia de ligar aquela paisagem ou aqueles delineamentos que o cartografo transportou para o papel ao caprichoso trabalho do mar. Visto do alto, através da janela de um avião ou quando se aprecia nos contornos do mapa, na mesa do geografo ou sobre a prancheta do cartografo a região é típica de influências das águas ou com maior precisão das águas oceânicas (...) que realizaram um trabalho lento, ciclópico e ininterrupto no seu vai e vem contínuo. Foram os seus construtores, na sua maior parte do quadro do que se vislumbra hoje os olhos do observador...” (DUARTE, 1982, p.13 - 14).

Foi exatamente entre o final do período Terciário e o começo do período Quaternário “chamada de era dos mamíferos” mediante os vários avanços e recuos (regressão e transgressão marinha) é que durante a última glaciação é que se constituíram as condições geológicas e geomorfológicas para a formação dos arrecifes dos corais do litoral alagoano e nordestino e da constituição do “cordão arenoso” entre a restinga do Pontal da Barra (onde se observa no seu interior a presença de dunas), a “boca da barra” (onde as lagoas recebem as águas do Oceano Atlântico) e os arrecifes da “Praia Saco de Pedra” e “Praia do Francês”, bem mais adiante já no Município de Marechal Deodoro.

Foi um trabalho feito pela natureza de construção e desconstrução que mais tarde teria dado origem a formação das praias, barreiras, falésias, ilhas, arrecifes e outras formações geomorfológicas, ao longo dos milhões de anos atrás.

É importante ainda registrar que em Maceió existem diversas áreas do seu território com Unidades de Conservação, sejam elas a nível federal como a APA (Área de Preservação Ambiental) da Costa dos Corais que se estende por todo o litoral norte e sul de Alagoas, onde Maceió também está inserida, e as Áreas de Preservação Ambiental á nível estadual do “Catolé e Fernão Velho” conforme já havíamos falado nelas antes, e a “APA do rio Pratagy” e a nível municipal o “Parque Municipal de Maceió”, como podemos (observar na figura 6) localizado em Bebedouro que já foi citado anteriormente.

Figura 6. Parque Municipal de Maceió.



Fonte: <http://www.overmundo.com.br/guia/parque-municipal-2>

Ao longo da orla lagunar observamos a presença de uma outra vegetação nativa que são os manguezais que “acompanham” toda a orla lagunar que já foram num passado bem mais recente, antes da criação do Instituto do Meio Ambiente de Alagoas –bem mais agredidos, derrubados e hoje estão um pouco mais preservados do que antes, se comparados ao que se fez no passado com eles.

Os resquícios ou o que “sobrou” da Mata Atlântica em Maceió estão uma pequena parte delas preservadas no “Parque Municipal de Maceió” em Bebedouro ou na “Matinha de Fernão Velho” que pertencia a Fábrica Carmen, antiga Cia União Mercantil fundada em 1857 pelo José Antônio de Mendonça, o Barão de Jaraguá no século XIX. Ou na “Mata do Catolé” onde hoje lá se encontra a sede do Batalhão Ambiental, no caminho em direção ao Município de Satuba. Ou ainda a antiga sede do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) também conhecido como Horta Florestal, localizado na Gruta de Lourdes, hoje transformada em Parque Municipal aberto à visitação pública bem recentemente.

Quanto à distribuição da população na cidade de Maceió, ela está assim quantificada, segundo o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Maceió: população (1870/2014)

Anos	População	Fonte
1870	15.789	ESPÍNDOLA (1871, p.14)
1890	31.498	COSTA
1900	38.412	LIMA JÚNIOR (1959, p.

		121)
1910	Não houve censo em função da I Guerra Mundial.	
1920	74.166	COSTA
1930		
1940	90.253	COSTA
1950	124.544	
1960	170.134	ALTAVILA (1979, p. 120)
1970	269.415	ALTAVILA (1979, p. 120)
1980		CENSO IBGE 80
1990		CENSO IBGE 90
2000	797.759	CENSO IBGE 2000
2010	932.748	CENSO IBGE 2010
2014	1.005.319	CENSO ESTIMADO

FONTES: ESPÍNDOLA/LIMA JÚNIOR/COSTA/ALTAVILA/FUNDAÇÃO IBGE-CENSO DEMOGRÁFICO.

Da população de Maceió em 1870, segundo Thomas do Bonfim Espíndola era de 15.787 habitantes saltando duas décadas depois para quase 100% da população que existiu anteriormente. Entre 1900 no início do século XX, era de 38.412 habitantes aumentando-se para 74.166 habitantes, havendo um crescimento de 35.754 habitantes a mais do que no período anterior.

Alagoas na década de 1920 tinha 15 usinas onde a sua economia estava alicerçada na produção e comercialização de tecidos, algodão, arroz do rio São Francisco, milho, álcool, caroço de algodão, mamona e cachaça.

Em 1927 o açúcar se encontrava em plena crise e estava a mercê dos especuladores dos mercados nacional e estrangeiro objetivando superar a crise realizou-se em maio de 1927 a Conferência Açucareira do Recife com representantes dos Estados de Alagoas Pernambuco, Paraíba, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, onde foram tomadas decisões objetivando impedir a queda vertical dos preços, não esquecendo que em 1929 aconteceu a crise geral do sistema capitalista.

Entre 1940 para 1950 a população sai de 90.253 habitantes em 1940 para 124.544 habitantes em 1950, acontecendo um crescimento superior a 60% do percentual da sua população fruto de um processo de reordenamento do setor canavieiro em Alagoas depois da criação do Instituto do Açúcar e do Alcool e de um processo crescente de êxodo rural para as cidades que se intensificaram nas décadas de 1960/70, quando essa migração ocorreu do interior em direção a capital do Estado de Alagoas fazendo crescer além do que já existia um número avolumado de favelas que possibilitaram a ocupação desordenada de áreas na capital que até então não estavam totalmente ocupadas (isto não quer dizer que estas áreas não

tivessem os seus devidos proprietários) principalmente entre 2000/2010 quando o crescimento da população feminina teve um “incremento” de 421.187 habitantes para 496.256 havendo um crescimento de 75.079 mulheres que teriam nascido ou vindo morar em Maceió naquela década. Ver quadro 2.

Quadro 2 -MACEIÓ: População por Gênero e Rural- Urbana (2000\2014).

Localização/gênero	2000	2010	2014
Feminina	421.187	496.256	-
Masculina	376.572	436.492	-
Rural	1.955	619	-
Urbana	795.804	932.129	-
Total	797.759	932.748	1.005.319

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Quanto à população masculina ela cresceu num percentual mais baixo do que do das mulheres passando de 376.572 habitantes no ano 2000 para 436.492 habitantes em 2010, havendo o nascimento de 59.920 homens em Maceió naquela década ou que escolheram Maceió para morar.

A população rural em si da cidade de Maceió reduziu-se de 1955 habitantes em 2000 para 619 habitantes uma década depois ao passo que a população urbana ela cresceu de 795.804 habitantes no ano 2000 para 932.129 habitantes em 2010.

Em Maceió cerca de 93,3% da sua população é beneficiada pelo serviço de coleta de lixo, 81,7% tem água encanada e tratada e uma cifra vergonhosa e ao mesmo tempo preocupante de 23,2% de sua população beneficia-se dos serviços de Esgoto Sanitário.

Entre 1940 para 1950 a população sai de 90.253 habitantes em 1940 para 124.544 habitantes em 1950, acontecendo um crescimento superior a 60% do percentual da sua população fruto de um processo de reordenamento do setor canavieiro em Alagoas depois da criação do Instituto do Açúcar e do Alcool e de um processo crescente de êxodo rural para as cidades que se intensificaram nas décadas de 1960/70 principalmente entre 2000/2010 a população feminina teve um “incremento” de 421.187 habitantes para 496.256 havendo um crescimento de 75.079 mulheres que teriam nascido ou vindo morar em Maceió naquela década.

Quadro 3 - MACEIÓ: Educação (2014)

Educação (origem)	Escolas	Matrícula Ensino Fundamental	Matrícula Ensino Médio
Estadual	106	41.055	19.814
Federal	2	-	1.914
Municipal	132	36.455	-
Privado	477	44.742	11.829
Total	717	122.252	33.557

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Quanto ao processo de educação segundo o censo demográfico de 2010 cerca de 86.268 dos seus alunos regulares nas escolas públicas municipais e particulares da cidade de Maceió são menores de 6 anos de idade; 146.777 estão na faixa etária de 6 a 14 anos de idade e 51.176 já se encontram em outra faixa etária dos 15 aos 17 anos conforme podemos observar o (quadro 3) acima de matrícula inicial por nível de ensino e avaliação das matrículas entre 2005 e 2010 assim como é importante observa-se também os dados relativos a formação docente dos professores no município de Maceió. Como podemos observar abaixo o quadro 4.

Quadro 4 - MACEIÓ: Formação Docente por Dependência Administrativa (2010)

Grau de instrução	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
Fund. Incompleto	30	-	2	10	18
Fund. Completo	40	-	6	6	28
E Médio	3. 196	2	689	847	1.658
Superior Completo	6. 103	148	2. 358	1. 890	1. 707

FONTE: MEC\ INEP

Quanto a formação dos docentes observa-se que em relação ao grau de instrução no ensino fundamental o índice é mais elevado na rede privada, e o ensino médio na rede municipal também se comparado com o federal.

O grau de instrução na esfera estadual é mais alto do que na municipal, com diferença de 468.

Quadro 5 - MACEIÓ: Educação Taxa de Rendimento Escolar (2013).

Indicadores Educacionais	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Taxa de abandono na rede pública	10,8%	19,2%
Taxa de aprovação na rede pública	73,7%	70,4%
Taxa de reprovação na rede pública	15,5%	10,4%

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

São menores de 6 anos de idade onde cerca de 146.777 estão na faixa etária de 6 a 14 anos de idade e 51.176 já se encontram em outra faixa etária dos 15 aos 17 anos. Conforme podemos observar o quadro de matrícula inicial por nível de ensino e evolução das matrículas entre 2005 e 2010.

Quanto à questão da saúde muito bem sabemos que existe uma rede de postos de saúde de atendimento ao público, mais o primeiro princípio do processo de obter e estar com saúde depende inevitavelmente do que se come, como se alimentam as pessoas, quais os hábitos alimentares de cada pessoa, como fazer a precaução para não adoecer e do por que não tomar remédios e não se automedicar que são ações ou atitudes fundamentais para evitar doenças e a própria higiene e o cozimento dos alimentos de forma correta, mas a fome é um dos principais fatores da doença das pessoas além da falta ou pouca higiene nos hábitos do dia a dia de cada pessoa. Vejamos o (quadro 6) abaixo referente às doenças e o quanto elas vem se alastrando nos últimos anos:

Quadro 6 - MACEIÓ: Saúde (2013).

Tipos de doenças	Quantos casos
AIDS	184
Coqueluche	79
Dengue	3.682

Febre Tifóide	1
Gestante HIV+	59
Hanseníase	116
Leishmaniose tegumentar América	5
Leishmaniose visceral (calazar)	2
Leptospirose	33
Malária	3
Meningite Meningocócica	27
Meningite por Haemophilus	1
Outras Meningites	78
Rubéola	-
Sífilis Congênita	222
Tétano acidental	1
Tétano neonatal	-
Tuberculose (todas as formas)	526
Doenças de Chagas	-
Esquistossomose	-
Crianças exposta ao HIV	70
Hepatite A	51
Hepatite B	25
Hepatite c	17

FONTE: Enciclopédia. Municípios de Alagoas (2015)

Quadro 7 - MACEIÓ: Saúde Pública (2013): Profissionais da Saúde.

Especialidades Médicas	
Anestesista	323
Cirurgião geral	373
Clínico geral	789
Obstetra	617
Médico da família	91
Pediatra	599
Psiquiatra	105

Radiologista	264
Outras especialidades	2.904
Médicos- total	6.069

FONTE; FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Como fazer a precaução ou tomar os devidos cuidados para não adoecer e do porque não se automedicar ou tomar remédios sem uma prescrição médica, que são atitudes fundamentais tanto quanto dá sua própria higiene corporal tomando banho todos os dias e não esquecer de lavar as mãos antes e após as refeições que evitam doenças tanto quanto o processo de cozimento dos alimentos de forma correta, mas é a fome um dos principais fatores juntamente com a ignorância que aceleram o processo de alastramento das doenças e enfermidades que muitas vezes causam a morte de crianças e adultos.

Quadro 8 - MACEIÓ: Emprego: pessoas com vínculos empregatícios em ocupações formais (2012\2013)

Agropecuária	1.049	1.009
Comércio	49.999	52.598
Construção Civil	30.134	28.245
Indústria	21.173	20.030
Serviços	157.342	159.643
Total	259.697	261.525

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Quanto à questão da disponibilidade do mercado de trabalho na cidade de Maceió (capital do Estado de Alagoas) o setor predominante ainda é o Estado através da quantidade de pessoas que são funcionários públicos estaduais distribuídos entre as várias repartições públicas e autarquias (que prestam serviços ao governo de forma direta ou indireta, ou são empresas de economia mista, porém o chamado setor agropecuário que existem na área rural no município de Maceió são elas algumas usinas como a Usina Cachoeira do Meirim que encontrasse hoje fechada que é de propriedade dos herdeiros da família do industrial já falecido Carlos Lyra, assim como algumas fazendas de criações de gado espalhadas por essa zona rural do município; em segundo lugar a nível dos setores co-responsáveis pela criação e

manutenção de empregos está o setor do comércio que teve um crescimento até significativo para o setor entre os anos de 2012\2013 como segundo podemos ver no quadro acima.

Os setores da construção civil e da indústria de transformação entre o período de 2012 para 2013 houve um processo de retração da produção em ambos os setores havendo apenas um crescimento um pouco maior no setor de serviços segundo podemos observar no quadro acima apresentado

Quadro 9 - MACEIÓ: Assistência Social: Famílias Assistidas pelo Governo Federal (2014)

Famílias	
Número de famílias com o bolsa família	84.897
Pessoas inscritas no Cadastro Único- total	419.848.00

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Apesar da cidade de Maceió ser uma cidade muito bonita a beira-mar ela “esconde” uma realidade bem mais trágica que é a enorme desigualdade social e distribuição de renda onde apenas uma pequena minoria da sua população pode usufruir da sua beleza, dos seus pratos típicos ou do seu conforto porque a grande maioria da sua população mais pobre e miserável vivem em torno da sua periferia em que na sua grande parte delas se utilizam de alguns programas do governo federal para sobreviverem no seu dia a dia.

Muito bem sabemos que o saneamento é um fator estratégico para assegurar a vida e a qualidade delas as pessoas, onde até antes da década de 1920\30, toda a população da cidade de Maceió (capital) não tinha rede de água encanada na sua totalidade, mesmo sabendo que foi o “riacho do Silva” em Bebedouro o primeiro que abasteceu a cidade de Maceió, mas não a toda cidade. Ver quadro 10.

Quadro 10 - MACEIÓ: Saneamento (Serviços de água e esgoto 2013).

Especificação	Água	Esgoto
Extensão da rede (km)	1.444,00	318,40

População total atendida	943.410,00	371.767,00
Quantidade de economias ativas	186.783,00	77.512,00
Quantidade de ligações ativas	134.839,00	40.656,00
Volume coletado (1000 m3)	-	11.540,50
Volume consumidor (1000 m3)	28.256,42	-
Volume faturado (1000 m3)	29.678,92	11.540,50
Volume produzido (1000 m3)	72.982,86	-
Volume tratado (1000 m3)	-	11.540,50

Fonte: Enciclopédia municípios de Alagoas: (2016)

Já que “eram as cacimbas nas portas das casas”, (como mostra a figura 7), que garantiam o abastecimento d’água para a cidade de Maceió até a rede ser ampliada e beneficiar os seus moradores, isto durante o governo de Arnon de Melo, na década de 50.

Figura 7. Cacimba do Braga.



Fonte: SILVA (2018, p. 185) Cacimba do Braga.

Quanto ao sistema de esgoto da cidade de Maceió ele ainda é falho não abrangendo toda a cidade onde se encontra várias áreas da cidade com esgoto a céu aberto ainda hoje.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na cidade de Maceió relativo ao ano de 2010, ele se apresenta ainda baixo se comparado a outros estados da Federação brasileira, mas ele é o mais alto de Alagoas pelo fato da capital do Estado de Alagoas (apesar de ainda ter as suas diferenças em vários outros setores da atividade humana) é onde tem as condições logísticas minimamente necessárias para se ter uma qualidade de vida razoável ou no mínimo boa. Vejamos o quadro 11 a seguir:

Quadro 11 - MACEIÓ: Índice de Desenvolvimento Humano (2010).

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Renda	0,739
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Longevidade	0,799
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Educação	0,635

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – total	0,721
--	-------

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

Quanto ao consumo do sistema de Energia Elétrica que abastece a cidade de Maceió e ao restante do Estado de Alagoas, antes era feito pela CEAL (Concessionária Estadual de Energia Elétrica) que foi incorporada pela Eletrobrás que apresenta os seguintes dados relativos à cidade de Maceió. Vejamos o quadro 12 abaixo:

Quadro 12 - MACEIÓ: Energia Elétrica Consumo e Consumidores por classe (2014)

Classes	Consumo (Mwh)	Consumidores
Comercial	498.598	26.666
Consumo próprio	1.999	18
Iluminação Pública	43.407	57
Industrial	122.009	906
Poder Público	82.648	1.095
Residencial	607.543	286.779
Rural	3.421	163
Serviço Público	54.708	227

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

A agropecuária na cidade de Maceió tem na cana-de-açúcar o produto com maior peso na sua economia, vindo em segundo lugar à extração do coco-da-baía e o setor do turismo e do comércio (importação e exportação) e o próprio comércio local como setores importantes da nossa economia. Vejamos os produtos com seus respectivos dados no quadro 13 abaixo:

Quadro 13 - MACEIÓ: Agropecuária (2013).

Agropecuária	
Cana-de-açúcar – (t)	593.997
Coco-da-baía –(mil frutos)	1.620

Mandioca –(t)	20
Castanha	0
Produção de leite –(mil litros)	875
Produção de ovos de codorna – (mil dúzias)	96
Produção de ovos de galinha –(mil dúzias)	0
Produção de mel de abelha –(kg)	0
Codornas –(cabeças)	4.000
Bovinos –(cabeças)	3.411
Vacas Ordenhadas – (cabeças)	906
Suínos –(cabeças)	500

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

A economia da cidade de Maceió apresenta-se altamente diversificada e ao mesmo tempo complexa com um setor de serviços, que está em processo de expansão ao longo dos últimos anos. Vejamos o quadro 14 a seguir:

Quadro 14 - FINANÇAS PÚBLICAS: Repasses Estaduais (2014)

Repasses Estaduais	2014 Valor (R\$ 1,00)
Repasso anual de Impostos – ICMS	168.220.845,24
Repasso anual de Impostos – IPI	247.526,76
Repasso anual de Impostos- IPVA	45.459.481,70
Repasso anual de Impostos- ROYALTIES	2.454.396,88

FONTE: Enciclopédia Municípios de Alagoas (2015)

2. FORMAÇÃO HISTÓRICA DE MACEIÓ

Para início de conversa quem primeiro descobriu o nosso litoral- assim como o agreste e o sertão alagoano também foram os nossos ancestrais paleo-índios (avôs e avós dos nossos índios por assim dizer) os antropólogos quando identificaram os estudos dos achados pré-históricos por eles deixados ao longo da sua passagem pelo atual território alagoano, transformados em fósseis, cascas de pedra, pontas de flechas, fogueiras (indícios de), objetos ceramistas e outros que no passado marcaram a sua passagem pela terra.

Uma das principais heranças culturais paleo-índios e indígenas presentes na cidade de Maceió ficou marcado na sua (toponímia) quer dizer nome do lugar ou lugares de origem ou ascendência indígenas presentes na cidade de Maceió ou até do Estado de Alagoas, como por exemplo dos nomes: Maceió, Pajuçara, Coruripe, Pratagy, Jatiúca, Mangabeira, Araça, Camaragibe, Mundaú, Manguaba, Paripueira, Guaxuma, Guaximim, Gulandim, Jacarecica, Ipioca, Jacuípe, Jacutinga, Jacu (Ave da Mata Atlântica) Sabia, Japaratinga, Maragogi, Sinimbú, Maçaranduba, Sucupira, Jatobá, Traipú, Suaçui, Sururu, Tibiriçá, Piaçabuçu, Murici, Pindoba, Curimã, Carapeba, Coité, Muçum, Tatu, Tocaia, Atalaia, Xareu, Xexéu, Jenipapo, Jacaré- Jacarecica, Puça, Piaçava, Pitu, Jerimum, Guiamum, Macaxeira, Caatinga, Guriatã, Ipanema, Urupema, Maçunim, Cajueiro, Imburana, Jurubeba, Maruim, Jacarandá, Piaba, Pitomba, Curió, Umbu, Mauacá, Tucano, Juá etc., e milhares de outras expressões que hoje já fazem parte da língua portuguesa do Brasil.

No parágrafo abaixo vamos apresentar algumas destas palavras mais comumente utilizadas em Alagoas com a sua devida tradução do Tupi-Guarani para a língua portuguesa. Alguns adeptos ou representações que comprovam as presenças étnicas e culturais; foram elas a presença indígena, africana e portuguesa; bastante marcantes na historicidade da cidade de Maceió.

A herança cultural indígena está presente na toponímia local em nomes de rios, riachos, serras, acidentes geográficos, nomes de bairros, praias em também em algumas expressões culturais.

Os topônimos Maceió, Jaraguá ou Pajuçara é de origem indígena, vem da língua Tupi, Maçayó ou Maçαιο-k que significa- o que tapa o alagadiço, terreno alagadiço.

O topônimo de Jaraguá, herança indígena, temos seguintes significados: iara (senhor) e iguá (bom) ou guá (pintado)- João Severiano Fonseca; jara (senhor) e guá (enseada), enseada do senhor- Dias Cabral: Yara- guá, enseada do ancoradouro ou Yara-guá- enseada das canoas-Moreira e Silva.(PEDROSA, 1998 p.65).

A palavra Pajussara escrita com dois **ss** também é de origem Tupi, mas hoje se escreve Pajuçara com **ç**, este é um bairro de Maceió. Esta palavra tem significados diferentes: „terra dos espinhos” ou “região dos espinhos”. E para o dicionarista alagoano Aurélio Buarque de Holanda o nome pajuçara significa “muito grande”.

A seguir algumas palavras indígenas presentes na cidade de Maceió:

Maceió: Toponímia indígena	
ABACAXI (beco no bairro do Farol) “IABACAXI”	“Fruta cheirosa”.
AIMORES (Travessa no bairro da levada) “AIM-BORE”	“Flauta ruim, espécie de flauta de taquara”.
ANDARAI (vila próxima ao centro comercial de Maceió) “ANDIRA-Y”	“Rio dos morcegos”.
ARAÇÁ (Rua localizada no bairro da Pajuçara) “AR-AHÁ”	“Estação, época, fruto do Araçaizeiro, que marca as estações do ano”.
ARACATI (Rua no Tabuleiro dos Martins) “ARA-CATY”	“Maresia ou ar impregnado de mal-cheiro”.
ARAGUAIA (Rua de Bebedouro) “Aragua-a”	“papagaio grande e manso”.
ARAPIRACA (Vila no bairro do Farol) “ARA-PI-RACA”	“O pau de casca solta, certa árvore”.
ARATICUM (Rua do bairro de Jaraguá) “ARA-TICUM”	“Fruto que resuma ou que escorre, libera um líquido”.
BOCAIÚVA (Avenida Quintino, no bairro da Pajuçara) “corruptela do termo MACAÚBA” ou “MACABA-YBA”	“Fruta carnuda, polposa”.
CAIEIRAS (Rua no bairro do Poço) “CAÁ-VERA”	“Que já foi queimada, ou madeira que já foi queimada”.
CAIRÚ (Rua do bairro de Bebedouro)	“Árvore de folha escura,

“CUÁ-Y-RU”	variedade de mangue”.
CAJUEIRO (Rua no bairro do Farol) ACÁ-YU acrescido do sufixo português EIRO.	“Fruto acuado ou árvore dos caju”.
CAMARAGIBE (Rua no bairro de Bebedouro) “CAÁ-MBARÁ+GYBE”	“Planta variegada, caminho do riú ou rio dos camarás ou cambarás”.
CAMBONA (Bairro do) CAÁ-BO ou CAMBOA-GAMBOA	“Feixe ou cinto de ramagem”.
CAPIM (Rua próxima ao centro de Maceió, nas proximidades da Rua Senador Mendonça	“Planta de folha fina”.
CARAMURUS (Rua no bairro do Prado)	“Peixe úmido, molhado”.
CAROATÁ (Vila localizada no bairro do Farol) “CARA-UÁ”	“Talo provido de espinhos da planta da caroá, rijo duro”.
CATUABA (mais conhecido como Alto do Catuaba, localizado no bairro de Bebedouro) “CAÁ-TUAM”	“Mato taludo, crescido”.
CEARÁ (Rua no bairro do Prado)	“Fala ou canto do papagaio”.
CIPÓ (Beco do Cipó, localizado em Jaraguá) “ICI-PÓ”	“Trepadeira, fibra que pega, se enrosca”.
COTINGUIBA (Rua onde hoje existe a Praça Marechal Deodoro) “CUTING-YBA”	“Árvore que se utiliza como mastro da vela das embarcações”.
CURITIBA (Rua localizada no bairro do Poço) “CURI-TYBA”	“Pinheiral ou estância dos pinheiros”.
CORURIBE (Rua no bairro do Farol) “CURU-R-YPE”	“Rios dos seixos, rio das sopas”.
GARÇA TORTA (Riacho e povoado localizado no litoral norte de Maceió).	“Racho farto”.
GOIABEIRAS (Povoado localizado próximo a Fernão Velho) “ACoyABA”	“Que significa o ajuntamento, a pinha-de-carço acrescido do sufixo “BEIRA” formador de coletivos”.
GOIÁS (Rua localizada no bairro do Farol)	“Indivíduo parecido,

“GUÁ-YA”	semelhante, parente”. Nome de uma tribo selvagem.
GOITACASES (Rua no bairro do Prado, conhecida também como Rua Sargento Jaime) “GUAY-ATACÁ”	“Indivíduo veloz, grande corredor”.
GUIACURUS (Rua no bairro do Prado). Essa tribo indígena foi representada através das Aquarelas de Jean Baptista Debret.	“Indígena sarnento, cheio de pequenas pústulas”.
GUAJARARAS (Antiga travessa de Cravo na Pajuçara) “GUAY-YARA”	“Indivíduo perito em apanhar caranguejos”. Nome de uma tribo indígena no Maranhão.
GUARARAPES (Vila localizada no bairro da levada) GUARARA-PE	“Entre os tambores ou ao som dos tambores”. Nome de um monte onde teria travado batalhas contra os holandeses em Pernambuco.
GUAXINIM (Pequeno Rêgo do Guaxinim, localizado no bairro do Poço) “GUA-CINIM”	“Aquele que vive rosnando, o roncador”.
GUAXUMA (É um bairro localizado no litoral norte de Maceió) “GUÁ-CYMA”	“Coisa lisa ou lustrosa, planta têxtil lustrosa”.
GULADIM (Riacho e antiga rua no bairro do Poço ou Rua Pedro Américo) “GOLAN-DIM ou GUÁ-NHANDI”	“Árvore viscosa, grudenta ou pássaro azulado”.
HUMAITÁ (Rua no bairro do Farol) “MBAITÁ”	“Papagaio pequeno”, “maitaca”.
INGAZEIRA (Rua no bairro do Farol, conhecida como Rua Gonçalves Dias) “Y-INGÁ” “Y-INGÁ”+sufixo GAZEIRA	“Que é úmido ou sumarento, capacidade de ser úmido”.
IPIOCA (Riacho e bairro no litoral norte de Maceió)	“Casa do chão, maloca ou tapume de terra”.

“YBY-OCA”	
IPIOQUINHA (Riacho localizado no norte de Maceió)	“Pequena maloca”.
IPIRANGA (Rua no bairro do Farol) “Y-PIRANGA”	“Rio vermelho ou pardo”.
IRAJÁ (Rua conde de Irajá no bairro da Pajuçara) “IRA-IJA”	“Produtora de mel ou abelha típica de mata atlântica brasileira”.
ITAMBÉM (Rua existente entre os bairros do Poço e Pajuçara) “ITA-AIMBÉ”	“Pedra ou penedo pontiagudo, cortante”.
ITATIAIA (Rua no bairro do Farol) “ITÁ-TIÃI”	“Ponta ou penhasco de ponta”.
JACARÉ (Rio das cabeceiras do riacho de Jacarecica) “YA-CARÉ”	“O que é torto, curvo ou o que olha de esguelha ou o que fica a espreita”.
JACARECICA (Rio e bairro localizado no litoral norte de Maceió) “YCARE-ACICA”	“A postado Jacaré ou barba ou grude do jacaré”.
JÁCUTINGA (Alto de Jacutinga, nome antigo do bairro no Farol) “YA-TINGA”	“Jacu branco ou área do barro branco”.
JARAGUÁ (Rua Barão de, bairro e principal porto da cidade de Maceió) “YAAR-Á-GUA”	“Enseada das canoas ou enseada do ancoradouro”.
JATIÚCA (Bairro a beira-mar localizado ao norte da cidade de Maceió) “Y-ATI-ÚCÁ”	“O que finca ou enfia a tromba, carrapato”.
JATOBÁ (Rua localizada no bairro da Levada ou na Rua Franco Jatobá) “Y-ATA-OBÁ”	“Árvore que tem a casca dura, usando comumente na indústria da movelaria, portas, janelas, esquadrias”.
JUBIM OU JOBIM (Rua localizada no bairro da Levada, ou Franco Jatobá)	“Pequena mansão ou pouso, descanso”.

<p>“YUB-IN”</p>	
<p>JUCÁ (Rua localizada no bairro do Farol, Rua Clarêncio Jucá) “YUCÁ”</p>	<p>“Matar ou árvore de madeira dura que os índios faziam os seus tacapes”. (instrumento de guerras, lutas ou execução dos prisioneiros).</p>
<p>MANAUS (Rua do bairro do Prado)</p>	<p>“Nome de uma tribo indígena do Amazonas da grande nação aruaco”.</p>
<p>MANGABEIRA (Avenida e bairro de mangabeira localizado ao norte da capital alagoana atual Avenida Gustavo Paiva) “MONG-ABA”</p>	<p>“Grude, visco, cola ou látex proveniente do pé de mangabeira ou fruto da mangaba, grudenta”.</p>
<p>MANGUABA (Avenida anteriormente existente no bairro do Prado) “AMN-GU-AB”</p>	<p>“Fonte bebedouro ou fonte de água da chuva”.</p>
<p>MARABÁ (Rua travessa ou beco localizado no centro de Maceió hoje Rua Agerson Dantas) serra existente no Estado de Alagoas. “MARAB” ou “MARABÁ” “MBAE-IRA+ABA”</p>	<p>“Confusão barulho ou estrangeiro que vive afastado”.</p>
<p>MARAGOGI (Vila anteriormente existente no bairro da Ponta Grossa) “MA-RA-Ú-HY”</p>	<p>“O que chupa ou absorve o maracujá ou rio dos maracujás”</p>
<p>MARANHÃO (Rua localizada no bairro da Ponta Grossa) “MBARÁ-NAÃ</p>	<p>“A grande coleção da água que corre”. Ou mar corrente ou que parece um mar a correr.</p>
<p>MIRIM (Rio, localidade ao norte de Maceió e Usina Cachoeira do Mirim) localizada próximo ao complexo habitacional Benedito Bentes. “Y-GUARA-TINGA-MIRIM”</p>	<p>“Rio pequeno de garças brancas”.</p>
<p>MUNDAÚ (Laguna localizada na parte mais baixa da cidade de Maceió, no seu litoral sul ou orla lagunar)</p>	<p>“Bebedouro dos ladrões ou rio das chuvas ou das cascatas ou chuva má, tempestade”.</p>

“MONDA-Ú” ou “AMANDA-U”	
MUNGUBA (Rua existente no bairro do Farol) “MONGOBA” ou “MOGUBA”	“O que atura resistente, duradouras ou árvore visguenta”.
MURICI (Vila no bairro do Farol) “MORICI”	“Material resinento, pegajoso ou aquele que produz resina, decorrente do pé-do-muricizeiro”.
NITERÓI (Rua localizada no bairro do Farol) “YTERÓ”	“Água remida, acelerada ou mar escondido”.
NUPORANGA (Núcleo habitacional existente no bairro do Farol) “NHUM+PORANGA”	“Campo bonito, aprazível ou vegetação rasteira”.
OITICICA (Rua tradicional do bairro do Farol Dr. Alfredo Oiticica) “UI-TI-CICA”	“Oitizeiro baixo que produz resina”.
OITIZEIRO (Rua do bairro de Jaraguá, antiga rua do Rato, hoje incorporada a Avenida Maceió) “UTI+ZEIRO”	“Massa, polpa apertado, fruto-do-pé de oitizeiro”.
OURICURI (Antiga rua no bairro do Prado ou comunidade do Ouricuri hoje Rua João Lúcio Marques) “URICURI ou ARY-CORI”	“Cacho anivelado, pequeno ou multiplicado”.
PAISSANDU (Rua localizada no bairro da Levada) “PAY+CANDU”	“Pai ou padre curvado, torto ou padre corcunda”.
PAJUÇARA (Bairro tradicional da orla marítima da cidade de Maceió, ao norte da cidade) “PEYUÇARA”	“O fole, o soprador ou lugar espinhoso, cheio de espinhos”.
PARÁ (Avenida localizada no bairro do Farol) “YPARÁ”	“Rio cauleoso, o mar ou rio-mar ou ainda água que a todas colhe ou revolto, agitado”.
PARAGUAÇU (Rua localizada no bairro do Farol por trás do convento dos capuchinhos) “PRAGUÁ-Y”	“Rio abundante, grande”.
PARAÍBA (Rua localizada no bairro do Farol)	“Rio ruim, acidentado

“PARÁ-AYBA”	impróprio para a navegação”.
PARANÁ (Rua localizada no bairro do Poço) „PARÁ-NÃ”	“Rio grande que parece com o mar”.
PERNAMBUCO (Antiga rua do bairro do Poço) “PARÁ-NÂ-MBUCA”	“A entrada ou furo do lagamar”.
PERNAMBUCO NOVO (Antiga rua no bairro da Levada)	“A entrada ou furo do lagamar”.
PIABAS (Rua das Piabas, localizada no bairro do Farol) “PY-YÁU”	“Pele manchada, ou um peixe comum na bacia do Rio São Francisco” – “O PIAU” (Todo pintadinho, rajado na linguagem popular)
PIAÇABUÇU (Antiga rua existente na Ponta Grossa) “PEAÇAB+AÇU”	“Porto grande ou piaçaba grande, ou palmeira com que se fazem vassouras””.
PIAÚÍ (Rua existente na Ponta Grossa) “PY-YÁU”	“Peixe piau, ou piaba, rio das piabas”.
PIRI- PIRI (Rua localizada no bairro do Farol)	“Piri significa junço, onde a duplicação quer dizer coletivo ou reunião, ou esteira de piri-piri”.
PITANGA (Rua localizada no bairro do Farol) “PIRANGA”	“Nome retirado de um riacho existente na região ou fruto vermelho””.
PITANGUINHA (Rua localizada no bairro do Farol) “PITANG-Y”	“Rio das pitangas”.
PRATAGY (Rio e localidade localizado ao norte da cidade de Maceió) “PARA-TÁY-IK”	“Rio que desce ou deságua sobre pedras ou rio das tainhas”.
QUIXABAS (Rua existente na Pajuçara, hoje Firmino Vasconcelos) “KIÇABA”	“Ninho onde as aves põem os seus ovos, ou produto produzido pela árvore quixabeira”.
SERGIPE (Rua existente no bairro do Farol)	“Rio dos siris”.

“CIRI-GY-PE”	
SINIMBÚ (Praça localizada no centro da cidade de Maceió, entre o Espaço Cultural da Ufal Salomão Barros Lima e o Tribunal Regional Eleitoral) “CYNIM-BU”	“O lustroso, ou furta cores o camaleão”.
SIRIBA (Canal existente na Lagoa Mundaú) “CIRI-YBA”	“Árvore dos siris”.
SUAÇUI (Rio localizado ao norte da cidade de Maceió que separa Barra de Santo Antônio) „SAUAÇUHY”	“Rio dos animais grandes (veados)”.
SURURU (Prato do sururu, ou ancoradouro localizado no bairro da Levada) “ÇÓÓ-RURU”	“Bicho miúdo, milhado ou atolado”.
TABAJARAS (Rua localizada no bairro do Poço) “TABA-JARÁ”	“Moradores ou senhores da aldeia ou taba”.
TAMANDARÉ (1-Rua localizada no bairro do Prado. 2- Rua Marquês do Tamandaré no bairro do Poço) “TAM-MOIN-NDARÉ”	“Aquele que formou uma nação, ou povoado”.
TIBIRIÇA (Rua existente nos bairros do Farol e Bebedouro). No Farol é conhecida como Rua Iris Alagoense “TYBY-REÇARA”	“O vigia, o guardião da terra”.
TIMBIRAS (Rua existente no bairro da Ponta Grossa) “TYMBYRA”	“O amarrado, escravizado”.
TOCANTINS (Vila existente no centro da cidade de Maceió) “TU-CÃ-TIM”	“Bico muito grande, nariz de tucano”.
TRAIPU (Rua Barão de Traipú, localizada no centro da cidade de Maceió, antiga Rua Nova) “ITYRA-YPU”	“A fome do morro”.
TUPINAMBÁS (Rua existente no bairro da Levada)	“Aquele descendente dos tupis”.

“TUPI-NÃ-MBÁ”	
UBIRAJARA (Rua localizada no bairro do Poço antigo, “pescoço de ganso”) „YBIRA-YGARA”	“O pau-de-canoa e nome de uma árvore e personagem do romance de José de Alencar”.
URUBU (1-Alto do urubu, localizado no bairro de Bebedouro. 2-Beco da travessa de Jaraguá) “URU-BU”	“Ave voraz, insaciável, fedorenta”.
URUGUAI (Rua localizada no bairro de Jaraguá) “URU-GUA-Y”	“A baia ou enseada dos urus (espécie de galináceos) ou cesto fabricado pelos indígenas”.

FONTE: SANTIAGO (1980, p. 17, 29)

Quem reside em Maceió, muitas vezes desconhecem sua história, sua longa trajetória até tornasse capital. Massayo como era chamada pelos índios que habitavam essa terra, eles se dedicavam à caça e a pesca, já que a região era propícia devido as suas águas marinhas, lacustres e fluviais. Porém esses habitantes não imaginavam que seus dias de tranqüilidades estavam ameaçados, isso devido à presença dos estrangeiros que provocou reviravoltas ao pisar em solo alagoano.

Nos primórdios, no território alagoano residiam três tipos diferentes de tribos: os Tupis que abrangiam os Caetés, os Potiguaras, os Tabajaras, os Abacatiaras os Aconans ou Cariris e os Coropatis, os MoriQUITOS, os Umans, os Vouvés e os Carafbas estes viviam na parte do Sertão de Alagoas.

No século XVI onde hoje se localiza o Estado de Alagoas foi invadida pelos franceses, mas em 1535 os portugueses sob o comando de Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco retomaram a região. Duarte Coelho organizou duas expedições, alguns vilarejos foram fundados, como por exemplo, o de Penedo. Ele também incentivou o plantio de cana-de-açúcar e a formação de engenhos.

Alagoas só foi elevada à categoria de Comarca em 1706; este seria o primeiro passo para que ela alcançasse sua autonomia que viria mais tarde. E no dia 9 de outubro de 1706 foi criada a Comarca de Alagoas; isto foi essencial para o desenvolvimento do território alagoano, que na época pertencia a Pernambuco.

A respeito da origem da cidade de Maceió duas teorias tentam explicar a sua origem histórica. A primeira delas apoiada nas argumentações defendidas pelos historiadores mais tradicionais como Craveiro Costa, Tomás Espíndola, Pedro Paulino da Fonseca, Moreno

Brandão, Jayme de Altavila e Alfredo Brandão; que apoiaram o seu ponto de vista no fato de que quando foram cavar os alicerces da Assembléia Legislativa Estadual se encontrou os restos do que foi ou teria sido o Engenho Massayó e daí levantou-se a tese de que a cidade de Maceió ter-se originado daquele antigo engenho banguê instalado nas proximidades da Praça da Assembléia, atual Praça D. Pedro II, (vejamos a figura 8), em frente à Catedral Metropolitana de Maceió e lateral ao Prédio da Assembléia Legislativa Estadual.

Figura 8. Foto da Praça D. Pedro II e a Catedral ao fundo.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/464785624034056575/>

Esta tese permaneceu por muito tempo como única explicação histórica da existência da vila, cidade e atual capital do Estado de Alagoas até que em 1972 o historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana encontrou o testamento do último proprietário do Engenho Massayó, onde quando da análise daquele documento se revelou uma série de contradições históricas e abriu possibilidades para vincular um conjunto de novos fatos históricos e esboçar-se uma nova teoria explicativa sobre a origem de Maceió, não mais na existência do Engenho Massayó mas sim agora apoiado na evidência da existência da “aldeia de pescadores” e do porto de Jaraguá onde a cidade em torno delas teria se originado e se consolidado econômico, social e financeiramente devido a sua posição geográfica, favorável do local para ancoragem e o seu intenso comércio que foi se consolidando por causa do embarque e desembarque de mercadorias.

A tese do Engenho banguê como já foi dito de acordo com um conjunto de contradições abaixo expostas começou a se revelar inconsistente para auto justificar ela permanece como postulante ao cargo de “origem da vila de Maceió”.

- 1- Evidência- Toda a tipografia da cidade de Maceió se estende por terrenos arenosos (de beira de praia salgadas) ou semi-pantanosos das lagoas que são impróprios para o cultivo da cana de açúcar que preferem os terrenos de massapês. Nos tabuleiros de Maceió ainda não se plantaram cana, pois isto só vai dar na década de 50|60 com o uso dos adubos químicos. Eram em si poucas as áreas adequadas ao seu cultivo na cidade de Maceió.
- 2- Evidência- O Engenho Massayó só teria moído duas (02) vezes e que só moer duas vezes não pagaria nem pelas despesas que ele teria tido com a compra da sua escravaria e manutenção das suas máquinas.

Se ele realmente só moeu duas vezes este fato seria o insuficiente para manter a existência e a permanência da vila, já que um engenho falido ou de “fogo morto” de nada adiantaria para manter a existência daquela vila ou cidade.

Figura 9. Capela antiga (hoje Catedral Metropolitana de Maceió).



Fonte: Maceió Ontem MISA

Fonte: <http://arquiteturaalagoana.al.org.br/index.php/temas/igrejas/igreja-nossa-senhora-dos-prazeres-catedral-metropolitana-de-maceio/>

A capela de Nossa Senhora dos Prazeres é antiquíssima e deve ter sido contemporânea do engenho. Antes dessa inovação, era consagrada a São Gonçalo e pertenceu ao padre Antônio Ferreira da Costa. A capela existiu até 1850, como matriz, quando foi demolida. (COSTA, 1981, p. 09).

A tese defendida pelo professor Moacir Sant'Ana é a de que a cidade de Maceió teria se originado em torno do “porto” de Jaraguá e ao seu redor se consolidado, enquanto espaço de comércio, compra, venda e troca de mercadorias, armazéns e serviços que giravam em torno da sua posição geográfica estratégica, principalmente depois do fechamento do porto do Francês, quando ele se tornou o principal porto de exportações do nosso açúcar, algodão, madeiras e resinas vegetais e de importação de sal, querosene, alimentos diversos e artigos de luxo e ferramentas etc.

Hoje a tese do professor Moacir Medeiros de Sant'Ana é a mais aceita cientificamente a respeito da cidade de Maceió, tanto pela Academia como pelos próprios historiadores na atualidade em função da inconsistência científica da primeira tese a respeito da origem da cidade de Maceió.

Como a história da cidade de Maceió está relacionada com a história do bairro do Jaraguá vamos aqui falar um pouco da história daquele bairro, para uma melhor compreensão de todos interessados em conhecê-lo um pouco mais.

Quando da expedição autorizada por D. Manuel I, de 1501 (de reconhecimento e exploração da terra depois da chegada oficial por Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500) teve como comandante Gonçalo Coelho que trouxe na sua tripulação o forasteiro Américo Vespúcio em um dos seus 03 navios- que ficou mais conhecida como a expedição de Vespúcio- que costeou o litoral desde o Rio Grande do Norte até Cananéia, no litoral paulista e mesmo tendo passado pelo litoral de Maceió e não ter feito nenhum registro da sua passagem por ela no seu diário de bordo, não sabendo se aquela passagem teria se dado pela noite ou pelo dia, o certo é que não se registrou de forma alguma, nada dos seus contornos geográficos nem da sua potencialidade, cujos registros só serão feitos no “mapa do Cautino” de 1502 de autoria anônima distribuída a Alberto “Cautino”, agente secreto do Duque de Ferrara, na Itália, trabalhando em Lisboa que contratou um cartógrafo para produzir aquele mapa-múndi (do Cautino), mostrando os novos descobrimentos portugueses, espanhóis e ingleses nas Américas

A divisão por Tordesilhas é que vai evidenciar a Jurisdição das Coroas de Castela e Portugal, sobre aqueles novos territórios, onde aparecem grafados os rios São Miguel e São

Francisco gravados naquele mapa pela primeira vez na história. Os mapas definiram o Brasil como unidade geográfica antes mesmo que se constituísse uma unidade política em torno da afirmação de um Estado e de uma sociedade nacional. A existência das terras recém-descobertas foi confirmada e difundida aos olhos de Juan de La Casa traçado em 1500, no mesmo ano da expedição do descobrimento do Brasil e antes que essa notícia chegasse ao mundo.

É notável a precisão da Costa Norte do Brasil, do atual litoral cearense que foram incorporados amais informações das viagens de Giovanni Caboto (1497\8), Vicente Y. Piuзон, Velez de Mendonza e Cabral até a produção do mapa ou Planisfério do Cautino em 1502. (KNAUSS, 2010, p.20)

Não podemos esquecer que o conhecimento de como produzir ou confeccionar os mapas ou cartas topográficas se transformaram não apenas em objetos de estudo por parte de uma certa elite intelectual, mais também os reis, Estados ou príncipes que passaram a se utilizar deles como instrumento de poder e manipulação por parte deles ou que estavam aos seus serviços.

A área geográfica da “ponta de Jaraguá” seria vista e anotada (registrada em algum livro ou documento) desta vez na obra do cronista colonial Gabriel Soares de Souza que a registrou no seu „Traçado Descritivo do Brasil” de 1587, que assim descreveu a região:

... O rio da Alagoa (que deveria ser a região das lagoas Mundaú ou Manguaba) onde entravam caravelões, o que se diz da Alagoa, que nasce de uma que está afastada da Costa, o qual o rio chamam os índios o Porto do Jaraguá. Se os índios o chamavam de Jaraguá de ancoradouro era porque ele já era usado para o tráfico dos europeus, mas precisamente os franceses, que por ai passavam desde o início do século XVI daí a vocação de Jaraguá como porto. (PEDROSA, 1998, p.18).

Com a morte do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha em 1556 no litoral entre Barra de São Miguel e Coruripe e o processo de “guerra justa” aos Caetés começa um processo de morte, escravidão e possível extermínio daqueles índios Caetés que com sua eliminação sumária ache-se um espaço para a conquista do território do sul da Capitania de Pernambuco (hoje Alagoas).

Não teria sido possível a Manuel Antônio Duro construir uma casa em litoral de Maceió se ele estivesse cheio de índios Caetés.

A sesmaria que recebera de Diogo Soares da Cunha, sesmeiro maior na área desde 1591, era segundo sua escritura de 1611, para ser cultivado, povoado e constituída no espaço de um ano, o que tornou o homem por certo descumpridor de seu contrato. E foi forçado ou mesmo quis passar a sesmaria para Apolinário Fernandes Padilha e possivelmente tenha-se

retirado para Santa Luzia do Norte, onde há registros de sua existência já mais velho. (PEDROSA, 1998, p. 20)

Talvez nunca possamos um dia saber, os reais motivos que teriam levado Manuel Antônio Duro que por volta de 1609 ter construído a primeira casa em Jaraguá que tinha uma visão ampla para os negócios ou ele já sabia que os índios já usavam a “ponta de Jaraguá” como porto porque para construir uma casa de tijolo e telha em Jaraguá que na época era um local desabitado, sem nenhuma casa, onde se tinha apenas a vegetação de restinga e os brejos ou terrenos semi-pantanosos quando o mais comum era escolher-se terrenos mais férteis, próximos as várzeas, com rios onde se poderia plantar a cana de açúcar e instalar-se um engenho banguê.

Existem vários historiadores que descartam a tese de que Antônio Duro tenha sido o responsável pela formação de núcleos populacionais que viria a dar origem á cidade de Maceió, já que não há nenhuma menção nos documentos holandeses de uma expedição holandesa que teria acontecido por volta de 1633, que descrevem minuciosamente o litoral alagoano e não falam da existência de nenhuma casa de Antônio Duro na Pajuçara, embora as terras continuassem constando como ocupadas não tenham sido doadas a outros interessados.

O certo é que o General Labatut a serviço do imperador D. Pedro I, para combater o General Madeira na Bahia conseguiu formar um regimento de alagoanos que foram para a Bahia lutar pela independência do Brasil, na Bahia; além de terem sido construídas várias fragatas integradas à marinha do Brasil, nas guerras pela independência, que Labatut teria descido aqui em Jaraguá e ter começado todo esse processo de convencimento de adesão a causa da independência nas Alagoas.

Eis aqui o Decreto Real assinado por D. João VI, separando Alagoas de Pernambuco:

Convindo muito ao bom regimem deste Reino do Brasil, e á prosperidade a que me proponho eleva-o, que a província das Alagoas seja desmembrada da capitania de Pernambuco, e tenha um governo próprio, que desveladamente se empregue na applicação dos meios mais convenientes para della se conseguirem as vantagens que o seu territorio e situação podem offerecer, em beneficio geral do Estado, e em particular dos seus habitantes, e da minha real fazenda; Sou servido isental-a absolutamente da sujeição, em que até agora esteve, do governo da capitania de Pernambuco, erigindo-a em capitania, com um governo independente, que a reja na forma praticada nas mais capitancias independentes, com faculdade de conceder sesmarias, segundo as minhas reaes ordens, dando conta de tudo directamente pelas secretarias de Estado competentes; e attendendo as boas qualidades e mais partes, que concorrem na pessoa de Sebastião Francisco de Mello; Hei por bem nomeal-o governador d'ella, para servir por tempo de tresannos, e o mais que decorrer em quanto lhe não der sucessor.

Palacio do Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1817.

Com a rubrica de S. Magestade (D. João VI) FONTE: (SILVA, 2000, p. 03)

Em 16 de setembro de 1817 a antiga comarca das Alagoas passou a ser uma capitania, independente de Pernambuco onde a fronteira do rio Persinunga o espírito separatista já estava presente desde a época dos holandeses delimitando duas regiões a de Pernambuco mais urbana e ligada ao comércio externo e mais liberal ao lado que Alagoas era mais rural, isolada e mais conservadora.

O primeiro Governador Sebastião Francisco de Melo e Póvoas desembarca em Jaraguá em 1819, onde a Câmara da vila de Maceió faz um pedido para que Melo e Póvoas fixasse residência em Maceió, que em 1815 já tinha se emancipado de Alagoas do Sul (Marechal Deodoro) adquirindo a sua emancipação política, administrativa e territorial como unidade autônoma, com vida própria. Melo e Póvoas desembarca em Jaraguá e segue para tomar posse como Governador na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Alagoas do Sul (hoje Marechal Deodoro).

Na vila de Alagoas do Sul é escolhida como nova sede do governo onde Póvoas elegeu a primeira Junta governativa na qual ele era o Presidente dela, assim como se elege, a representação alagoana para a Corte de Lisboa.

Segundo Antônio Joaquim de Moura em sua Geografia do Moura (Opúsculo da Descrição Geográfica e Tipográfica, Física, Política e histórica do que unicamente respeita á Província das Alagoas no império do Brasil, por Hum brasileiro Rio de Janeiro 1844) a mais antiga obra produzida sobre Alagoas é quem primeiro classificou e estabeleceu uma tipologia dos nossos principais portos, já que a Província das Alagoas dependia muito deles para escoar a sua produção agrícola de açúcar, algodão e óleo de mamona e ainda a exportação de madeiras de lei; assim como receber produtos e serviços do exterior para cá.

Este litoral da província oferece doze (12) portos e ancoradouros para pequenas e medianas embarcações, porém nenhum para as de alto-bordo; destes doze, cinco podem admitir até brigues e não mais, os outros sete só suportam escunas e pequenas sumacas; o que se conhecerá nominalmente no quadro das duas classes que são o seguinte:

Da 1ª classe estão os portos da enseada do Jaraguá; o Penedo do Rio São Francisco; a enseada da Pitúba; a Barra de São Miguel e o ancoradouro de Santo Antônio Grande.

Os de 2ª classe são os portos Don Ancoradouro da Barra Grande (Maragogi); o Porto de Pedras; a barra do Camaragibe, o ancoradouro do Francêz, a Barra de Jequiá (da Praia), o Ancoradouro do Batel e do Péba. (MOURA, 1844, p. 9)

Vejamos então o que diz Antônio Joaquim de Moura a respeito do “Porto” do Jaraguá que na época não era propriamente um porto mais sim um ancoradouro onde os navios maiores ficavam a uma certa distância da beira-mar, sendo eles interligados ou abastecidos pelos serviços feitos pelas embarcações e as alvarengas.

A enseada de Jaraguá é pela maior parte resguardada por um arrecife, e este dentro da qual as embarcações ancorão comodamente, só lhes dá cuidado o vento sul desfeito; porque deste lado não tem resguardo. (MOURA, 1844, p. 10)

E quanto ao transporte de pessoas e mercadorias para os navios observemos o que diz Maria José Menezes e Luiz Araújo no seu folhetim nº 32 sob o título “TRAPICHES, ALVARENGAS E BARCAÇAS”, quando eles dizem que:

O ancoradouro de Jaraguá, até os idos de 1937, era uma bacia (...) com 3 Km² protegida pelos arrecifes do Picão, Marinha, Polvo e a bacia da Pajuçara com bastante arrecifes e “croas” com uma profundidade máxima de 8 metros no centro, cuja posição era demarcada pelas duas terras da Catedral de Maceió, a linha do antigo farolete da Ponta Verde com a chaminé da antiga fábrica de sabão de L. Barbosa, junto ao atual Clube de Regatas Brasil. Com a ausência de um cais Maceió tinha que depender de uma pequena frota de transbordo que conduzissem as mercadorias do Estado, dos trapiches e da velha ponte de embarque de passageiro até o navio ancorado ao largo. (MENEZES 1985).

Não podemos esquecer que foi Sebastião de Melo e Póvoas (primeiro governador de Alagoas emancipada) quem encomendou os serviços do engenheiro português José Fernandes Portugal que desenhou em 1803 um “Plano das Enseadas de Jaraguá e Pajuçara” com o objetivo de facilitar a navegação, referindo-se aqueles pontos ou portos onde na costa se pudesse ter locais de bom fundeio ou atracagem, observando-se a profundidade, o nível de correntezas, as tabelas das marés, os perigos ao largo etc, onde ofereceram uma identificação constando a existência do arrecife da Pajuçara, a “fortaleza” de Jaraguá, a área das sumacas, o Armazém Real e a Catedral de Maceió e o riacho Maceió (atual Salgadinho); onde existem no máximo oito (08) edificações na área de Jaraguá antigo. Foi uma primeira tentativa de “urbanizar” uma área que quase nada se tinha antes. (ver figura 10) que mostra a Ponte do Embarque em Jaraguá.

Figura 10. Ponte do Embarque em Jaraguá.



Fonte: Ponte do Embarque- Jaraguá. Foto Fon- Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA)

Naquele mapa do “Plano das Enseadas de Jaraguá e Pajuçara” feita pelo português José Fernandes Portugal datado de 1803, consta como existente na época a “Fortaleza” na ponta de Jaraguá (construída com o objetivo de coibir o contrabando do pau-brasil e de outros produtos), o Armazém Real que ficava aproximadamente na entrada do atual Porto de Maceió, um trecho do centro de Maceió entre a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres (onde depois foi construída a igreja da Catedral) e a praia; a foz do riacho Maceió, hoje Salgadinho que passava por trás da fênix Alagoana, Museu Théo Brandão e jogava as suas águas em frente à atual Lojas Americana, no que se chamava na época “praia do Sobral” e por último os locais de fundeio ao atracagem das embarcações em frente a Jaraguá e na Pajuçara, este último apenas para embarcações menores.

Segundo José Fernando de Maya Pedrosa em sua obra “Histórias do Velho Jaraguá” vejamos o que ele diz a respeito da planta de 1803:

A “fortaleza”, na ponta de Jaraguá, que parece um desenho pomposo de uma construção quadrangular, com guaritas nas pontas, na verdade era uma simples bateria de canhões (o grifo é nosso) cuja existência na época ainda é hoje contestada, o Armazém Real “de recolher aduelas e demais madeiras”, um pouco mais para o noroeste, e a futura Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, no centro de Maceió, atualmente a Catedral.

Estavam assim representados no Plano os três componentes fundamentais da Colônia: a defesa, a exploração econômica e a religião. Não havia no mapa nenhuma representação de trapiches e suas pontes que seriam construídos logo depois da emancipação de Alagoas. (PEDROSA, 1989, p. 25)

O bairro de Jaraguá como núcleo formador da cidade de Maceió no século XIX onde ficava o ancoradouro que incrementou o comércio, proporcionando-lhe a expansão e apogeu econômico, baseadas nas exportações do açúcar, algodão, fumo, cereais, madeiras para construção civil e naval etc.

A partir de 1820 as construções residenciais, casas de comércio de trapiches aceleraram a evolução urbana do bairro foi se ampliando e se tornando um outro empório comercial das Alagoas, principalmente quando ela se tornou capital da Província das Alagoas onde se ergueram belos sobrados que abrigavam as sedes de companhias de comércio, navegação, bancos, cabarés e comerciantes abastados que com a sua modernização veio o “cais do porto” e com ele a derrubada ou demolição de algumas das suas construções mais representativas: os armazéns que não estavam em terra firme, tudo isto derrubados em nome do progresso ou da sua modernidade.

Era através de Jaraguá que se faziam as exportações de açúcar, algodão, fumo, farinha de mandioca, cereais, madeiras, couros, produtos estes que vinham do interior em carros-de-bois ou em lombos de bestas ou burros daí as ruas estreitas e tortas do centro comercial de Maceió que eram parte do caminho para chegar à Jaraguá.

Quando Melo e Póvoas desembarcou em Jaraguá conforme já havíamos dito antes Jaraguá na época era um grande areal onde o português José Antônio Martins um dos fundadores do bairro, contemporâneo dos irmãos José e Joaquim e Antônio Gomes de Amorim que foram os primeiros a construir casas na região, juntamente com a capela de Nossa Senhora Mãe do Povo que se situava em frente à igreja atual. O que separava Jaraguá do restante da cidade de Maceió era o riacho Maceió, hoje chamado de Salgadinho que passava por trás do Clube Fênix Alagoana.

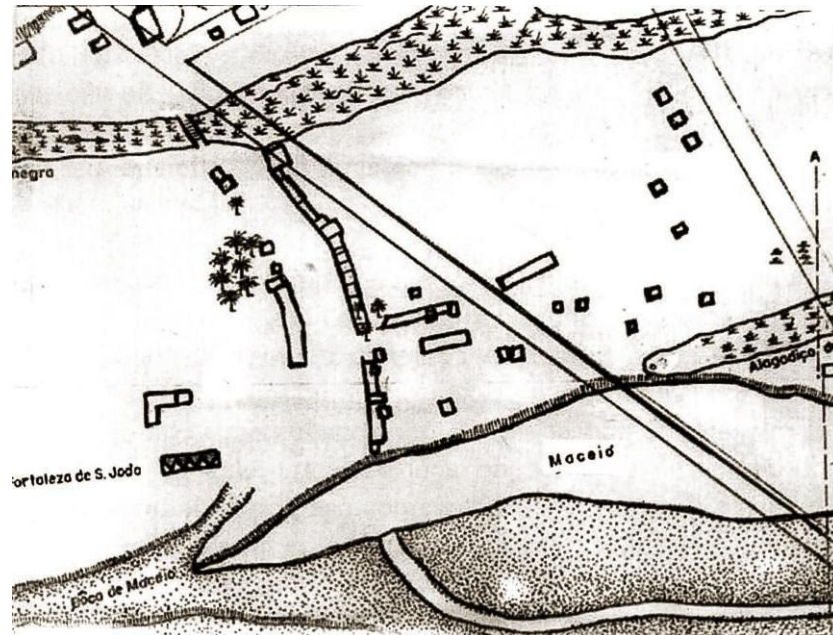
Figura 11. Ponte dos Fonseca.



Fonte: SILVA (2018, p. 62)

Por volta de 1820 para se construir um dos trapiches de Jaraguá se exigia “um auto de exame e vistoria do solo” que também foi edificando o “primeiro templo, pequeno, modesto, de taipa e telha erguido quase no mesmo local da atual”, cuja edificação já aparece na “planta da cidade de Maceió de 1820”, levantada por José da Silva Pinto, como podemos (observar na figura 12 abaixo).

Figura 12. Planta de Maceió de 1820.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-boca-de-maceio.html>

A figura acima trata-se de um desenho elaborado por um desconhecido com base na Planta de José da Silva Pinto, ano, 1820, atualmente arquivada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, que contém: Estrada entre Jaraguá e a Boca de Maceió (hoje Barão de Anadia); Fortaleza de São João, onde fica a 20Acsm. Pequeno atracadouro onde havia uma estiva nas margens da Lagoa Maceió; Ponte de madeira sobre a Lagoa D' Água Negra. A larga avenida desenhada na Planta (diagonal ao trecho) era parte do plano urbanístico do Governador Póvoas e um prolongamento do que é hoje a Rua Barão de Penedo até a atual Avenida da Paz, trecho que não foi construído. Nota-se que a Lagoa Maceió não tem escoamento por aí. (PEDROSA, 1998, p. 29)

Entre os anos de 1819 a 1821 o Governador Melo e Póvoas realizou várias obras criando a Casa de Arrecadação e Inspeção do Açúcar e do Algodão em São Miguel; assim como a Alfândega de Jaraguá e Penedo, a Mesa do Consulado, criando ainda uma Companhia Militar de Soldados e o próprio Quartel Geral da Polícia Militar de Alagoas, a construção de dois fortes, o de São Pedro em Jaraguá e o de São João, próximo a “boca de Maceió” e vizinhos do riacho Massayó.

O processo de disputas entre as vilas de Alagoas do Sul (Marechal Deodoro) e Maceió se intensificou dia a dia em função de Alagoas do Sul que não queria perder o “status” de capital da Província que também era desejado por uma elite comercial, operante e tendo como principal aliados os comerciantes ingleses instalados em Jaraguá, cuja mudança de capital de Alagoas do Sul para Maceió poderia abrir outros espaços de comércio, melhorar as estradas, estar mais perto da governança etc.

Não foram poucas as críticas e protestos que Melo e Póvoas deve ter recebido de pressão inclusive da Câmara da vila de Alagoas do Sul acusando-o direta e indiretamente de favorecer Maceió, (mais experiente por ter governado outra província antes da de Alagoas) e de ter uma certa habilidade política, soube muito bem ele contornar a situação com um pouco de habilidade e sabedoria.

Nos embates ou debates a respeito do processo da Independência ou não do Brasil de Portugal a vila de Maceió (a sua população mais esclarecida debateu nos jornais e praças as novas idéias) e acontecimentos históricos, assumindo uma atitude pró-independência diferentemente das vilas mais tradicionais e conservadoras como Alagoas do Sul, Penedo e Porto Calvo.

Mesmo o Brasil tendo se libertado do domínio direto português, a situação política nova em nada melhorou a condição de que o comércio continuava em mãos dos portugueses gerando insatisfação dos brasileiros já que eles “os lusos” eram muito influentes no comércio, na agricultura e em outros setores. Discutem-se inflamadamente nas esquinas, nas casas etc. O rastilho se propagava, cujos acontecimentos trágicos e tumultuosos ficaram conhecidos como “**mata, mata marinho**” (como os portugueses eram chamados pelos brasileiros) que começaram a ser hostilizados em Maceió, Penedo, São Miguel dos Campos e Atalaia, quando “cassaram” os seus direitos comerciais, exigiu-se a demissão deles dos serviços públicos até que muitos deles mudaram de residência ou até de sobrenome conforme já havíamos falado antes.

A nível nacional a situação tornou-se cada vez mais tensa em função da radicalização política, cujo ideário em prol da independência se intensificou, levando Melo e Póvoas a voltar para Portugal em 1822, onde os conflitos entre brasileiros e portugueses se intensificaram, culminando no fato da Junta governativa das Alagoas não aceitar a aclamação de D. Pedro I como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, cujo líder dos proprietários rurais da região Norte de Alagoas, Jerônimo Maranhão, invadiu Maceió com uma tropa de 500 homens, destituindo a Junta governativa pró-portuguesa, chefiada por José Antônio Braklami, cuja luta entre brasileiros e portugueses acabou por gerar o movimento do „mata, mata marinho” ou dos “pés-de-chumbo”, quando muitos portugueses foram expulsos e mortos no Brasil durante aquele período histórico.

Em 1823 foi eleita outra Junta Governativa sediada em Porto Calvo que governou Alagoas até 1824, quando foi nomeado um novo governador para Alagoas; cujo governo volta para Alagoas do Sul, como havia sido antes.

A nível da história local e regional em 1824 é deflagrada em Pernambuco que se espalha pelo restante da região Nordeste, exceto a Bahia, a Confederação do Equador que era um movimento “revolucionário” de caráter também republicano decorrente da dissolução da Assembléia Nacional Constituinte de 1823 e do “caráter absolutista “ de algumas atitudes tomadas por D. Pedro I quando instituiu o poder moderador na Constituição de 1824 que foi outorgada (imposta ao povo sem a sua aprovação pelos deputados ou pelo povo)

Como também aconteceu no movimento de 1817, agora em 1824 também veio um emissário daquele movimento revolucionário, desta vez o padre Muniz Tavares que veio a Alagoas do Sul para adquirir apoios, inclusive do capitão Manuel Vieira Dantas (pai do futuro Visconde de Sinimbu) que terminou sendo preso juntamente com outros líderes republicanos ao passo que a sua esposa a herdeira Ana Lins (ver figura 13) continuou a sua luta recrutando homens, lutando e fazendo do Engenho Sinimbu numa cidadela da luta pela liberdade, durante a Confederação do Equador nas Alagoas no curto espaço de tempo que ela perdurou nas Alagoas.

Figura 13. Ana Lins.



Fonte: https://blogdotataritaritata.blogspot.com/2016/01/todo-dia-e-dia-da-mulher_9.html

Ana não foi apenas a senhora do de engenho, a dona de casa, a esposa de Vieira Dantas, a mãe de filhos que se tornaram heróis ou ilustres. Foi das poucas esposas que não se apagaram diante dos maridos todo-poderosos.

Das raras que substituíram o marido de cheio e com tudo.(ACCIOLY, 2001, p. 8)

Como aconteceu no movimento de 1817, em 1824 a repressão foi intensa onde o pai de Sinimbu foi preso e levado para Pernambuco para cumprir pena lá. Mais o fato histórico mais importante para a história da cidade de Maceió ou mais significativo ou simbólico para ela é o processo da transferência de capital de Alagoas do Sul (Marechal Deodoro atual) para a vila e depois cidade de Maceió em 1839 quando se deu todo o processo de lutas se articulou economicamente, politicamente e socialmente que se complementou como fruto de um conjunto de interesses da elite e do povo em geral que parte deles tinham interesses diretos e indiretos naquele processo de transferência de capital, que se consolidou em 1839, quando da gestão do então Presidente da Província na época Agostinho da Silva Neves.

O primeiro trapiche de Jaraguá, que era um armazém onde se guardavam as mercadorias importadas ou para se exportar que em si eram armazéns construídos sob palafitas que adentravam o mar e de onde as mercadorias eram conduzidas por barcaças a remo até os navios antes da construção do Porto do Jaraguá.

Esses trapiches teriam sido construídos entre a segunda e a terceira década do século XIX a mando do rico português José Antônio Aguiar. Antes da construção dos trapiches os escravos eram obrigados a carregar sacos de açúcar ou fardos de algodão na cabeça até os botes ou barcaças ancorados próximo a praia onde muitos deles adoeciam e morriam pelo contato permanente com a água. Com a abolição os escravos foram substituídos pelos estivadores que já tinham sido escravos, eram libertos ou foram filhos de escravos.

Na gestão de Mello e Póvoas houve a mudança da Junta de Administração e Arrecadação da Real Fazenda para Maceió e a Inspeção do Açúcar e do Algodão que eram órgãos importantíssimo para o controle e arrecadação fazendária de uma vila\cidade que cada dia a mais se consolidava como pólo de importação e exportação das Alagoas, principalmente depois do fechamento do Porto do Francês e o seu praticamente único concorrente era o Porto do Penedo, no rio São Francisco que atendia a uma outra demanda de comércio e consumo. O chamado por alguns historiadores como Aminadab Valente “A Mudança do Cofre” foi estratégico e fundamental para o processo de transferência da capital de Alagoas do Sul para Maceió que inclusive “houve até um movimento da Câmara de Alagoas e pressão junto a Corte do Rio de Janeiro tentando impedir a mudança de Alagoas órgãos, como a Tesouraria da Fazenda para o burgo mercantil (Maceió)” segundo relata o historiador Douglas Apratto Tenório em sua obra “Maceió Duzentos Anos” (TENÓRIO, 2015, p. 37\38) em co-parceria

com Cícero Péricles de Carvalho, Rochana Campos de Lima a museóloga Carmen Lúcia Dantas, publicada pelo Instituto Arnon de Melo.

Foram realizadas sessões para que ocorresse a mudança da capital para Maceió; alguns votaram a favor como: Francisco Elias, Gomes Ribeiro, Dantas, Martins Ramos, Iago Pinheiro, Frederico Rocha, Pereira Freire, Titara, Ferreira Ferro, Cajueiro, José Paulino, Maranhão, Albuquerque Eustáquio e Mateus Casado.

Em 9 de dezembro de 1839, Maceió foi elevada a condição de cidade e sede do governo Provincial das Alagoas, depois disto ter passado ou sido aprovada pela Câmara de Assembléia Provincial da época, sendo inaugurada como uma nova capital a partir de 16 de dezembro daquele mesmo ano pelo então presidente da Província Agostinho da Silva Neves.

“Agostinho da Silva Neves, presidente da província das Alagoas.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa provincial decretou e eu sanciono a Resolução seguinte: Artigo único: Fica erecta em cidade e capital da província a vila de Maceió, que será dora em diante a sede do Governo, Assembléia, Tesouraria provincial e aulas maiores, ficando o mesmo Govêrno autorizado a dispender a quantia necessária com o aluguer dos edifícios para as ditas repartições.

Portanto a todas as autoridades e quem o conhecimento e Mando execução da referida Resolução pertencer, que a cumpram, e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província faça imprimir, publicar e correr. Palácio do Govêrno das Alagoas, 9 de dezembro de 1839, 18º da Independência e do Império.

Agostinho da Silva Neves”. (COSTA, 1981, p. 149-150).

Esse período de transição entre da capital antiga (Alagoas do Sul- atual Marechal Deodoro) para a mais nova, Maceió não foi nada pacífica como se esperavam alguns, muito pelo contrário foi bastante agressiva até com ataques militares, armados com troca de tiro.

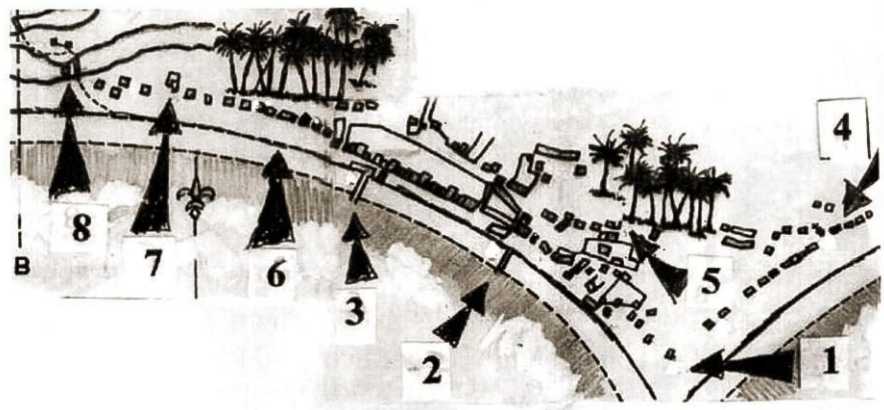
Explodiu uma rebelião (inclusive até armada) liderada pela Câmara Municipal dos moradores de Alagoas que se uniram para impedir que se caracterizasse o fato real da transferência da capital da Província e a saída do cofre para a Tesouraria de Maceió conforme a determinação do Governo Imperial.

Foi nesta rebelião que teriam se chegado a prender o então presidente Agostinho da Silva Neves que foi obrigado a renunciar e substituído por um dos “cabeças” do movimento José Tavares Bastos, A ação imediata do então vice-presidente da Província o Visconde de Sinimbu (João Vieira Lins Cansação de Sinimbu) que pôs fim aquela rebelião nas Alagoas, reconduzindo Agostinho da Silva Neves ao poder em 14 de novembro de 1839 e garantindo a execução da transferência do cofre para Maceió e finalmente garantindo que Maceió se tornasse capital da Província com o apoio de tropas vindas de outras províncias que fazem fronteira com Alagoas.

O presidente da província decidiu pela mudança da capital para Maceió, mas foi aprisionado no Palácio Provincial, após uma rebelião liderada pelo pai do Marechal Deodoro, o Major Manuel Mendes da Fonseca e pelo notável Tribuno Tavares Bastos. Então, Silva Neves foi forçado a renunciar e obrigado a embarcar no Porto do Francês para o Rio de Janeiro. Uma verdadeira guerra foi declarada com a participação de todas as cidades e vilas de Alagoas. As tropas se dividiram. A rebelião foi vencida pelos partidários da transferência, capitaneadas pelo vice-presidente da província o Visconde de Sinimbu que interceptou o patacho, navio que conduzia o presidente Silva Neves e o reempossou em Maceió. A Coroa Imperial apoiou os mundacistas, suas tropas marcharam sobre a velha capital e os revoltosos foram presos. Em 9 de dezembro de 1839 a resolução nº 11 decidiu o impasse, tornando Maceió a Capital de Alagoas. (TENÓRIO, 2017, p. 62)

Por volta de 1841 o engenheiro Carlos Mornay desenha a “planta baixa” de Jaraguá que mostra um bairro com cerca de 160 construções mediante o processo de progresso acentuado que aquela região de Maceió vivia se comparando a outras partes da capital. Nela estão a bateria de São Pedro no lugar da antiga fortaleza, as duas “pontes de trapiche”, a igreja de Nossa Senhora da Conceição na Pajuçara, a igreja Nossa Senhora Mãe do Povo a antiga, o cemitério dos Ingleses, a Avenida da Paz e as duas pontes ligando o Jaraguá ao centro da cidade de Maceió, onde se vê ainda alguns armazéns, trapiches, várias casas de comércio e outros prédios onde apareceu também as ruas, becos até a Rua da Alfândega, atual Sá e Albuquerque.

Figura 14. Planta de Mornay em 1841.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/jaragua-a-enseada-das-canoas.html>

O “Mapa de Mornay de 1841”, (como mostra figura 14) que não ficou restrito a “base do monte” onde fica a Igreja da Catedral, o largo do Pelourinho, o brejo da Lagoa da Água negra, o riacho Maçayo (hoje Salgadinho, ver figura 15), a “Boca de Maceió”, os mangues, brejos e pântanos que se estendiam até a atual Praça Sinimbu que se estendiam até antiga

enfermaria militar, que no passado não tão distante teria sido erguido o Forte São João, por volta de 1820, onde hoje funciona a 20ª CSM (Circunscrição do Serviço Militar).

Figura 15. Riacho Salgadinho antigamente.



Fonte: <https://www.facebook.com/MaceioAntiga/photos/a.410205875692271/484931194886405/?type=1&the>

As quatro ladeiras que ligavam o bairro do Poço ao centro da cidade de Maceió eram: 1ª a “ladeira da Rua Nova”, 2ª a ladeira que passava pela porta “do Antigo Palácio do Governo” (hoje prédio do INSS que está desativado) que passava pela atual Praça dos Palmares; a 3ª ladeira passava pela porta da Catedral Metropolitana de Maceió e seguia pela Rua do Sol e a 4ª ladeira era a “do calabouço” ou da chamada cadeia pública (como pode ser observado na figura 16), próximo ao Quartel Geral da Polícia Militar de Alagoas e ao prédio da Santa Casa de Misericórdia de Maceió.

Figura 16. Praça da Cadeia Pública.



Fonte: Foto Fon Museu da Imagem e do Som (s.d)

A planta da cidade de Maceió apresenta alguns nomes de ruas pouco conhecidos ou até atípicos como a “Rua da Ladeira”, a “Cambona do Machado”, a “Rua Boa Vista”, a Rua do Rosário (a atual Rua do Sol), a Rua da Rosa (hoje Rua do Livramento), a “Rua do Alecrim”, entre as ruas Melo Moraes e a Praça Deodoro, hoje a Rua Barão de Alagoas, a “Rua do Ferreiro”, hoje a Rua Melo Moraes, a Praça da Cotinguiba, (hoje Praça Deodoro).

A partir de 1840 abriu-se o Canal da Levada para melhorar o trânsito e as ligações comerciais com a Lagoa do Norte onde transitavam escunas, barcaças, brigues e sumacas entre Maceió e as capitanias da Bahia e Pernambuco que deixaram mais fácil a ligação entre outros centros e a capital do Império.

Figura 17. Porto da Levada em 1920.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/levada-de-maceio-o-porto-da-cidade-restinga.html>

Os primeiros trapiches de Jaraguá eram construídos de taipa que depois foram substituídos por tijolo, recobertos com telhas de Satuba ao passo que as pontes geralmente eram de madeiras (Maçaranduba ou Sucupira) que eram mais resistentes. No final do século XIX, por volta de 1850 construiu-se o “Trapiche do Faustino” (ver figura 18). Depois em 1896, construiu-se o “Trapiche Segundo”, o “Trapiche Novo” e o “Trapiche Jaraguá” e já no início do século XX ao todo tinham 9 trapiches.

Figura 18. Trapiche Faustino.



Fonte: <http://arquiteturaalagoana.al.org.br/index.php/memoria/passado-e-presente/jaragua-4/>

Outros trapiches e pontes eram mais pobres, como se fossem inseridos na escala social de seus próprios donos. Outras eram simples demais, como a Ponte do Sabão, de Loureiro Barbosa e Cia, a única voltada para a Pajuçara, ou a Ponte de Desembarque construída por Hugo Wilson em 1870. Como podemos observar abaixo nas figuras (19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25):

Figura 19. Foto do Trapiche Julius Von Sohsten e Ponte do Sabão em Jaraguá.



Fonte: PEDROSA (1998, p. 74)

Figura 20. Visão topográfica dos trapiches e pontes em Jaraguá.



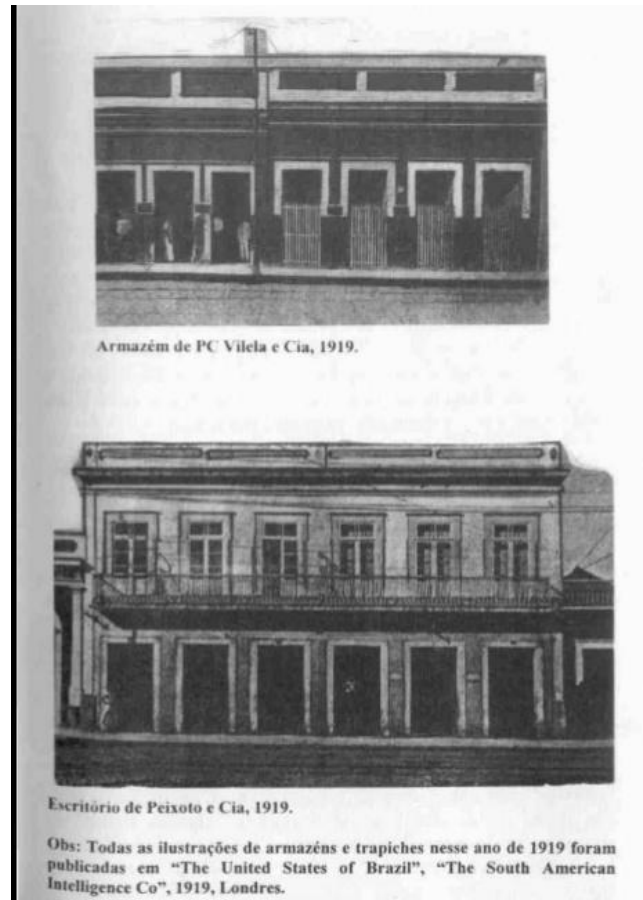
Fonte: PEDROSA (1998, p. 76).

Figura 21. Armazéns e trapiches 1919 em Jaraguá.



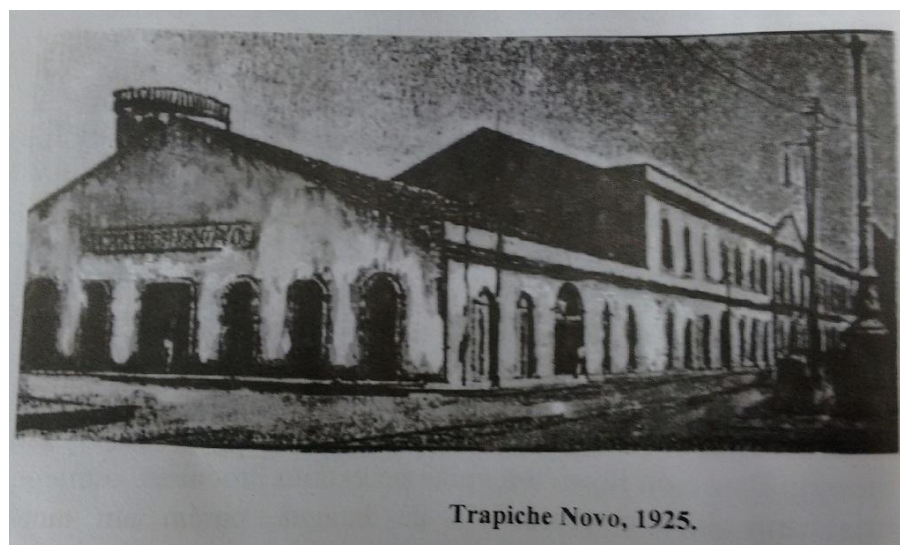
Fonte: PEDROSA (1998, p. 77).

Figura 22. Armazém e escritório 1919 em Jaraguá.



Fonte: PEDROSA (1998, p. 79).

Figura 23. Trapiche Novo em Jaraguá.



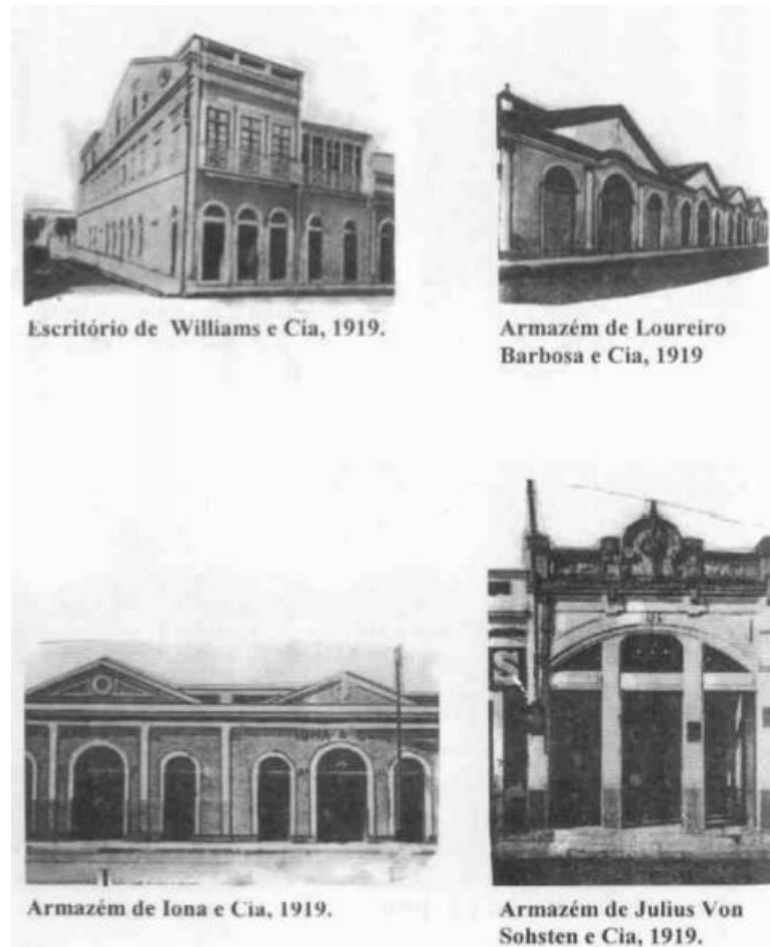
Fonte: PEDROSA (1998, p. 76).

Figura 24. Trapiches na Rua Sá e Albuquerque em Jaraguá.



Fonte: SILVA (2018, p. 106)

Figura 25. Escritório e Armazéns em 1919.



Fonte: PEDROSA (1998, p. 78).

O advento da Era ferroviária em Alagoas data do ano de 1864. De acordo com o livro “Capitalismo e Ferrovias no Brasil”, do historiador Douglas Apprato, o marco inicial da construção da primeira ferrovia em solo alagoano foi a lei sancionada pelo então vice-presidente da Província de Alagoas em exercício, Roberto Calheiros de Melo: “Fica o governo autorizado a mandar proceder aos estudos necessários a fatura de uma via férrea, que partindo do Porto de Jaraguá, ponha esta capital como o centro desta Província”.

Em 1866, o transporte dos gêneros que chegavam a Maceió para o Porto de Jaraguá, via Trapiche da Barra, era considerado bastante difícil e foi a partir de reclamações de comerciantes e agricultores que surgiu a iniciativa da linha férrea até Jaraguá.

A lei 481, de 23 de junho de 1866, aprovou os contratos celebrados com Companhia Baiana de Paquetes a Vapor e instituía a navegação a vapor entre o Trapiche e as vilas de Pilar, Alagoas do Sul (hoje Marechal Deodoro), Santa Luzia do Norte e Coqueiro Seco, bem como de uma estada de ferro ligando o Trapiche ao Porto de Jaraguá.

Não restam dúvidas de que se tratava de uma medida de grande alcance social e econômico dentro dos padrões técnicos mais avançados da época e trouxe vantagens práticas indiscutíveis para o serviço de cargas e passageiros na região”, re Integrado à navegação das lagoas, o novo empreendimento conduziu no seu primeiro mês cerca de 400 passageiros e considerável volume de carga, deixando a quantia de mais de um conto de reis para as despesas de custeio e encorajando o alongamento desse ramal até o pátio da Igreja dos Martírios e Rua do Comércio, com carros conduzidos por animais. Ressalta Apratto.(TENÓRIO, 1945, p. 97).

Em 25 de março de 1868 foi inaugurado o primeiro ramal ferroviário ligando Jaraguá ao centro de Maceió e é considerado pela maioria dos historiadores como o início da Era das Estradas de Ferro em Alagoas cujos bondes geralmente puxados por burros ainda povoam as lembranças e as imagens da história da cidade de Maceió que ligavam Bebedouro a Jaraguá.

Figura 26. População esperando o trem em Jaraguá.



Fonte: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2018/03/05/historia-despercebida-a-linha-ferrea-que-mudou-alagoas/>

2.1 Algumas Instituições Históricas e Culturais do Jaraguá

2.1.1 A Associação Comercial de Jaraguá

A implantação do seu prédio causou muitas discussões na época em função do modelo da sua edificação. Havia três desenhos diferentes para a sua fachada mais predominou o que está hoje presente nas suas duas fachadas uma de frente para a Rua Sá e Albuquerque e a

outra voltada para o mar para quem chegasse de navio contemplá-lo e admirá-lo mesmo de longe ou de perto. A maior polêmica na época foi o imposto que seria cobrado sobre o volume do produto exportado, revertido para a sua construção, motivo pelo qual todos os comerciantes se sentiam no direito de opinar sobre a sua construção, entretanto ele acabou por se transformar no prédio ou edifício mais bonito e significativo da Arte e Arquitetura Neoclássica nas Alagoas mesclada com características do Ecletismo, onde houve outro problema que teve que ser resolvido pelos seus idealizadores que foi que pessoal estaria capacitado para edificar e fazer o acabamento de tão importante obra? Naquela época só havia em Maceió um ou no máximo dois engenheiros capazes de construir um prédio de tão grande porte e proeminente arquitetura, como podemos (ver na figura 27).

Os pedreiros foram trazidos de Portugal, que entre os vários deles se destacou Manuel Teixeira Medilhas que pela sua competência e habilidade acabou se tornando o “mestre de obra” construtor do prédio, cuja fama que ele teve se espalhou pela cidade a tal ponto que colocou o seu nome em anúncio nos jornais locais oferecendo os seus serviços de construtor, mais infelizmente o seu fim foi trágico quando morreu afogado na “praia da Avenida”.

Figura 27. Associação Comercial em Jaraguá.



Fonte: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2014/01/24/a-edificacao-mais-bonita-de-alagoas-fotos-e-historia-da-associacao-comercial-de-maceio/>

A inauguração do prédio foi no dia 16 de junho de 1928 às 14 horas, presidida pelo então governador do Estado na época Álvaro Paes onde á noite aconteceu um baile a rigor animado por 3 orquestras que corou os discursos e solenidade que já haviam acontecido durante o dia da sua inauguração. A “nata da elite alagoana” compareceu aquele evento estando todos os automóveis da capital e algumas dezenas do interior também se fizeram presentes ao tal evento monumental e único, que assim foi noticiado pelo Jornal de Alagoas:

As escadarias de mármore espelhavam as gambiarras das gigantescas cortinas luminosas que caíam do frontão da alta coluna da sua fachada (o grifo é nosso).

Através dos vitrais de colorido e rentilhado oriental, era um incêndio na babesco de imprevistas irradiações cambriantes. E as músicas militares tocavam no vasto hall, onde os primeiros criados ostentavam as suas fardas verdes cheias de alarmes dourados. Mas, lá em cima, no salão nobre (o grifo é nosso) o luxo se multiplicava em luzes tantas, então custosos móveis e em tamanhos adornos de alfaias e tapeçarias que dir-se-ia star em Alcazar ou Alhambra de quaisquer das grandes cidades meridionais da Península Ibérica”... (Jornal de Alagoas, Maceió 17 de junho de 1928, p. 5)

Anteriormente a fundação da Associação Comercial de Maceió um relatório do então Presidente da Província de Alagoas Sá e Albuquerque, ele informava a Assembléia Estadual que havia mandado “abrir uma estrada ligando Jaraguá com a Mangabeiras para facilitar o escoamento dos produtos agrícolas vindos do Norte da Província que mais tarde daria origem a atual Avenida Comendador Leão, que foi uma das primeiras a ser traçada perpendicularmente á orla marítima da cidade de Maceió que segundo nos informou o historiador Moacir Medeiros de Sant” Ana em sua obra “Uma Associação Centenária” quando ele nos apresenta as principais ruas ou bairros que existiam na cidade de Maceió por volta de 1866, quando a Associação Comercial foi fundada:

No ano em que José Joaquim de Oliveira fundou a nossa Associação Comercial era de apenas 27.437 habitantes a população livre de Maceió, distribuída em área muito restrita. (SANT”ANA, 1866, p. 90).

Os atuais bairros de Jaraguá, Trapiche da Barra, Poço, Bebedouro e Mangabeiras ainda não se falavam do Farol que eram arrabaldes ou povoações afastadas do perímetro urbano da capital composto pelas ruas do **Comércio**, a única então calçada, da **Boa Vista** (atual Conselheiro de Albuquerque), Largo da Matriz (Praça D. Pedro II, Rua do **Rosário** (João Pessoa) ou do **Sol** (um prolongado da Rua do Rosário até o Largo dos Martírios), ruas da **Cambona** (General Hermes); da **Alegria** (Joaquim Távora), do **Açougue** (hoje Avenida Moreira Lima), **Praça do Mercado** (local onde se acha edificado o antigo Ginásio do Colégio Estadual de Alagoas, hoje Refeitório Popular), as ruas **Nova** (hoje Barão de Penedo), do **Livramento** (atual Senador Mendonça), do **Macena** (hoje Rua Cincinnati Pinto), **Praça da Cotinguiba** (hoje Praça Deodoro), Rua do **Hospital** (atual

Barão de Maceió), Rua do **Jôgo** (atual voluntários da pátria), Rua do **Reguinho** (atual Dias Cabral, por trás do teatro Deodoro), do **Cemitério** (atual Avenida Santos Pacheco), **Santa Maria** (atual Guedes Gondim), **Augusta** (atual Ladislau Neto ou Rua das Árvores), **Floresta** (atual Fernandes Barros, próximo ao Colégio de São José), **Alecrim** (hoje Barão de Alagoas), do **Palácio** (próximo ao prédio antigo do INSS e Praça dos Palmares), **Boca de Maceió** (atual Barão de Anadia) além de uma série de becos, travessas, tudo isto, no Centro de Maceió”. (SANT” ANA, 1866, p.9-10)

As principais ruas do bairro do Jaraguá eram a **Rua do Saraiva** (atual Avenida Duque de Caxias), **Rua da Alfândega** (atual Sá e Albuquerque), **Rua da Igreja** (atual Barão de Jaraguá), **Rua Santo Amaro** (atual Rua do Uruguai), **Rua São Félix** (atual Silvério Jorge), **Rua do Cafundó** (hoje Rua Padre Amâncio), **Rua do Araçá** (atual Dr. Epaminondas Gracindo), **Rua do Oitizeiro** (hoje Avenida Maceió) e muitas outras ruas.

Vale apenas lembrar que por volta de 1868 foi inaugurado o ramal ferroviário entre Jaraguá e o Centro de Maceió onde na Praça Royal eram realizadas animadas festas de Natal e Ano Novo com folguedos natalinos da época.

2.1.2 Antigo Banco de Alagoas

O bonde parava na “Estrada Nova” atual Comendador Leão que era todo bairro residencial que embarcava os seus passageiros e os desembarcava fazendo todo o seu percurso por um valor de 300 réis o preço da sua passagem que iam até a esquina do Banco de Alagoas, como (podemos observar na figura 28), que é um outro prédio lindíssimo em estilo eclético, predominando elemento neoclássicos que está localizado entre as esquinas da Rua Sá e Albuquerque com a Comendador Leão, do primeiro quartel do início do século XX onde funcionou no passado o Banco de Alagoas (que era um banco privado, não confundindo com o PRODUBAN) e no seu primeiro andar funcionou os escritórios da Usina Leão Utinga, hoje infelizmente está fechada entregue ao abandono total. É uma parte do patrimônio do Estado entregue ao descaso.

Figura 28. Antigo Banco de Alagoas em Jaraguá.



Fonte: <http://cantinhodaleao.blogspot.com/2013/12/antigo-banco-de-alagoas-situado-no.html>

As suas características arquitetônicas do Ecletismo (que quer dizer a mistura de vários estilos arquitetônicos reunidos em um único prédio de forma criteriosa e harmônica) estão presentes em sua fachada e partes laterais do prédio que tem a “frente” voltada para duas ruas: a Sá e Albuquerque, esta foi em homenagem a Antônio Coelho de Sá e Albuquerque (ver abaixo figura 29) e a Rua Comendador Leão, onde se destacam de inspiração Greco-romana e neoclássica os “falsos frontões” acima das “ombreiras” das portas e janelas; assim como os arcos quase formando uma arcada nas janelas laterais tanto do andar térreo quanto do primeiro andar daquele prédio, além das “balaustradas” existentes no andar superior dele onde chama a atenção para qualquer um a sua imponência arquitetônica dentro do contexto do Jaraguá.

Figura 29. Antônio Coelho de Sá e Albuquerque.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/rua-sa-e-albuquerque-e-a-rua-da-alfandega-do-velho-jaragua.html>

Onde atualmente é a sede do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) no passado era ali uma vacaria, assim como onde é hoje a ASPLANA lá já foi anteriormente o escritório da Companhia de Navegação Costeira, do Lloyd brasileiro e da Companhia de Aviação Cruzeiro do Sul, tanto quanto a “fábrica Mosaicos Santa Margarida” também funcionou em Jaraguá, assim como, uma “fábrica de Tecidos Santa Margarida outra de Sabão”, outra de “Beneficiamento do Algodão”, outras de “Beneficiamento do Coco” (coco Indiano) e outra de “Beneficiamento do Café” etc.; além de lojas de autopeças, boutiques, postos de gasolina, material de construção, distribuidoras de adubos e cimento etc.

As atividades do bairro e serviços giram em torno do Porto de Jaraguá que é quem monopolizam o comércio da região que se complementam com o restante da cidade de Maceió.

Em 22 de julho de 1866 na sede da Sociedade Dramática particular maceioense no prédio do teatro maceioense na (antiga Rua da Igreja do Rosário dos Pretos, Rua do Sol) atendendo ao convite de José Joaquim de Oliveira 28 comerciantes se reuniram para fundar uma associação que abrigasse os interesses da classe que ao final desta reunião saiu ou foi aclamada a sua primeira diretoria José Joaquim de Oliveira (presidente provisório), José Virgílio Teixeira de Araújo (secretário), Francisco de Vasconcelos Mendonça (tesoureiro), que para abrigar aquela entidade de classe foi alugada por 2 anos a casa do negociante Félix Pereira da Silva ao preço de 30 mil réis mensais e mais a compra de livros, mobiliário,

serviços de limpeza de prédio e decoração que foram gastos a mais 1: 576 \$ 590 mil réis, e assim tudo teria avançado.

2.1.3 Porto do Jaraguá, Estátua da Liberdade e Capitania dos Portos

O atual Porto do Jaraguá que existe no tempo presente foi construído durante o governo do Interventor Osman Loureiro durante a vigência do Estado Novo em Alagoas.

O que existia anteriormente até a modernização do Porto na década de 40 era a antiga ponte de Jaraguá que era um ancoradouro longo e estreito com um caminho suspenso sobre colunas de ferro e estrato em madeira que lá estava a velha ponte de Jaraguá que foi inaugurada em 7 de setembro de 1870 durante o governo de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior que muitos moradores da cidade até se orgulhavam dela dizendo ela “era bonita e que enfeitava a cidade” pois ele é hoje apenas uma lembrança nas fotografias antigas da cidade de que ele já foi um dia, mais que marcou a história de forma positiva do que foi um dia Maceió Antiga. (Ver abaixo figura 30)

Aquela antiga ponte de embarque foi construída pelo engenheiro inglês Hugh Wilson que prestou vários serviços á Província das Alagoas na boca de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior (aquele que também fundou o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas para observar “in loco” os problemas da província e tentar solucioná-los).

Figura 30. Porto de Jaraguá antigo e Estátua da Liberdade.



Fonte: <http://www.espalhai.com/2011/03/jaragua-historia-abandonada/>

Quanto a “Estátua da Liberdade” ela foi forjada em bronze pela Companhia Vaillant Nest, em Ville Denute em Paris no ano de 1903, que em si trata-se de uma réplica em tamanho menor da que existe em Nova York.

Figura 31. Estátua da Liberdade na Praça 18 do Forte de Copacabana.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-andarilha-estatua-da-liberdade-de-maceio.html>

No ano de 1903 a “Estátua da Liberdade” saiu da Praça “dos Dezoito do Forte de Copacabana” (ver figura 31) de onde ela foi retirada e transferida para ser colocada primeiramente na “Praça do Centenário” no Farol na década de 1950, como podemos ver na figura 32) lá permanecendo por 10 anos; depois foi transferida por Manuel Duarte para Jaraguá onde permaneceu por 20 anos.

Figura 32. Estátua da Liberdade na Praça do Centenário na década de 50.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-andarilha-estatua-da-liberdade-de-maceio.html>

Com o processo de revitalização de Jaraguá a estátua voltou ao seu pedestal de origem que está por trás do MISA (Museu da Imagem e do Som), onde ela já havia estado antes num passado mais remoto.

A “Capitania dos Portos” de Alagoas foi criada pelo Decreto Imperial nº 539 de 03 de outubro de 1847 e depois reconfirmada por outro Decreto nº 3. 929 de 20 de fevereiro de 1901, quando se comemorava o aniversário da Capitania dos Portos.

Consta-se que a antiga Escola de Aprendizes de Marinheiro de Alagoas teria funcionado no local onde hoje funciona o prédio da administração do porto do Jaraguá, cuja construção antiga foi demolida. Aquela antiga escola teve muito prestígio fruto do engenho dos seus “professores e instrutores” e alunos que no final do século XX estudavam ali cerca de 125 meninos pobres para os serviços da Marinha do Brasil, contudo aquela escola foi extinta pelo Decreto nº2°.607 de 5 de novembro de 1931 por iniciativa do Governo “Revolucionário”.

O médico e educador Dr. Ib Gatto Falcão que na época era Secretário de Educação do Estado de Alagoas (idealizador do CEPA) durante o governo Arnon de Mello percebeu que muitos meninos perambulavam pela praia e ruas e fez um movimento reivindicativo para que se reativasse a antiga Escola de Marinheiros frente ao Ministério da Marinha o que foi atendido tendo sido construído um novo prédio perto do Pontal da Barra (prédio do antigo Detran) com capacidade para 400 alunos. Muitos dos meninos não tinham nem peso, nem estatura e nem escolaridade para lá estudarem; porém Dr. Ib Gatto matriculou entre 10 a 20 alunos que tinham estatura, mas não peso.

Ao fim de um mês eles tinham adquirido o peso ideal numa demonstração que o problema era a “fome” que eles passavam e precisavam daquela escola para estudar e se alimentar com qualidade.

Infelizmente a Escola de Marinheiros foi mais uma vez desativada desta vez em função da Universidade Federal de Alagoas ter pleiteado junto ao governo federal na época a coesão do prédio para lá funcionar alguns dos seus cursos superiores que algum tempo depois saíram de lá em função da instalação da Salgema Indústrias Químicas (atual Braskem-Odebrech) na região e dos perigos que isto representava para a vida dos seus professores, alunos e funcionários e depois o prédio se transformou em sede do DETRAN-Alagoas e hoje ele está totalmente desativado.

2.1.4 Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo e Praça Bom Jesus dos Navegantes

Quando a Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo foi edificada no início do século XIX em Jaraguá por um português José Antônio Martins, um dos primeiros moradores do bairro de Jaraguá que durante aquela perseguição aos portugueses no incidente chamado de “mata, mata marinheiro”, durante aquele momento de radicalismos políticos culminou com a morte do fundador daquele templo católico em Jaraguá, cuja fundação é datada de 1820, quando a antiga igrejinha de pedra calcária, que tinha o seu telhado coberto por telhas grossas, vindas

da Europa que eram utilizadas para fazer peso no porão dos navios, para melhor estabilizá-lo durante o seu percurso oceânico.

Somente em 1820 é que a igreja começou a ser construída, entretanto a Paróquia de Jaraguá só seria criada por volta de 27 de julho de 1865 através da Resolução Provincial nº 461 pelo então Presidente da Província das Alagoas Dr. João Batista Gonçalves Campos e como a igreja era bastante simples e modesta resolveu-se a partir de 1841 começarem a reconstrução de outra igreja, mais nova, mais ampla e confortável e que estivesse a altura da importância econômico e social que aquele bairro vinha assumindo dentro do contexto da cidade de Maceió.

Os doadores do terreno para construção da Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo, de Jaraguá pelo Major Luiz José de Barros Leite e Dona Quintina Maria de Barros cuja primeira pedra foi lançada (enterrada para servir de base para o seu alicerce) em 1888 sendo a sua construção muito lenta, mesmo quando o Presidente da Província o Comendador Alencaster nomeou uma comissão para acompanhar o processo de construção daquele novo templo católico e ter destinado a quantia de 10.000\$000 para a sua edificação que mesmo assim ainda não estava concluída, que ficou a depender dos poucos e poucos recursos do povo, que na sua maioria eram pobres; e poucos de tal forma que quando acabava o dinheiro parava-se a construção da referida igreja. (Ver figura 33).

O vigário da época á noite fazia procissões penitenciais com o povo carregando pedras para a sua construção, que eram utilizadas como lastros dos navios que vinham da Europa e que eram jogados nos fundos do prédio da Antiga Segundo Coletoria Estadual e assim quase concluir a igreja que quando estava quase pronta uma torre e parte dela desabaram provocando um enorme susto e apreensão na população local, cujas imagens dos santos foi levado para casa de uma família da região do Jaraguá, até se fazerem os consertos e reparos na igreja que foi inaugurada em 29 de abril de 1923, cuja igreja como podemos ver ficou sem a sua torre principal, com três portas na frente, uma imensa nave separada do altar-mor por uma mesa de comunhão.

Figura 33. Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo em Jaraguá.



Fonte: <http://arquiteturaalagoana.al.org.br/index.php/temas/igrejas/igreja-de-nossa-senhora-mae-do-povo/>

Depois de demolida a antiga capela de Nossa Senhora Mãe do Povo o seu terreno foi utilizado para a construção de uma Praça Bom Jesus dos Navegantes que serviu de palco para os festejos da padroeira da igreja e das festas de Bom Jesus dos Navegantes com uma procissão muito concorrida e animada que circulava pelo bairro, onde nestas festas tinham tendas onde se faziam brincadeiras, festas e quermesses na época do apogeu do Jaraguá Antigo. (Ver figura 34).

Figura 34. Banda na Rua Sá e Albuquerque.



Fonte: (SILVA 2018, p. 252)

2.1.5 Praça Dois Leões e Praça Marcílio Dias

Ela já foi chamada no passado por Praça do Consulado porque nas suas proximidades funcionava o Consulado Inglês depois Praça da Recebedoria, pois já funcionou onde é hoje o Museu da Imagem e do Som de Jaraguá a antiga Recebedoria (como se fosse uma atual Secretaria da Fazenda com o objetivo de Arrecadar Rendas e Tributos para a Província das Alagoas, hoje Estado), depois Praça General Alberto Lavenere Wanderley e atualmente mais popularmente conhecida como “Praça Dois Leões” (que na realidade não são dois leões e sim um leão, um tigre, um javali e um lobo) que o povo a “batizou” como Praça Dois Leões e assim ela ficou mais conhecida nos tempos atuais. (Ver figura 35).

Em 1918 aquela praça sofreu modificações por assim dizer uma enorme reforma adaptada ao estilo francês da época, idealizada pelo famoso pintor alagoano natural de Marechal Deodoro, Rosalvo Ribeiro que se acredita que tenha sido nesta época que foram trazidas da Europa (Paris) os animais em ferro fundido para serem colocados naquele espaço público.

Figura 35. Recebedoria (atual MISA), em frente à Praça dos Leões.



Fonte: SILVA (2018, p. 114)

Aquela praça além de importante ponto de passagem e encontro entre as pessoas que embarcavam ou desembarcavam em Jaraguá onde se tinha a Ponte de Embarque, o Consulado Provincial e a Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, funcionando também como espaço de lazer para os moradores e visitantes do bairro, transformando-se em cartão-postal de Alagoas.

A disposição simétrica das plantas, as palmeiras imperiais e demais árvores foram escolhidas para ressaltar o desenho do estilo Jardim Francês, o tipo de jardim “se casavam” com a disposição dos postes, luminárias, bancos na época, de ferro fundidos que dava a praça um “status” especial para o bairro e a cidade de Maceió.

Quanto a Praça Marcílio Dias foi dado este nome com o objetivo de homenagear os brasileiros e principalmente aos alagoanos que participaram da Guerra do Paraguai onde Marcílio Dias era um menino pobre, filho de uma lavadeira, nascido fora do casamento, natural do Rio Grande do Norte, onde a sua mãe mandou-o para uma “escola de grumetes” que em 1856 ele concluiu o curso da Escola Prática de Artilharia quando ele recebeu o distintivo de “marinheiro de 1ª classe”.

Na guerra entre o Brasil e o Paraguai quando Solano Lopez mandou invadir a Província do Mato Grosso o canhoneiro navio a vapor “Parnayba” fazia parte da força naval encarregada de bloquear os portos do Paraguai e onde se encontrava o marinheiro Marcílio Dias, e todos os demais marinheiros e a oficialidade presente naquele momento crítico da vida nacional.

O navio brasileiro foi atacado por três navios paraguaios seguindo-se de um acirrado tiroteio e combate pessoal onde Marcílio Dias ficou seriamente ferido por golpes de sabre, vindo a falecer no dia 12 de junho de 1865 aos 21 anos de idade, quando o navio Amazonas e mais dois outros navios brasileiros que deram continuidade a batalha naval. Daí ser a referida praça uma homenagem justíssima aos alagoanos que tombaram nos campos de guerra.

2.1.6 Museu da Imagem do Som e Receita Federal

Este prédio é sem dúvidas um dos mais antigos da cidade de Maceió, que quando da sua inauguração no século XIX, durante o governo de José Bento da Cunha Figueiredo júnior em 1869 ele foi construído para abrigar a sede da “Mesa de Rendas de Jaraguá”, que teria sido criada pela lei provincial nº 63 de 27 de maio de 1847, cujo prédio foi depois chamado de Consulado Provincial, cuja sua planta, foi elaborada pelo engenheiro Carlos de Mornay (aquele que foi a segunda planta do bairro do Jaraguá).

Do Consulado Provincial o prédio em 1918 foi transformado em “Recebedoria Central” onde se manteve como órgão arrecadador para o governo do Estado de Alagoas, depois de 1934 torna-se a 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia, passando a ser chamada de Exatoria Estadual do Jaraguá que hoje é a sede do Museu da Imagem e do Som de Alagoas. (Ver figura 36).

Em 03 de setembro de 1981 Bráulio Leite Júnior, um dos maiores teatrólogo de Alagoas, lançava na Fundação Teatro Deodoro um Projeto de Reconstituição da memória Histórica de Alagoas, que para isto se realizar ele fez uma campanha nos rádios e jornais da cidade de Maceió pedindo que o povo (ou qualquer cidadão alagoano) que dispusesse de fotos antigas da cidade de Maceió ou de Alagoas pudesse doá-las para a Fundação FUNTED (Fundação Teatro Deodoro) para que pudessem documentar a “Maceió do passado”, que representassem os fatos sócio-culturais de uma época.

Era então o ponto de partida para a criação do MISA (Museu da imagem e do Som de Alagoas). O presidente do Funted foi atendido no seu pedido e centenas de fotos começaram a chegar de tal forma que o acordo do “museu” cresceu assustadoramente, sendo necessário criar-se ou estabelecer-se uma estrutura, dotá-lo de normas regulamentais adquirir materiais, equipamentos e pessoas capacitadas para cuidarem daquele valioso acervo, que Bráulio Leite deu início e recebeu apoio financeiro do governo federal que patrocinou as condições para que se realizasse o projeto „Fundação Fotografar” e fosse reproduzidas centenas de fotos e imagens que eram guardadas como relíquias pelas famílias alagoanas.

Figura 36. Museu da Imagem e do Som (MISA) atual em Jaraguá.



Fonte: <http://www.alagoas24horas.com.br/954457/museu-da-imagem-e-som-participa-projeto-jaragua-vivo/>

Em novembro de 1981 Bráulio Leite organizou uma exposição numa das salas do Teatro Deodoro no qual apresentou todo o material adquirido (por doação dos populares), além de filmes e documentários em circuito fechado de televisão que despertou enorme interesse de várias pessoas que a visitaram além da produção pela Fundação Teatro Deodoro dos famosos folhetins Funted que aqui abaixo segue o número, o autor e a temática abordada por cada um deles:

NÚMERO	TEMÁTICA ABORDADA	AUTOR (ES)
01	Teatro Deodoro	Bráulio Leite
02	Catedral: Aspectos Artísticos	Ernani O. Méro
05	Capela de São Gonçalo	Gustavo Guilherme
06	Praça Deodoro	Félix Lima Júnior
18	Tribunal de Justiça	Hélio Rocha Cabral de Vasconcelos
20	Carroças e Carroceiros	Félix Lima Júnior
22	Igreja do Rosário dos Pretos	Ernani O. Méro

24	Porto de Jaraguá	Dolores Ezequiel
25	IGHAL: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas	Solange Lopes
34	Tipos Populares do Carnaval	José Maria Tenório Rocha
35	Petróleo	Florianio Ivo Júnior
38	Igreja do Livramento	Ernani O. Méro
44	Natais de Outrora	Luiz Veras
45	Crendices Populares	Zoraide Brasileiro
46	Carnavais Adormecidos	Luiz Veras
47	O Trapichão	Lauthenay Perdigão
49	Ao Clarão das Fogueiras	Luiz Veras
52	Filmes e Cinemas	Júlio Normande
55	Velhos Cinemas	Gilvan Plech
60	Igreja do Senhor Bom Jesus dos Martírios	Ernani Méro
61	Tipos Populares de Maceió	Gilvan Plech
69	Luiz Medeiros Neto: Um Alagoano Ilustre	Miguel Vassalo Filho
70	“Gogó da Ema”: O Coqueiro que foi o símbolo de um povo, de uma cidade, dos namorados e do nosso Turismo	Luiz Veras Filho

FONTES: FOLHETINS FUNTED DIVERSOS.

NÚMERO	TEMÁTICA ABORDADA	AUTO (ES)
01	Teatro Deodoro	Bráulio Leite
02	Catedral: Aspectos Artísticos	Ernani O. Méro

05	Capela de São Gonçalo	Gustavo Guilherme
06	Praça Deodoro	Félix Lima Júnior
18	Tribunal de Justiça	Hélio Rocha Cabral de Vasconcelos
20	Carroças e Carroceiros	Félix Lima Júnior
22	Igreja do Rosário dos Pretos	Ernani O. Méro

FONTES: FOLHETINS FUNTED DIVERSOS.

Quanto ao atual prédio da Receita Federal quando se ver as fotos mais antigas da Rua Sá e Albuquerque não há indicação da existência daquele prédio, de como ele é hoje, segundo podemos perceber através do estudo das fotos antigas de Jaraguá Antiga. Como podemos observar abaixo na Figura 37.

Figura 37. Antiga Rua Sá e Albuquerque em Jaraguá.



Fonte: <https://culturaeviajem.wordpress.com/2016/10/28/a-rua-que-mais-respira-cultura-em-alagoas/>

Como estávamos a dizer anteriormente, no dia 03 de março de 1982 o então governador Guilherme Palmeira assinou o ato de doação, pelo regime Jurídico de “comodato” do prédio que hoje abriga o Museu da Imagem e do Som de Alagoas, onde se encontra parte da Memória Histórica do Estado de Alagoas, aberto ao público para exposições, consultas,

rápidas e pesquisas; e mais com todo o acervo doado pela família do radialista pernambucano de nascimento e alagoano de coração Edécio Lopes que hoje faz parte também do acervo do MISA.

Onde se situa o atual prédio da Receita Federal era de grande parte do Trapiche Faustino que abrigou durante anos parte da história do bairro do Jaraguá até que em 1968 ele foi comprado e transformado na sede da Receita Federal, quando foi feita uma primeira restauração obedecendo às características originais do prédio, mais colocando alguns “toques” de modernidade sem que saísse ou fossem retiradas as características mais essenciais da sua arquitetura inclusive alguns móveis antigos do prédio foram também restaurados.

Em 1982 o prédio passou por uma reforma quase que total, derrubando-se quase todo o prédio exceto a sua fachada e os fundos, quando se construiu uma nova sede conservando a sua beleza arquitetônica e redimensionando todo o espaço interno já que ainda não se tinha feito o processo de revitalização do Jaraguá, e quem passa pelo prédio da Receita “vê a mesma coisa”, entretanto lá dentro está tudo modificado como, por exemplo, aquela escada que rangia e o cupim avançava era uma constante ameaça, onde hoje tudo é de concreto armado e não mais existem aquelas ameaças de apodrecer ou desabar.

2.1.7 Mercado de Jaraguá e Jaraguá Tennis Club

Praticamente até a década de 1940\50 inexistia o Mercado de Jaraguá, (ver figura 38) onde tudo teria começado a partir de uma feirinha que foi sendo organizado por alguns de seus moradores que já acontecia aos arredores do supermercado São José e o Capibaribe, onde os moradores do bairro que não queriam “descer” para o Mercado Público (bem mais longe e dispendioso) preferiam fazer as suas comprinhas de frutas e verduras no seu próprio bairro, tanto pessoas de Jaraguá quanto pessoas das adjacências, principalmente aos sábados, cuja feira ocupava uma área de aproximadamente 4 mil Km² nas proximidades da Comendador Leão.

Figura 38. Antigo Mercado em Jaraguá.

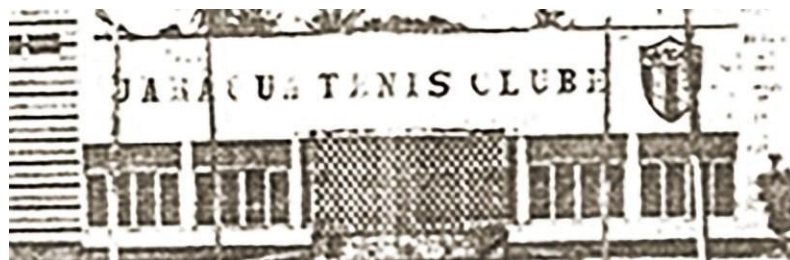


Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-centenario-mercado-de-jaragua-antigo-mercado-de-sao-jose.html>

A feirinha antiga se transformou no Mercado de Jaraguá, mais tarde que entrou anos depois em processo de decadência em função do fechamento do supermercado da antiga “CEIA”, fazendo com que grande parte de sua população se deslocasse para o supermercado bom Preço na Buarque de Macedo para fazer suas compras, quase fechando o Mercado de Jaraguá que foi reinaugurado em 1998, pela prefeita Kátia Born depois de uma boa reforma, quando no primeiro domingo de cada mês são geralmente apresentados no Mercado de Jaraguá exposições de artes plásticas, manifestações artísticas e culturais, música ao vivo, desfiles de moda, capoeira etc., transformando-se também num espaço de convívio com a cultura local.

Quanto à história do Jaraguá Tennis Club ele é uma agremiação esportiva e de recreação quase centenária, tendo sido fundada em 06 de março de 1992, quando o inglês Edward Guy Paton foi transferido do Recife para Maceió para exercer algumas funções em nossa cidade. Observe a figura 39:

Figura 39. Fachada do Jaraguá Tênis Clube.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/os-ingleses-e-o-jaragua-tenis-club.html>

Paton já gostava de jogar tênis mais ele percebeu que na nova cidade onde ele havia se instalado não havia nenhum clube daquela natureza (jogar tênis), terminando ele por reunir outros colegas de trabalho e amigos mais íntimos para criar ou fundar um clube, de sua preferência que tivesse o nome de Jaraguá, e daí se constituiu o Jaraguá Lawn Tennis Club que teve o seu nome mudado na década de 1940 para Jaraguá Tennis Clube que nesta mesma época houve a necessidade de comprar um terreno na Avenida Comendador Leão para que o clube pudesse funcionar com um maior e mais amplo espaço físico possível cuja idéia da sua mudança de endereço foi bem aceita pela diretoria, acionistas e frequentadores do clube e inclusive dos moradores do bairro que passaram com o passar dos tempos a contar com ele também como espaço de lazer e diversão.

Figura 40. Fundador do Tênis Clube Edward Guy Paton.



Fonte:

<https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwiV5IuzafhAhVFmuAKHWWzBUIQjx6BAgBEAI&url=https%3A%2F%2Fwww.historiadealagoas.com.br%2Fos-ingleses-e-o-jaragua-tenis-clube.html&psig=AOvVaw31nd53as4LXeJZwvQtiiFf&ust=1553957550748057>

Durante todo este tempo desde a sua criação até a atualidade cujo clube fará o seu centenário em 2022, daqui a três anos por sinal, foram surgindo uma série de atletas talentosos que deram orgulho a Alagoas, defendendo as cores do clube (vermelho e preto), os famosos “Bailes das Debutantes”, o já tradicional “Baile de Carnaval vermelho e preto”, mais

lamentavelmente o bairro foi entrando em decadência e o público festivo foi se afastando devido aos carnavais que foram se concentrando nas praias ou em outros municípios, levando o clube a direcionar a maioria das atividades para as práticas esportivas do tênis (de raquete, squash e tênis de mesa) de onde vieram a se destacar a nível nacional Mariana Tavares e Carolina Malheiros que são “crias” do Jaraguá Tenis Clube com formas nacional e até internacional, ambas as tenistas.

2.1.8 ASPLANA e Banco do Brasil

A Associação dos Plantadores de Cana do Estado de Alagoas (ASPLANA) foi fruto de um conjunto de iniciativas, ações, discussões que foram conduzidas de forma isolada ou em grupo por líderes do setor em 1936.

Naquela época com o objetivo de incentivar a organização da classe produtivo do setor sucroalcooleiro em Alagoas e criar alternativas legais de representatividade e atender as reivindicações dos baguezeiros e fornecedores de cana fundaram o Sindicato do Açúcar de Engenho no Estado de Alagoas, cuja capacidade de organização e liderança que permeou a seqüência de atividades como a realização de congressos e a formação de cooperativismo de classe.

Estavam assim criadas as pré-condições para a criação ou fundação histórica da Associação dos Plantadores de Cana de Alagoas cujo surgimento esteve diretamente associados à cooperativa dos Baguezeiros e fornecedores de Cana de Alagoas, através da inspiração de um grupo de canavieiros liderados por Rui Soares Palmeira que depois enveredou pela carreira política.

Foi assim que em 11 de setembro de 1942 foi fundada a Associação dos Plantadores de Cana de Alagoas cujo senador Rui Palmeira coube a redação do seu primeiro estatuto da nova entidade de classe e a indicação da primeira diretoria, cujo primeiro presidente foi Mário Gomes de Barros que exerceu o seu mandato de 1942 até 1945.

Quanto ao Banco do Brasil ele teve a sua primeira agência em Alagoas e foi instalada no bairro do Jaraguá, na Rua Sá e Albuquerque cuja inauguração aconteceu em 16 de julho de 1916 “sem festas e sem discursos”, segundo nos informou o ensaísta Félix Lima Júnior.

Alagoas ganhou a 13ª agência do Banco do Brasil antes mesmo que pudesse uma agência ser instalada no Estado de São Paulo numa demonstração clara da importância econômica e política que o setor açucareiro (tanto do planalto quanto do beneficiamento) tinha dentro do contato da economia nacional.

Segundo Félix Lima Júnior que inclusive foi por muitos anos funcionário do Banco do Brasil, interessado pela sua história nos informou que “a primeira agência do Banco do Brasil em Jaraguá funcionou no prédio que abrigou a agência Tamanduá Publicidade e a Boate Alhambra e onde no passado funcionou o escritório de representações do senhor Valeriano Gomes que cedeu o prédio mediante o pagamento de “luvas de 1. 340 \$000 (um mil trezentos e quarenta mil cruzeiros e algum tempo depois essa agência foi transferida para outro prédio de esquina com a Rua Santa Leopoldina, até a construção da sua sede própria na Rua do Livramento, no Centro de Maceió e apesar de tê-la mantido ainda em Jaraguá uma agência sua próxima a Associação Comercial de Jaraguá (vizinha por sinal daquele monumento belo da arquitetura alagoana).

2.1.9 Aldeia dos Pescadores e Balança do Peixe de Jaraguá

A “Aldeia dos Pescadores” segundo o historiador Moacir Medeiros de Sant“ Ana a cidade de Maceió teria se originado daquela antiga “Aldeia” que tiveram no Porto do Jaraguá um local de localização geográfica privilegiada além de importante local de entreposto de compra e venda de mercadorias, e de embarque e desembarque das pessoas. A cidade em si teria se desenvolvido e consolidado a sua condição de área comercial que soube muito bem somatizar todas estas esferas de interesse e perspectiva em torno do “desenvolvimento” almejado.

Não se pode esquecer que a classe mais abastada era minoria. As ruas e as vielas que iam surgindo não eram só de sobrados, sobradões ou casas bem construídas. Reproduzindo a imensa desigualdade, uma sociedade marcada por uma hierarquia social rígida, havia Maceió de choupanas, cobertas de palha de ouricuri ou palha de coqueiro, onde as pessoas faziam e procuravam sobreviver da pesca, do sururu, da coleta de frutos e da caça de animais que ainda se encontravam com facilidade nas matas que circundavam a vila e da grande população de escravos, indispensáveis ao funcionamento da economia, sem os quais a vida na Província seria impensável. Na vila Florescente Vocacionada para o comércio que deu o prumo para a urbanização alagoana, os encargos para a vida doméstica e do ganho nas ruas com a venda de refrescos, doces e frutas melhoravam a renda dos senhores nos casarões de Maceió. (TENÓRIO 2015, p. 35)

A “Aldeia dos Pescadores” que inicialmente se construiu por famílias que viviam exclusivamente da pesca na região do Jaraguá foi se transformando com o passar dos tempos num imensos favelados que a sua população nativa não aceitavam serem chamados de

“favelados”, pois isto envolvia um nível muito grande de discriminação e exclusão social que eles diziam que “pobres eles eram, mais favelados não”. Ver abaixo a figura 41:

Figura 41. Antiga Vila dos Pescadores em Jaraguá.



Fonte: <http://amajar.blogspot.com/>

Ao longo do tempo a Aldeia dos Pescadores foi também servindo de abrigo a pessoas que não tinham nada a haver com a pesca, servindo de abrigo a pessoas ligadas a outros setores informais da nossa economia. Atualmente a localidade ocupa à beira-mar com habitantes que vivem num ambiente quase insalubre ou péssimas condições de vida onde grande parte da sua população não era qualificada e apresentavam altos índices de analfabetismo.

Quanto à primeira “Balança do Peixe de Jaraguá” foi construída na década de 1930, que servia quase que exclusivamente para pesagem de peixes que eram levados ao local por embarcações para o local defronte ao prédio onde hoje funciona a atual Capitania dos Portos.

Por volta de 1957 surgiu no bairro de Jaraguá uma segunda “balança do peixe” desta vez edificada ao Aldo da Associação Comercial, cuja balança era coberta de palha e devido a sua pouca resistência a ventania do mar acabou destruindo-a no ano de 1969. Nesta mesma data foi construída uma terceira “balança” do peixe de Jaraguá que não era apenas para a pesagem dos produtos vindos do mar apenas, mas também acima de tudo a comercialização dos mesmos com estrutura bem melhor e localizada dentro da antiga Aldeia de Pescadores por 22 anos até ela ser demolida pela Prefeitura Municipal de Maceió, por não mais atender as necessidades da Comunidade Consumidora de Pescado (ver figura 42).

Em 1991 a Prefeitura Municipal de Maceió financiou a construção de uma quarta balança do peixe de Jaraguá em alvenaria com piso de concreto e cobertura de telhas de barro,

mais ampla e confortável, mas que já está pequena para atender o seu objetivo principal a venda de pescados em geral. Como mostra abaixo a Figura 42.

Figura 42. Balança do Peixe em Jaraguá.



Fonte: <http://www.alagoas24horas.com.br/901966/balanca-peixe-de-jaragua-reabre-com-quebras-nas-vendas/>

2.1.10 Faculdade de Alagoas (FAL) e Fundação Municipal de Ação Cultural

A Faculdade de Alagoas (FAL) foi à primeira instituição de Ensino Superior a se estabelecer no histórico bairro do Jaraguá. O atual prédio onde está localizada a FAL já funcionou um antigo cabaré no século XIX que era frequentado por senhores da elite alagoana. Trata-se em si o seu prédio de um sobrado (que só as pessoas de grande poder aquisitivo poderiam tê-los) em estilo neoclássico, tombado pelo governo do Estado de Alagoas em 1984 e protegido pela Lei Municipal nº 4. 545 de novembro de 1996.

Foi o arquiteto Modesto Cajueiro de Novais que comandou a reforma do prédio antigo procurando adaptá-la a nova condição de ser uma Faculdade, visando o máximo proveito das suas instalações sem destruir aquele rico patrimônio histórico do bairro do Jaraguá.

Figura 43. Faculdade de Alagoas (FAL), em Jaraguá.



Fonte: <http://www.rotadosertao.com/noticia/16867-mpf-pede-fim-de-precos-abusivos-em-faculdades-de-al-confira-a-lista>

O principal objetivo foi agregar a recuperação daquele patrimônio ao conhecimento científico que um dos esteios da ação de preservação do prédio como um todo. O processo de readaptação do prédio histórico as suas novas funções foi supervisionado pelas arquitetas Edith Nogueira e Maria Adeclany de Souza da Unidade Executora do Município de Maceió, onde as janelas daquele sobrado (da FAL), ver acima Figura 43, permitiam que as “donas” bisbilhotassem sobre a vida dos outros (fofoca) observando as pacatas ruas do bairro e as casas frontais que serviam como residências ou pensões que acomodavam pessoas ilustres da época, mas mesmo assim Jaraguá tinha um grande movimento de marinheiros, carregadores, transeuntes diversos, cujos sobrados grande parte deles, foram transformados em cabarés.

Outra Faculdade que também se instalou em Jaraguá foi a UNIFAL que há mais de 15 anos vem promovendo o aperfeiçoamento profissional de ensino superior, promovendo também o intercâmbio com outros centros e trazendo cursos e treinamento com Universidades reconhecidas nacionalmente pelo MEC e pelo mercado de ensino nas Alagoas.

Quanto a Fundação Municipal de Ação Cultural é um órgão do poder Público Municipal que foi a antiga Secretaria Municipal de cultura com sede em Jaraguá (vizinha da Capitania dos Portos do Jaraguá) que tem como principal finalidade coordenar e executar a política cultural do Poder Executivo Municipal, além de também preservar identidade e a memória do município de Maceió, onde Jaraguá é importante parte onde ele está inserido.

Como a cultura de um povo precisa sempre ser “alimentada” e “realimentada” sempre uma vez que o exercício da cidadania só pode ser exercido plenamente quando o povo prioriza resguardar as suas raízes e a sua identidade cultural presente no falar, modos de ser, pensar, brincar carnaval ou com os seus bumba-meu-boi, rezar, estudar ou qualquer outra expressão identitária que pulse nos nossos corações ou convicções.

2.1.11 Fundação Pierre Chalita e Grupo Escolar Ladislau Neto

A Fundação Pierre Chalita é a primeira instituição detentora dos direitos sobre o Museu de Arte Brasileira, onde ambas as instituições num mesmo espaço geográfico, onde no passado lá havia sido anteriormente um antigo armazém de açúcar do século XIX e hoje é um dos “pontos de cultura” ardejante do século XX e XXI onde há outro próximo à Praça dos Martírios também. (Ver Figura 44).

Figura 44. Fundação Pierre Chalita.



Fonte: <https://www.maceio40graus.com.br/noticias/fundacao-pierre-chalita-museu-de-arte-sacra-em-maceio/>

O chamado Museu da Arte Brasileira foi fundado entre 1986\7 numa área dos armazéns de açúcar, de estrutura arquitetônica mais antiga que inclusive já teria pertencido a Usina Santa Clotilde que foram depois adquiridos pela Fundação Banco do Brasil, passando depois para as mãos do artista Pierre Chalita, personagem que dedicou toda a sua vida as artes.

No espaço de exposições do Museu da Arte Brasileira em Jaraguá, várias exposições já foram realizadas por artistas nacionais e estrangeiros e principalmente por alagoanos, além de cursos de formação que foram realizados pela Fundação Pierre Chalita, assim como outros eventos culturais.

Quanto ao Grupo Escolar Ladislau Neto ele é uma das mais antigas instituições de ensino regular do antigo Primeiro Grau\ ou Ensino Fundamental do Segundo Ciclo da 5ª série antiga até a 8ª série do 1º Grau, que já teve 782 alunos nos seus três turnos e 2 turmas de Educação de Jovens e Adultos e mais de 50 funcionários públicos indo desde os serviçais, merendeiras, professores, supervisores, bibliotecários, diretores e vigilantes.

Figura 44. Grupo Escolar Ladislau Neto



Fonte: <http://arquiteturaalagoana.al.org.br/index.php/temas/escolas/antigo-grupo-escolar-ladislau-neto/>

É importante lembrar que foi no prédio desta atual escola onde primeiramente funcionou o Clube Fênix Alagoano. E afinal quem foi Ladislau Neto?

Ladislau de Souza Neto nasceu na antiga cidade de Alagoas (hoje Município de Marechal Deodoro) em 23 de junho de 1839, sendo filho de negociante que aos 16 anos foi matriculado na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro dedicando toda a sua vida ao estudo da ciência e das artes.

Ele fez uma viagem explorativa em companhia do francês Emmanuel Lais a região do Rio São Francisco, Ladislau Neto a partir dos seus desenhos da viagem ao Rio São Francisco renderam-lhe a proposta de estudar na França onde aperfeiçoa e aprofunda os seus estudos voltando com um título na época equivalente a um doutorado, voltou ao Brasil em 1867, retornando ao trabalho no Museu Nacional do Rio de Janeiro onde havia feito estágio nele.

Após a morte do antigo diretor geral do Museu Nacional do Rio de Janeiro ele é convidado pelo Imperador D. Pedro II para assumir aquele Museu que assume mediante uma experiência, e pela primeira vez fazer um concurso público para o ingresso de novos funcionários para ocuparem os cargos técnicos do museu que corria o risco de serem por indicação política dos “filhinhos de papai” ou “apadrinhados políticos” como sempre assim o foi anteriormente. O concurso foi feito e quando Ladislau Neto reestruturou o Museu Nacional criando as áreas de Estudo da Antropologia, da Botânica (mamíferos, reptéis, aves, insetos, tudo por área de estudo especificamente), da Geologia, dos Fósseis, das culturas indígenas etc., assim a Revista do Museu Nacional e a reestruturou dentro do modelo francês de Museu de História Natural, que na época era o mais avançado do mundo, além dele ter feito viagens pelo país inteiro coletando objetos, peças, artefatos, animais empalhados etc.

Esse seu trabalho também lhe rendeu inveja, inimizades, intrigas por sinal além das glórias que a nível coletivo também extensivo ao pessoal do Museu eram reconhecidas como do seu mérito, pessoal, inclusive, mas quando ele torna-se o Diretor Geral do Museu Nacional teve atuação reconhecida inclusive em outros países pelo seu trabalho dentro do Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado por D. João VI, chegando ele também a fazer parte da Sociedade da História Natural de Cheburgo na França, da Academia Real de Ciência de Lisboa, do Instituto de Grão Ducado de Luxemburgo, além de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas onde deixou vários trabalhos sobre botânica e Arqueologia.

Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de março de 1894 na Estação de São Francisco onde havia ido visitar um amigo. Para que o nome desse ilustre alagoano fosse sempre lembrado pelas novas gerações o Governador do Estado na época Osman Loureiro escolheu em 25 de

agosto de 1937 para patrono do Grupo Escolar Visconde de Sinimbu em Jaraguá, que passa a chamar-se dali por diante Grupo Escolar Ladislau Neto.

2.1.12 Bares e Restaurantes em Jaraguá

O Projeto de Revitalização de Jaraguá atraiu para aquela região algumas dezenas de bares e restaurantes que cada um deles tem uma história própria dos seus proprietários, como ação de empreendedorismo e esforço pessoal e coletivo de fazer a diferença de forma positiva e atuante comprometidas com a qualidade dos serviços oferecidos.

“Pizza Bar e Piano” do Paulo Dantas\ Ademir Cavalcante e Nivaldo Alves, nasceu da ousadia dos seus proprietários que depois deles três terem aderido o programa de demissão voluntário do Banco do Brasil se juntaram para fundar este estabelecimento comercial; já o Bar Virgulino nasceu da ideia do seu proprietário Zequinha Maranhão ter decidido valorizar em seu estabelecimento as comidas regionais nordestinas e os seus rituais musicais “Xote” e “Forró”, e além destes dois bares temos também a “Cantina de Baco”, a “Casa da Sogra”, o “Pier Jaraguá”, o “Oráculo” (que era mais uma boate), o „Engenho Jaraguá” e vários outros.

Vejamos algumas ruas e praças do bairro de Jaraguá:

- **Rua Alexandre Passos-** Lei nº53, de 02 de março de 1889- José Alexandre Passos, nasceu na cidade de Alagoas, em 16 de setembro de 1808, e faleceu em fevereiro de 1898; foi funcionário da Secretaria do Governo Provincial, foi renomado filólogo e professor de línguas. Deputado provincial, Cavaleiro da Ordem da Rosa, advogado, sócio-fundador do Instituto Histórico de Alagoas, foi o autor do Dicionário Gramatical Português. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 18)
- **Rua Dr. Batista Acioli-** (Antiga Rua do Queimado). João Batista Acioli Júnior nasceu em Maragogi no dia 19 de agosto de 1877, era engenheiro civil, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, rico senhor de engenho e proprietário de vastos coqueirais no norte do Estado, conhecido como Dr. Neto. Foi governador de Alagoas, de 1915 a 1918 e Senador Federal. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 40)
- **Rua profº Graciliano Ramos-** (Antiga Rua da Boa Lembrança). Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo no dia 27 de outubro de 1892 faleceu em 20 de março de 1953. Foi negociante e Prefeito de Palmeiras dos Índios; foi descoberto escritor por ter

escrito um relatório ao Governador Álvaro Pais, que foi publicado no Diário Oficial, sendo muito apreciado e comentado. Dentre suas obras estão: São Bernardo, Angústia, Vidas Secas entre outros. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 96\97)

- **Rua Sá e Albuquerque-** O bacharel Antônio Coelho de Sá e Albuquerque dirigiu os destinados de Alagoas em 1857. No seu discurso de recepção no Instituto Histórico de Alagoas, em 21 de abril de 1928, Monsenhor Luís Barbosa informa que essa rua já se chamou Rua da Praia e da Frente. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 162)
- **Rua Dr. Silvério Jorge-** (Antiga Rua Beira do Rio e São Félix Silvério Fernandes de Araújo Jorge). Silvério Jorge nasceu na cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, no dia 20 de julho de 1817 e faleceu em Recife em 9 de julho de 1893. Formou-se em ciências jurídicas e sociais; foi Juiz Municipal de Penedo, Traipu e Maceió, nesta província. Foi sócio fundador e o primeiro presidente do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 171)

2.1.13 Centro de Convenções de Maceió

Nos antigos galpões do IAA na Rua Santa Leopoldina montaram um centro de convenções que foi inaugurado durante o governo de Ronaldo Lessa. O bairro de Jaraguá resistiu ao progresso e ao tempo mantendo conservados grande parte das suas características arquitetônicas do seu traçado urbano que o transformou numa área privilegiada da cidade de Maceió de rico patrimônio histórico e arquitetônico.

A partir da década de 70 o bairro viu nascer à construção de prédios funcionais, mais acima de tudo mantiveram-se intactos na sua maioria e os armazéns que o levaram ao progresso e os sobrados que no passado abrigaram a boêmia do bairro as praças tiveram também um importante papel urbano e social na história do bairro do Jaraguá.

O atual prédio do Centro de Convenções de Maceió, (ver Figura 46), foi construído dentro das concepções arquitetônicas mais modernas possíveis sempre preservando as suas características arquitetônicas e artísticas mais essenciais ou importantes esteticamente sem perder a sua essência tida com espaço de cultura com auditórios, teatros, local para instalação de barracas, estandes etc., amplo estacionamento tudo o que se espera de um Centro de Convenções.

Figura 45. Centro de Convenções.



Fonte: <http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/16338-centro-de-convencoes-de-maceio-sera-reformado-e-ampliado>

Revitalização de Jaraguá

“Riqueza e decadência, apogeu e abandono. Este é um ciclo que faz parte da história de Jaraguá, um dos mais antigos bairros de Maceió. Que hoje caminha por suas inseguras, cheias de prédios históricos abandonados e praticamente desertas ao início do anoitecer, não imagina que ali começou o desenvolvimento socio-econômico e urbano da vila que em 1830 viria a se tornar a capital alagoana”. (MELO, 2013: 5D)

JARAGUÁ

O mormaço, vindo do mar.
O cheiro de amor, vindo das janelas.
O gosto de açúcar, vindo das esquinas.
É a alma do Jaraguá

Bairro antigo, mais antigo que a capital.
Oriundo de um engenho de açúcar,
Guarda segredos da antiga sociedade,
Alguns esquecidos outros revelados.

Foi a fina flor da sociedade.
Comércio, porto e lazer,
Não podemos esquecer.

Hoje é bairro histórico,
Relato vivo deste povo.
Dormindo sobre seu passado.

Ari Lins Pedrosa.

O Projeto de Revitalização do bairro de Jaraguá foi apenas uma tentativa, visto que não se buscou interagir com a população residente, que no caso sendo público alvo deveria ter participado ativamente do projeto.

Há muito o que fazer para preservar a nossa memória. E nada melhor do que aproveitar o momento atual, o grande empreendimento da edilidade, antes que as lembranças de muitos dos que viveram a época dos negócios, da boemia, da modernização portuária local, cessem para sempre. (PEDROSA, 1998, p. 67)

O que o autor quer dizer é que vivemos em um mundo mais moderno com tecnologias avançadas e que por isso é o momento ideal para promover avanços, claro que levando em conta os anseios da população, e aqui neste caso dos moradores que habitam neste bairro de tão grande importância para nossa cidade e para manter vivas as lembranças de tudo que o bairro de Jaraguá vivenciou.

Não é apenas a museóloga Carmen Lúcia quem diz isso, mas outras pessoas ouvidas pela reportagem indicam que um dos grandes erros do projeto foi não ter criado núcleos habitacionais no bairro com o objetivo de dar-lhe vida. “É pena que este projeto não tenha dado certo”, lamenta

Ao lado da recuperação de monumentos numa região que respira história, ela diz que é preciso dar importância a outros projetos, como a infraestrutura do bairro, a segurança e o incentivo fiscal. “Além disso, faltou o básico: o envolvimento da comunidade no processo. O olhar deve ser prolongado à população que utiliza a área, quer para moradia, trabalho, lazer ou simplesmente para circulação.

3. AVENIDAS DE MACEIÓ: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA.

Maceió cidade que já ficou em evidências devido aos inúmeros fatos marcantes ocorridos no decorrer dos seus 200 anos. Durante muitos anos o símbolo de Maceió era representado por um coqueiro conhecido como Gogó da Ema, este foi um símbolo de um povo, de uma cidade, dos namorados e do nosso turismo. Como observa-se na Figura 47.

Figura 46. Gogó da Ema: símbolo da cidade de Maceió.



Fonte: <http://alanortnoticias.com.br/blog-do-anobelino/101/conheca-a-historia-do-gogo-da-ema-simbolo-da-cidade-de-maceio>

Nas noites de luar, o Gogó-da-Ema foi testemunha discreta e muda dos encontros felizes, das confissões apaixonadas que ouvia, dos devaneios, dos íntimos aconchegos amorosos a que assistia impassível. (Maceió História e Costumes, p. 4). Ver Figura 48.

Figura 47. Gogó da Ema: cartão-postal.



Fonte:

https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwj6h4veyK3hAhWynOAKHW_1ALEQjxx6BAGBEAI&url=https%3A%2F%2Fwww.historiadealagoas.com.br%2Fgogo-da-ema.html&psig=AOvVaw3ffXAtkuTJymzigFnVTa6i&ust=1554162514803080

No dia 27 de julho de 1955 às 16:30 hrs, o Gogó-da-Ema, teve sua proteção fortemente invadida pelas águas impetuosas do Atlântico; e finalmente sem mais se conter em suas raízes, caiu, naquela encantadora hora de início de crepúsculo, como o são os fins-de-tarde da Pajuçara e da Ponta-Verde. (Maceió História Costumes, p. 3).

Na Figura 49 podemos observar a lastimável queda do famoso coqueiro:

Figura 48. A queda do coqueiro famoso do Gogó da Ema.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/gogo-da-ema.html>

“Os poetas estão de luto e está de luto o amor. Os namorados estão pesarosos. Há uma tristeza nos românticos. Há pesar nos boêmios. A cidade toda está magoada. Nosso orgulho está ferido. Nossa sensibilidade foi insultada, retalhada. Deixaram o “Gogó” morrer”. (Maceió História e Costumes, p. 2) A. desconhecido.

As praças e monumentos históricos já foram objetos de pesquisa para alguns estudiosos; sendo inclusive apresentado como um Trabalho de Conclusão de Curso. No entanto nada se falou até o momento sobre as principais Avenidas de Maceió, mas o que é avenida?; Avenidas são “artérias”; isto é uma via urbana de grande importância, que às vezes são constituídas por duas vias, o que acaba facilitando uma maior circulação de veículos.

As cidades são o testemunho das sociedades que as construíram e o urbanismo nasceu da vontade de orientar as suas incessantes transformações (Lacaze, 1995).

Diante disso, algumas avenidas de Maceió foram escolhidas como objeto de pesquisa para o TCC. Pode-se dizer que sem a existência das avenidas em questão não existiria desenvolvimento urbano, pois milhares de pessoas transitam por essas vias para trabalhar, para o lazer etc.

As Avenidas escolhidas são: Avenida Fernandes Lima. Avenida Gustavo Paiva; Avenida Siqueira Campos e Avenida General Luís de França Albuquerque. Os nomes das avenidas em questão foram uma singela homenagem por aqueles que quando viviam atuou na cidade e contribuiu para seu desenvolvimento de alguma forma.

Nem sempre as pessoas “ilustres” que receberam tão honrosa homenagem nasceram em solo alagoano; o que não impede em nada, pois o que foi levado em consideração foram suas respectivas contribuições; como por exemplo, Gustavo Paiva que nasceu na Paraíba, mas que realizou grandes construções na cidade de Rio Largo em Alagoas.

O principal interesse desse trabalho é informar às pessoas que desconhecem as histórias dessas avenidas, pelas quais transitam no dia a dia.

Segundo o artigo 85 da Lei Municipal nº 5.593, de 08 de fevereiro de 2007, do Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió, referente à denominação das vias públicas, diz o seguinte: “Na denominação dos logradouros públicos, vias e obras de arte integrantes do sistema viário urbano, é proibido:

- I - adotar nomes pertinentes a pessoas vivas;
- II - adotar denominação igual á estabelecida a outro existente;
- III- alterar a denominação histórica tradicional”.

O artigo 86. ” Uma vez conferidas as denominações aos logradouros públicos, vias e obras de arte integrantes do sistema viário urbano, é vedada a sua alteração posterior, salvo nos casos:
IV- de confusão entre denominações idênticas para logradouros distintos;
V- de retorno à denominação histórica tradicional”.

A Lei Municipal nº 359 de 24 de julho de 1954 refere-se às denominações de avenidas, ruas, praças e próprios municipais.

Art. 1º- Avenidas, ruas, praças e próprios municipais deverão ter denominações que evoquem fatos históricos nacionais, estaduais e municipais ou homenageiem pessoas ilustres já falecidas.

Art. 2º-Excepcionalmente, fatos históricos e pessoas ilustres estrangeiros poderão ser objeto do que determina o art. 1º, desde que se reconheça influência favorável do fato ou pessoa sobre a vida nacional.

Art. 3º- Fica proibida a mudança de denominações enquadradas nos termos do artigo 1º e seu parágrafo único e do artigo 2º.

Art. 4º- Deverá ser procedida a substituição de denominações inexpressivas.

Art. 5º- As denominações das escolas públicas municipais deverão ser sempre em homenagem á memória de pessoas que se dedicaram á educação da juventude.

Art. 6º- O Instituto Histórico de Alagoas poderá ser consultado nos casos em que houver dúvida quanto á aplicação de denominações.

Obs.: Essa lei entrou em vigor na gestão do então prefeito da época José Lucena Maranhão.

3.1 Avenida Fernandes Lima (Farol)

3.1.1 Quem foi Fernandes Lima?

José Fernandes de Barros Lima, nasceu em Passo de Camaragibe, no dia 21/ 08/1868 e faleceu no dia 16/05/1938 em Maceió; filho de seu Manuel José de Lima e D. Constantina Accioly de Barros Lima. Foi um advogado, jornalista, escritor e político brasileiro; foi um alagoano que fez da luta pelo poder o objetivo máximo de sua vida. Quando era estudante participou da Campanha Abolicionista e da Campanha Republicana. Ver abaixo Figura 50.

Figura 49. Fernandes Lima.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernandes_Lima

Fernandes Lima foi destaque na política, atuou como deputado estadual, deputado federal, vice governador de Alagoas foi o 23º governador de Alagoas, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, membro fundador da Academia Alagoana de Letras e integrante da Liga dos Combatentes. Este grupo tinha por sede a residência do militar Manuel Luiz da Paz, que ficava na Rua dos Sopapos nº 311, no bairro da Levada em Maceió.

Fernandes Lima não apenas se destacou na política, mas até hoje é conhecido por integrar e participar de um dos episódios mais chocantes de violência que ocorreu em Maceió, que foi o Quebra de Xangô, ou Quebra Quebra; ou simplesmente Quebra em 7 de fevereiro de 1912.

Quando ecoou o grito de guerra, “Quebra”!, os cabras da Liga que a essa altura não deviam obediência a nenhuma autoridade, nem terrestre, nem mágica, caíram com toda sua fúria sobre os terreiros o primeiro a ser atingido (...) foi o terreiro do Chico Foguinho, cujos seguidores foram surpreendidos no auge da cerimônia religiosa, alguns deles ainda com o santo na cabeça. A multidão enfurecida entrou porta adentro quebrando tudo que encontrava pela frente, fazendo jus á determinação do líder, e batendo nos filhos de santo que se demoraram na fuga. Diversos objetos sagrados, utensílios e adornos, vestes litúrgicas, instrumentos utilizados nos cultos, foram retirados dos locais em que se encontravam, e lançados no meio da rua onde se preparava uma grande fogueira. Naquela via pública, entre rosários e colares de ofás, foi colocada ainda a imagem de um santo em forma de menino, que muitos afirmaram se tratar de “Ali Babá”, a qual ficou exposta á zombaria dos que passavam. (RAFAEL,2012, p. 32)

O Quebra Quebra não se restringiu aos terreiros da capital, tendo se estendido também por povoados e distritos próximos como Pratagy, Atalaia, Santa Luzia do Norte, Alagoas, antiga capital da província e Tabuleiro do Pinto. Assim sendo por vários dias ainda se assistiria ao desfile de alfaias e imagens de santo pelas ruas do Centro de Maceió, conduzida por populares até a sede da Liga dos Republicanos (...) (RAFAEL, 2012, p. 32 e 40)

O Quebra de Xangô foi um caso de intolerância religiosa, preconceito de cor e abuso de autoridade; onde todos os terreiros foram invadidos, quebrados e as pessoas foram espancadas até a morte; e as que sobreviveram foram perseguidas impedidas de praticar suas religiões de matrizes africanas. A morte mais marcante foi a da Tia Marcelina que foi espancada e morreu com um golpe de sabre na cabeça.

O pai de santo Manoel Martins teve seu cavanhaque arrancado com epiderme e tudo. Além da humilhante passeata pelas ruas de Maceió com os seus participantes presos, os frequentadores dos cultos afro foram vítima das maiores atrocidades: prisões, torturas e delações.

A elite intelectual de Alagoas na época silenciou de propósito não falar nada a respeito do Quebra de 1912 como se nada disso tivesse acontecido na história. O que se observa é que o silenciamento deles teve forte impacto negativo sobre as casas de cultos afro-brasileiras em Alagoas que a partir daí por diante não só a morte de vários pais e mães de santo durante o evento do Quebra, mas também o silenciamento da prática dos cultos que tiveram de ser feita de forma silenciosa (Xangô Rezado Baixo) , ocultas ou que não chamassem a atenção da população para o que estava ocorrendo dentro dos terreiros e isto teve um impacto tão grande sobre as casas de cultos afro-brasileiros que para se abrir um terreiro de Candomblê é necessário ter uma autorização legal da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Alagoas, fato este que não se exige para se abrir uma Igreja Católica, Protestante ou de qualquer outra concepção religiosa.

Fernandes Lima foi homenageado com seu nome em uma das mais movimentadas via de acesso a Maceió, o congestionado corredor de tráfego chamado Avenida Fernandes Lima; no entanto as pessoas desconhecem a vida dessa figura tão emblemática da história dessa cidade e Estado.

No dia 1º de fevereiro de 2012, mas precisamente 100 anos após o massacre, o governador do Estado de Alagoas Teotônio Vilela Filho assinou um pedido de perdão oficial a todas as comunidades de terreiros de alagoas, pelas atrocidades que marcaram o dia 1º de fevereiro de 1912, conhecido como a Quebra de Xangô.

Em seu discurso, o governador declarou:

”Minhas saudações aos alagoanos e alagoanas de todas as matrizes culturais e todos os matizes religiosos.

Não existe nação que se pretenda grande, sem um povo forte. Da mesma forma, não existe povo que seja grande, sem uma memória coletiva. A memória é a alma do povo e o povo é a alma da nação.

E nossa memória alagoana precisa ser revigorada com o resgate de lembranças escondidas, erroneamente varridas para baixo do tapete de penumbra do silêncio. Não podemos esquecer que 2012 marca o centenário do auge do período de perseguição aos praticantes dos cultos afro-brasileiros em Alagoas. Época de terror especialmente forte em Maceió, no episódio mais conhecido como a Quebra dos Xangôs, ou simplesmente, Quebra.

Pegando pela palavra, estamos aqui reunidos para quebrar o silêncio oficial que reinou durante décadas sobre os horrores daqueles acontecimentos que marcaram o ano de 1912. Naquele tempo, uma onda de violência sem precedentes se abateu sobre os terreiros em Maceió e sobre as pessoas que então praticavam os ritos de origem africana o Estado não cumpriu, naquele momento, seu papel de assegurador dos direitos elementares do cidadão, nem na garantia do direito à liberdade religiosa.

Como referência, escolhemos o dia primeiro de fevereiro, quando uma entidade civil denominada Liga Republicana Combatente, comandou uma violenta invasão a centros de cultos e de cultura de matriz africana em Maceió. A primeira vítima nesta terrível foi Tia Marcelina, reverenciada como a principal Mãe de Santo de Alagoas daquela época.

Tia Marcelina, idosa com mais de oitenta anos, morreu vítima de um golpe de sabre em sua cabeça e chutes desferidos por um ex-soldado, desertor da força pública. Conta-se que no dia seguinte a perna do referido soldado secara e, depois, todo o corpo.

Em verdade, referente a esses episódios horrorosos, o que secou mesmo foi nossa memória e, junto com ela, nossa própria identidade perdeu parte de seu brilho. Secou parte de nossas culturas populares, com a perda de importantes lideranças e artistas do povo, detentores de práticas e saberes ancestrais impregnados ao nosso imaginário e nas coisas do cotidiano.

Segundo a opinião de estudiosos de todo o Brasil, as casas de cultos afro-brasileiros, além da importância dada pela sua prática específica- a do culto religioso-, funcionam também como verdadeiros celeiros de criatividade e cidadania, a exemplo de tantos outros cultos de matizes religiosos distintos. Os territórios das crenças são espaços de vida comunitária abertos às diferenças de toda ordem. Nesses perímetros, no caso dos cultos afro-brasileiros, aprendesse desde cedo o respeito aos idosos, portadores de saberes herdados de seus ancestrais. Também se aprende o respeito às crianças, patrimônio de toda a comunidade e, por isso, responsabilidade de todos. E o mais importante, aprende-se a ter orgulho de si mesmo, pelo desenvolvimento de um forte sentido de integrar um ruço cultural maior, seja Nagô, Angola, Gêge e as muitas outras nações que formam a riqueza das religiões africanas.

Muito me orgulha, na condição de governador deste Estado, saber-me protagonista deste ato da maior importância. Hoje, capitaneados pela Universidade Estadual de Alagoas e seus parceiros, nos reunimos para passar a limpo da história, promovendo a justa compreensão da violência causados não só aos religiosos de matriz africana, mas a todo o povo alagoano.

A conquista de um futuro digno para Alagoas exige o revisitar do seu passado, na busca de corrigirmos os erros historicamente cometidos e ajustarmos o leme em direção a dias melhores.

O “Quebra”, mais do que um evento restrito ao aspecto religioso, apresenta-se como um momento de prevalência dos sentimentos de violência e intolerância, expressões retrógradas que precisam ser definitivamente superadas, em nome de uma sociedade verdadeiramente democrática e inclusiva.

Assim, o ciclo de atentados perpetrados em 1912 contra as casas de cultos afro-brasileiros pode ser visto como um atentado contra a autonomia do

povo alagoano para construir uma identidade afirmativa de seu protagonismo, de sua efetiva presença na construção de uma Alagoas democrática. Se considerarmos que a maior potencialidade de qualquer sociedade se encontra justamente na força e criatividade de seu povo, podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que o evento do “Quebra” resultou em inquestionável prejuízo ao nosso progresso enquanto sociedade como um todo.

Dizendo isto, penso emocionado naquela Maceió de um século atrás onde, segundo as palavras do saudoso historiador Félix Lima Júnior, nas noites de festa podia-se ouvir o som dos tambores da Ponta Grossa á Pajuçara e de Bebedouro ao Centro da cidade. Penso nos belíssimos maracatus que desfilavam por estas ruas e que desapareceram após o “Quebra”.

Atento para as teses e apontam para a força social do Candomblé do tipo Xambá, reconhecido atualmente como patrimônio histórico nacional e que igualmente, segundo estudiosos, teria migrado para Pernambuco, privando-nos da sua riqueza cultural. Penso em uma cidade viva, colorida, embalada pelo canto carinhoso das inúmeras baianas e vendedores negros ambulantes que ganhavam o pão de cada dia por essas ruas.

De fato o “Quebra” nos empobreceu culturalmente, mas sobretudo nos impediu de crescermos através do convívio com as diferenças e, compartilhando saberes, construirmos um desenvolvimento social baseado em nossa diversidade e, portanto, comprometido com a inclusão cidadã de todas as parcelas da sociedade.

Assim, observando atentamente o ocorrido há um século, o Estado de Alagoas pede perdão pelo que seus Poderes Constituídos possam ter contribuído, por ações e/ ou omissões, para com a violência desencadeada pelos obscurantistas da entidade civil conhecida como Liga dos Combatentes Republicanos e quem quer que lhe tenha sido cúmplice na vergonhosa onda de crimes cometidos contra os praticantes dos cultos afro-brasileiros.

Os atos verdadeiramente terroristas perpetrados pelos membros sectários dessa entidade, como indicam as fontes históricas ainda muito pouco divulgadas, tiveram o beneplácito de lideranças destacadas da sociedade alagoana e teriam sido incentivados pela disputa do poder político estadual. Assim, no dia de hoje, ao realizar o pedido público de perdão aos religiosos de matriz africana, o faço principalmente como alagoano e em nome de toda essa sociedade. O faço com o objetivo de, ao olharmos para trás despojados de quaisquer preconceitos, reconheçamos as responsabilidades, enquanto poder publico, frente ao terrível período do “Quebra”.

Ao pedir perdão não pedimos o esquecimento. Muito pelo contrário. Exibimos nossa dor e queremos expurgar nossa vergonha por aquele período tenebroso, convocando os alagoanos a se aprofundarem no estudo de nossa história. Estamos nos convidando a conhecermos a nós mesmos, entendermos nossas feridas, reconhecer nossos erros, compreender o passado, enfim. Não para carpirmos pecados, como se lágrimas e lamentos expiação fossem. Mas para que, conhecendo e reconhecendo ocorrências vergonhosas e terríveis como essa, possamos combater, com firmeza, toda e qualquer possibilidade de tragédias semelhantes.

Queremos virar essa página da história nos comprometendo com uma nova etapa, com o projeto de uma nova Alagoas, onde todos e todas possam exercer livremente suas diferenças e, a partir delas, garantir um futuro digno para seus filhos.

Para tanto, as religiões de matriz africana têm uma contribuição inestimável a dar nessa construção, pelo relevante papel educativo que desenvolvem junto a todas as camadas da sociedade alagoana, ensinando valores positivos, baseados no respeito ao próximo. Além disso, podemos dizer que cada

Terreiro de Xangô de Alagoas tem enorme potencial no campo da formação profissional envolvendo jovens, podendo se transformar em importante espaço de capacitação de músicos, artesãos, educadores e outros profissionais, gerando renda e combatendo a pobreza em nosso Estado.

Mas fundamentalmente, independente desses conceitos de participação e formação cidadã, ao nunca esquecermos as dores e crimes do “Quebra”, o Estado de Alagoas reafirma seu compromisso básico, elementar, de respeitar, integralmente, e de garantir através da força de seus poderes constituídos o direito irrestrito á liberdade de culto religioso. Este é um pilar básico, indispensável, ao exercício do Estado Democrático de Direito.

Mais uma vez expresso meus parabéns a Universidade Estadual de Alagoas e seus parceiros pela iniciativa e quero colocar-me á disposição para, sempre que for preciso, estarmos untos nessa construção. A todos e todas deixo meus votos de melhor proveito desse evento que já entrou para a história dessa nova Alagoas.”

FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quebra_de_Xang%C3%B4 Referente ao pedido de perdão do Governador do Estado de Alagoas Teotônio Vilela Filho aos povos de religiões afro decorrente do Quebra de Xangô.

Figura 50. Trecho da Avenida Fernandes Lima, no bairro do Farol.



Fonte: <https://maceio.7segundos.com.br/noticias/2018/04/28/109793/trecho-da-avenida-fernandes-lima-sera-interditado-neste-domingo-29.html>

A sistematização das informações e levantamentos territoriais a seguir, compõe um diagnóstico fundamentado na leitura monitorada da paisagem urbana feita por bairro, através do conhecimento e experiência de técnicos e moradores da área, chegando a resultados consistentes do conhecimento empírico das precariedades e potencialidades da área.

Essa leitura é complementada por dados socioeconômicos, quantitativos, qualitativos, mapeamentos e fotografias que apontam interesses tendências programas e projetos, embasando a proposta do macrozoneamento municipal e do zoneamento urbano de Maceió.

O modelo espacial desejado depende de outras variáveis: disponibilidades de terras e recursos, exigüidade de lotes que condicionam o padrão e adaptação á realidade, além dos interesses de mercado.

3.1.2 Informações sobre o Bairro do Farol

- Área: 3.1 Km²
- População fonte IBGE: 16.859 habitantes (censo 2010)
- Quantidade de logradouros: 199
- Região Administrativa: 3

O bairro do Farol recebeu esse nome devido à implantação do farol no Planalto do Jacutinga construído em 1856 e onde permaneceu por quase cem anos; porém em maio de 1949 devido uma tromba d'água ocasionou a perda do Farol e dois anos depois construíram o Farol no bairro do Jacintinho; antes os coronéis e barões residiam em Bebedouro, porém devido ao clima saudável e a proximidade com o Centro da cidade, acabaram optando por residirem no Farol, onde construíram mansões. A Avenida Fernandes Lima até as proximidades do Quartel do Exército era tomada por mansões onde residiam usineiros grandes industriais, comerciantes, magistrados e políticos.

Segundo Costa (2001) o bairro do Farol se transformou na zona residencial mais elegante da cidade e devido ao seu processo de urbanização tornou-se a própria representação no desenvolvimento da cidade de Maceió.

Nos dias atuais vemos que o Farol tornou se um centro comercial, as casas antigas, ou foram derrubadas ou descaracterizadas, dando lugar a edifícios e apartamentos. No entanto há ainda vestígios do passado, como por exemplo, o Seminário Arquidiocesano que ainda preserva suas linhas arquitetônicas.

É no bairro do Farol que estão localizados os melhores colégios, com vários cursos superiores do Cesmac, consultórios e clínicas, hospitais, escritórios de advocacia, engenheiros, arquitetos, emissoras de rádio e TV, supermercado, sacolões (hortifrutigranjeiros), farmácias, butiques, agencia dos correios, bares, restaurantes, igrejas

católicas e evangélicas, postos de combustíveis e estabelecimentos comerciais. Segundo Jair Barbosa Pimentel o bairro do Farol tem vida própria.

A Praça do Centenário deixou de ser uma área residencial, para se tornar uma área comercial; bancos como o Bradesco, Cidade, Rural, Sudameris, Real, Nordeste, CEF, Banco do Brasil e Itaú. É também no Farol que está localizado Cepa que é o maior complexo educacional do país, com vários colégios de primeiro e segundo graus, mantidos pelo estado. Nesse bairro estão localizados os três colégios mais tradicionais de Maceió: Marista, Sacramento e Madalena Sofia.

Todas as ruas têm nomes que a identificam, o que muitos não sabem é que por trás dos nomes existe sempre uma história sobre os homenageados, Félix Lima Júnior em seu livro: **Memórias de minha rua**, narra com detalhes quem foram esses personagens que fizeram e estão fazendo a história de Alagoas, seja na política, econômica, militar, religiosa, esportiva, cultural, educacional ou social; aos quais permanecem vivos nas ruas da cidade de Maceió, bem como as praças espalhadas por todos os bairros desta cidade.

3.1.3 Algumas importantes ruas e praças localizadas no Bairro do Farol

- **Rua Dr. Adalberto Marroquim**-Lei municipal: nº298- 16\07\1953 antigo Beco do Conforto. Adalberto Afonso Marroquim era pernambucano, bacharel em Direito. Foi deputado estadual, diretor da Instrução Pública e Secretário do Interior, antes da Revolução de 1930. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 11)
- **Rua Manoel Gonçalves Ferreira**- O Dr. Manoel Gonçalves Ferreira foi considerado “o apóstolo da psiquiatria em Alagoas”. Doutourou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1907. Foi médico da Escola de Aprendizes Marinheiros e Diretor do Asilo de Alienados Santa Leopoldina. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 134)
- **Rua Dr. Ângelo Neto**- Lei Municipal: nº53- 02\03\1899- Antiga do Arame e Bandeirantes. Ângelo José da Silva Neto, bacharel em Direito, foi jornalista, deputado federal por Alagoas. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 24)
- ❖ **Praça do Centenário**-Lei Municipal: nº115- 25\03\1950- Antiga Getúlio Vargas. Foi denominada Praça do Centenário devido à comemoração de 09 de dezembro de 1939, cem anos de transferência da capital de Alagoas para Maceió. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 54). Ver Figura 52.

Figura 51. Praça Centenário, no bairro do Farol.



Fonte: https://www.apontador.com.br/local/al/maceio/bancos/C40790971E40204020/praca_centenario_maceio_al_.html

- **Rua Manoel Omena Fireman- Lei Municipal:** Manoel de Omena Fireman nasceu em Carrapato, hoje (Rio Novo) foi mecânico da antiga Companhia das Águas, depois SAEM, hoje, CASAL. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 136)

FAROL (ver Figura 53)

Figura 52. O primeiro Farol, no Mirante Dom Ranulfo, na subida da ladeira da Catedral.



Fonte: <https://www.reportermaceio.com.br/antigo-farol/>

Foi o reduto da burguesia alagoana
Com o clima de planalto.

O nome é originário da implantação
 Do farol no Planalto do Jacutinga.
 Das antigas mansões.
 Reina hoje, um comércio alucinante
 E um trânsito desconcertante.
 Pulsa vida própria
 Neste bairro
 (com alma de uma verdadeira cidade)
 Do apogeu das décadas de 40 e 50
 Ficaram as lembranças dos bondes
 Que subiam e desciam.

Ari Lins Pedrosa

3.2 Avenida Siqueira Campos (Prado)

3.2.1 Quem foi Siqueira Campos?

Antônio de Siqueira Campos nasceu em Rio Claro, SP no dia 1 de maio de 1898, filho de Raimundo Pessoa de Siqueira Campos e Luísa Freitas de Siqueira Campos. Em 1904 mudou-se com sua família para São Paulo, onde ocupou o cargo de almoxarife do Departamento de Águas. Ver abaixo Figura 54.

Figura 53. Revolta dos 18 do Forte de Copacabana: da esquerda para direita, tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Nílton Prado e o civil Otávio Correia.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_dos_18_do_Forte_de_Copacabana#/media/File:Os_18_do_Forte.jpg

Na capital paulista Siqueira Campos fez o curso primário no Grupo Escolar Sul da Sé de 1904 a 1907 e o secundário no Ginásio do Estado de São Paulo, formando-se em 1914.

Siqueira Campos sonhava em cursar engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, porém devido à situação financeira de sua família, ele teve que escolher a carreira

militar; pois na época essa era a única opção para os filhos de famílias de classe pobre prosseguir com os estudos.

3.2.2 Informações do Bairro do Prado

- Área: 1,49 Km²
- População fonte IBGE: 17.763 habitantes (censo 2010)
- Quantidade de logradouros: 51
- Região Administrativa: 2

O bairro do Prado lembra o nome bastante conhecido na história da geografia chamado “região das pradarias” que existe em uma das regiões geográficas dos Estados Unidos que no nosso caso não tem nenhuma conexão histórica com a região dos Estados Unidos, mas sim o termo Prado que quer dizer lugar relativamente plano e fértil. Foi lá onde se estabeleceu o antigo Hipódromo de Maceió onde se realizavam as corridas de cavalos na época no início do século 20, depois veio à construção da via férrea ligando o final do Trapiche da Barra ao Porto de Jaraguá e daí essa área foi sendo gradativamente habitada por outros habitantes até a construção do Cemitério de São José para receber parte da população já falecida fruto do avanço da Cólera em Alagoas.

A sua expansão urbana foi decorrente da ocupação em larga escala do bairro da Ponta Grossa que foi se articulando com o Prado e depois com o Trapiche que se interligaram. Podemos observar na Figura 55 um trecho da Avenida Siqueira Campos.

Figura 54. Trecho da Avenida Siqueira Campos, no bairro do Prado.



Fonte: <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/prado>

O Prado é um dos bairros mais tradicionais de Maceió, ele entrou na era do crescimento a partir do momento que surgiu os arranha-céus, a exemplos dos edifícios Ômega, Antares, Vega e Maison Chateaubriand. Sua localização foi primordial para o

surgimento do comércio, por se encontrar entre a praia do sobral e o centro da cidade. As casas antigas deram lugar a lojas de construções, bebidas e mercadinhos.

Há cerca de 30 anos, o Prado era só residencial, e local onde residia a população de baixa renda. Com o tempo chegaram novos moradores formando a classe média. Na Avenida Siqueira Campos, a principal do bairro, foram edificadas várias bangalôs, desde a Praça Afrânio Jorge (praça da faculdade de Medicina) até o Trapiche, quando termina a larga avenida de pista dupla.

Os moradores dispõem de algumas escolas como: Colégio Sagrada Família, Adonay, Pio X, Ferroviários e outras escolas de 1º grau. Era no bairro do Prado que estava localizado o IML (Instituto Médico Legal).

3.2.3 Algumas importantes ruas e praças localizadas no bairro do Prado

- **Rua Agnelo Barbosa-** Antiga Rua da Boa Esperança. Agnelo Marques Barbosa foi fundador e Diretor do renomado Colégio 15 de Março, foi um dos mais ilustres mestres conterrâneos. No seu túmulo, em latim, lê-se: “Mestre insigne, viverás na memória dos alagoanos, enquanto entre nós houver uma escola”. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 16)
- **Rua João Lício Marques-** Antiga do Bom Sucesso e do Pilão sem Boca. Foi um dos fundadores do Orfanato São Domingos e era chefe da firma Almeida Marques e Cia., na Rua do Comércio, a qual explorava o ramo de tecidos em grosso. Nas palavras de Félix Lima Júnior: “Figura de destaque social, criterioso e esforçado, prestou assinalados serviços á pobreza desta capital, á qual se dedicara com a esposa”. Ambos adeptos das doutrinas de Alan Kardec. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 109)
- ❖ **Praça Dr. Afrânio Jorge-** Lei Municipal nº248-20\10\1952. A Praça recebeu esse nome em homenagem a Afrânio Augusto de Araújo Jorge, médico e que também foi deputado estadual e secretário de Estado. No local onde está localizada a Praça era um areal na qual passava a Siqueira Campos e por onde as mercadorias iam e vinham para os trapiches.
A Praça já teve outros nomes como, por exemplo, Praça Calabar e Estádio do Major, e nos anos 50 recebeu o nome de Praça Afrânio Jorge, mas é como Praça da Faculdade que ela é mais conhecida nos dias atuais. Como observamos na Figura 56.

Figura 55. Praça Afrânio Jorge (Praça da Faculdade), no bairro do Prado.



Fonte: <http://www.plataformaengenharia.com/portfolio/praca-afranio-jorge-praca-da-faculdade/>

- **Rua Edgar de Góes Monteiro-** (Avenida Prado) Irmão do General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, nasceu em São Luiz do Quitunde. Foi Prefeito de Maceió e Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool. (LIMA JÚNIOR, 1981, p.80)
- **Rua Monsenhor Luiz Barbosa-** Monsenhor Luiz Carlos de Oliveira Barbosa, nasceu em Piquete, hoje (Ibateguara). Foi professor e diretor espiritual do Seminário de Nossa Senhora Da Assunção, nesta capital, diretor do Colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Bebedouro e do Orfanato São José, em Marechal Deodoro. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 145)
- **Rua Sargento Jaime-** Lei Municipal nº310 -26\11\1938. (Antiga do Asilo e de Santa Leopoldina). Jaime Pantaleão de Moraes, sargento do Exército, servindo no 20º Batalhão de Caçadores, seguiu com a sua unidade para combater os comunistas no

Recife, em novembro de 1935. Morreu em combate na Usina Muribeca, Pernambuco, (LIMA JÚNIOR, 1981, p.106)

- **Rua Xavier de Brito-** Lei Municipal nº54- 05\07\1932. José Maria Xavier de Brito. José de Barros Wanderley de Mendonça, engenheiro civil, foi Conselheiro Municipal e Intendente (Prefeito desta capital) e Secretário de Estado e Deputado Federal. (LIMA JÚNIOR, 1981, p.179)

3.3 Avenida Gustavo Paiva (Mangabeiras).

3.3.1 Quem foi Gustavo Paiva?

Gustavo Pinto Guedes de Paiva nasceu no dia 15 de novembro de 1892 em Paraíba do Norte (hoje João Pessoa, Paraíba). Seus pais eram: o português Antônio Pinto Guedes de Paiva e Rosalina Francisca da Silva Paiva. Estudou em Portugal até os 21 anos de idade quando retornou ao Brasil no ano de 1913. Iniciou sua carreira profissional no Rio de Janeiro, onde trabalhou como gerente geral na Companhia Petropolitana. Ver Figura 57.

Figura 56. Gustavo Paiva.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html>

Em 1916 Gustavo Paiva com 24 anos casou-se com Judite Basto, filha do comendador José Antônio Teixeira Basto, um dos incorporadores da Fábrica Progresso, muda-se para Rio Largo, e com o falecimento de seu sogro em 1919, tornou-se um dos diretores da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos.

Judite e Gustavo tiveram quatro filhos: Gustavo, Humberto, Arnaldo e Zuleica. Em 1939 a esposa de Gustavo veio a falecer; e para homenageá-la pôs seu nome na escola, o Ginásio Municipal Judite Paiva.

Gustavo Paiva foi um industrial de idéias voltadas para o bem estar social, em sua Companhia ele buscava valorizar o operário; o parque industrial CAFT fez com que Rio Largo atingisse seu apogeu, superando Maceió em alguns aspectos.

Saúde, educação, lazer e previdência receberam atenção especial de Gustavo Paiva, isso em uma época onde as leis trabalhistas ainda não estavam previstas em lei; “estas foram criadas através do Decreto-Lei nº 5.452, de 01 de maio de 1943 e sancionada pelo presidente Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo, entre 1937 e 1945”. Na cidade de Rio Largo criou as Escolas Reunidas da Companhia Alagoana; visto que a taxa de analfabetismo na época atingia 80% da população. Em 1919 foi criado o primeiro Grupo Escolar com ensino até o 4º ano para os filhos dos operários; estes não precisavam se preocupar com nada, pois a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos financiava tudo desde uniformes, alimentação e outras roupas para ocasiões especiais.

Por acreditar que a religião contribuía para uma melhor qualidade de vida, Gustavo Paiva mandou erguer a Capela Sagrado Coração de Jesus, esta foi inaugurada em 19 de março de 1924. Gustavo Paiva criou uma Banda de Música formada por 50 operários homens, (ver Figura 58) tendo o professor Agerico Lins como responsável; e depois o maestro Aquino Japyassú. Esta banda era responsável por se apresentar em desfiles cívicos, inaugurações e por animar os carnavais tanto em Rio Largo quanto aqui em Maceió. Vendo que seu projeto havia dado certo, em 1936, Gustavo Paiva criou a JAZZ- Band Japy desta vez formada por 12 meninas. Ver Figura 59.

Figura 57. Banda masculina da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos formada por 50 operários



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html>

Figura 58. A banda feminina Jazz-Band Japy



Fonte: <http://gazetaweb.globo.com/porta1/noticia-old.php?c=392005&e=6> Foto da Banda feminina de Rio Largo.

Preocupado com a saúde dos operários mandou construir em 1927 o Departamento de Saúde das fábricas com consultórios médicos, gabinete dentário, salas especializadas em raios-X, farmácia, maternidade e creche. Os medicamentos eram gratuitos e caso um operário se afastasse por doença, velhice ou invalidez; ele recebia 50% do salário.

O Restaurante dos Operários foi inaugurado no dia 24 de junho de 1943 sendo a última obra de Gustavo Paiva. Como podemos ver na Figura 60.

O restaurante tinha 125 mesas, dois frigoríficos e uma padaria.

Figura 59. Restaurante dos Operários, em Rio Largo.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html>

Sem dúvida Gustavo Paiva foi um empreendedor a frente do seu tempo, com visões de desenvolvimento e ações voltadas às questões sociais, preocupado mais com o próximo do que em acumular riquezas: “Ele, entretanto, atuava sem olhar para trás e até se pode dizer que cuidava mais da valorização do seu operário do que da extensão do seu patrimônio”.(LIMA JÚNIOR, 1998, p. 248).

3.3.2 Informações do Bairro de Mangabeiras

- Área: 0,81 km²
- População fonte IBGE: 4.166 habitantes (Censo 2010)
- Quantidade de logradouros: 55
- Região Administrativa: 1

MANGABEIRAS

Um sítio com várias plantações de árvores frutíferas
E uma velha estrada empoeirada, deu origem ao bairro.
Com a construção de uma estrada para o litoral norte,
O progresso se fez de forma voraz.

Hoje aquela estrada empoeira virou Avenida,
Onde tudo passa por ela- Av. Gustavo Paiva.
Velhas casas do início do bairro,
São mantidas- Orfanato São Domingos e a Cruz Vermelha.

Na extensão desta velha estrada, surge um importante
Santuário da Virgem dos Pobres, encravado na elevação
Do morro, no sítio Betânia, onde a fé é preservada.

Colégios, shopping, condôminos e um comércio
Valorizado, faz deste bairro um dos mais procurados da cidade.
Nas noites de lua recebe um brilho especial.

Ari Lins Pedrosa

O poema citado acima de Ari Lins Pedrosa descreve de forma sucinta o bairro de Mangabeiras, que se originou devido um sítio no qual se plantava fruteiras, entre elas a mangaba, que os alagoanos consumiam bastante.

Na (Figura 61) observa-se um recho da Avenida Gustavo Paiva no bairro da Mangabeiras.

Figura 60. Trecho da Avenida Gustavo Paiva, em Mangabeiras.



Fonte: <http://www.alagoas24horas.com.br/665531/gustavo-paiva-concluida-primeira-etapa-de-pavimentacao/>

É na Mangabeiras que está localizado um dos mais importantes santuários da cidade: o da Virgem dos Pobres. A imagem de Nossa Senhora Virgem dos Pobres, foi trazida na década de 80 da Bélgica, e se encontra num pedestal em meio a muitas pedras. O santuário local sagrado bastante movimentado pelos católicos, a cada primeira quarta-feira do mês, os fiéis sobem o morro para assistir à missa, fazer promessas bem como também para agradecer as bênçãos alcançadas.

Dois prédios bem antigos ainda permanecem no bairro, são eles: o Orfanato São Domingos, espaço de educação, trabalho e lazer; e a Cruz Vermelha que dá assistência as crianças órfãs, ambos as entidades dependem de doações para manter seu trabalho dando uma vida melhor para as crianças.

O que também deu certo no bairro da Mangabeiras foram as revendedoras de veículos, peças, material de construção e outras atividades comerciais que tomou conta de toda a extensão da Avenida Gustavo Paiva, que começa na Bomba da Marieta e atinge a Cruz das Almas.

3.3.3 Algumas importantes ruas e praças do Bairro Mangabeiras

- **Rua Desembargador Valente de Lima**- Manoel Valente de Lima nasceu nesta cidade em 05 de julho de 1913. Foi advogado, funcionário público, jornalista (dirigiu por algum tempo o Jornal de Alagoas) foi Secretário da Prefeitura Municipal e Procurador Geral do Estado. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 74)
- **Rua Joaquim Marques Luz**- É a (2ª transversal da Avenida João Davino). Foi auxiliar da Fábrica Alexandria, em Bom Parto. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 113)
- **Rua Dr. Mário Nunes Vieira**- Lei Municipal nº 2449- 12\12\1977. Foi Diretor da Administração da Saúde Pública, no Governo de Arnon de Mello. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, e, aprovado em concurso, foi promotor público em Arapiraca. (LIMA JÚNIOR, 1981, p.138)
- **Rua Mário Palmeira Júnior**-(terceira transversal da Avenida João Davino) nasceu em São Miguel dos Campos. Foi funcionário federal, servindo no Telégrafo Nacional. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 138)
- ❖ **Praça Cipriano Jucá**- Cipriano Jucá era farmacêutico, nasceu nesta capital, na Rua Nova (Barão de Penedo). Exerceu diversos cargos públicos, foi Prefeito, interino de Maceió, foi sócio fundador da Academia Alagoana de Letras. Publicou dois livros: Alma Lírica do Brasil e Azas de Cera. (, LIMA JÚNIOR, 1981, p. 59)

3.4 Avenida General Luiz de França Albuquerque (Garça Torta/Riacho Doce)

3.4.1 Quem foi Luiz de França Albuquerque?

Nasceu no dia 9 de maio de 1883 em Viçosa, Alagoas. Seus pais eram o major Luiz Lucas Soares de Albuquerque e D. Luiza de França Albuquerque.

Foi um interventor federal e militar brasileiro; governou o Estado de Alagoas na ausência do interventor federal por duas vezes. Sentou praça no exército em 1903, aspirante (1910), segundo-tenente(1914) e primeiro-tenente(1919). Ver abaixo Figura 62:

Figura 61. Evento no Ginásio Anglo-Brasileiro em junho de 1920, no Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita: 1º tenente Amado Menna Barreto, instrutor militar da instituição; Charles W. Armstrong, diretor-presidente do ginásio; 1º tenente Luiz de França Albuquerque, inspetor de Tiro e representante do comandante da 1ª Região Militar; Stanley B. Allan, diretor do ginásio e Maurício de Wael, diretor do Liceu Franco-Inglês. Foto da Revista Fon-Fon de 5 de junho de 1920.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-general-revolucionario-luiz-de-franca-albuquerque.html>

Tornou-se capitão em novembro de 1930, tendo participado dos movimentos tenentistas e da Revolução de 1930. Serviu no 6º Regimento da Infantaria, foi interventor interino, de 9 de agosto a 31 de outubro, foi nesse período que inaugurou o Ginásio Industrial Princesa Isabel. Ver abaixo Figura 63:

Figura 62. General Luiz, de França Albuquerque, em 1930.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-general-revolucionario-luiz-de-franca-albuquerque.html>

Voltou à interventoria interinamente de 25 de outubro de 1932 a 10 de janeiro de 1933. Depois alcançou os postos de major e tenente-coronel.

A Avenida General Luís de França Albuquerque, teve sua denominação através da Lei nº 3. 010 de 12 de novembro de 1962, na gestão do prefeito da época (Corintho Campelo) que está localizada na parte baixa de Maceió, mais precisamente na rodovia AL 101 Norte é bastante movimentada e conhecida pela população maceioense devido suas belas praias, como por exemplo, a praia de Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce (inclusive serviu de inspiração para o romancista José Lins do Rêgo que escreveu o romance intitulado Riacho Doce) e Mirante da sereia.

Existe um espaço na Rua São Pedro no bairro de Garça Torta, antiga colônia de pescadores, situada no litoral norte em Maceió chamado Casa da Arte (Figura 64) fundada em 1985, cuja proprietária e coordenadora é a alagoana Edna Constant (faleceu em 2018) nasceu na cidade de Palmeiras dos Índios, em 30 de abril de 1933, a Casa da Arte é o lugar que respira arte e cultura aberta ao público sem distinção, onde todos que fazem parte dessa Casa podem desenvolver seus talentos escondidos.

A Casa trouxe para a região uma nova idéia do que é arte, atraindo para si, a admiração e o respeito de toda a sociedade alagoana. Seu espaço democrático e atraente é freqüentado por todos: ricos, pobres, intelectuais, analfabetos, crianças e adultos. (CONSTANT, P. 10)

Figura 63. Casa da Arte, no bairro de Garça Torta.



Fonte: <http://casadaartealagoas.blogspot.com/2010/12/historico-da-casa-da-arte.html>

Em pouco tempo, o espaço também começa a ser habitado por gente de talento que tem o que mostrar. Artesãos, fotógrafos, artistas plásticos, escultores encontram na Casa da Arte terreno fértil e acolhedor; lugar garantido para expor criações que permaneciam na penumbra. (CONSTANT, 2009, p. 11)

Os turistas que estão fazendo um tour pela bela cidade maceioense e claro que não vão embora sem antes visitar nossas belas praias; mas o que muitos desconhecem é a falta de sensibilidade por parte dos empresários que aqui chegaram e está modificando a paisagem natural do lugar destruindo os mangues, local este de onde muitos moradores retiravam sua sobrevivência, sem falar na vida de seres marinhos. Tudo isso para dar lugar a uma paisagem modificada pelo homem e sua ganância. Ver Figura 65:

Figura 64. Condomínio Morada da Garça, no bairro de Garça Torta, na rodovia AL 101 Norte.



Fonte: A autora (2019)

Pois são esses empresários pisaram em nosso bairro e construíram condomínios e prédios, não se retrataram com os habitantes deste bairro que antes era calma, ar fresco, mas que hoje deu lugar a agitação e ar poluído. Nas proximidades dessas avenidas ou simplesmente “artérias” surgiram várias grotas (ver abaixo Figura 66) onde milhares de pessoas residem.

Figura 65. Estrada de acesso à Grota do Andraújo, no bairro de Garça Torta.



Fonte: A autora (2019)

Grotas essas que foram abandonadas pelo poder público, aqui vivemos com inúmeras dificuldades a começar pela estrada de barro que há anos viemos lutando por asphaltá-la com o auxílio da Associação dos Moradores e Amigos da Garça Torta, mas que infelizmente só promessas em vão e só percebem que moram pessoas que “existirmos de fato” em época de eleições, enquanto que os problemas continuam a dificultar a vida da população grotense que enfrenta o lamaçal em época de chuva e poeira no verão, que inclusive provoca problemas respiratórios em crianças e adultos. Os caminhões de lixo transitam pela estrada de barro da grota para chegar ao aterro sanitário localizado no Benedito Bentes.

O percurso até a pista (Graça Torta) é longo chegando a 1 km de distância, onde os moradores correm risco de assalto diariamente por ser um local rodeado por matas esconderijo ideal pelos assaltantes para vigiar e pegar a vítima sem esperar.

Nós moradores da “Grotta do Andraújo” sonhamos com o dia em que na estrada seja asfaltada, para que possamos ser contemplados com uma linha de ônibus que facilitaria a nossa vida e nos daria mais segurança.

Figura 66. Escola Antônio Vasco, localizada no bairro de Riacho Doce.



Fonte: A autora (2019)

Quanto a Riacho Doce bairro esse bastante conhecido pelos maceioenses pode-se dizer que é um pouco mais desenvolvido apesar de ser um bairro pequeno, mas que possui uma Escola Estadual Antônio Vasco, como podemos observar acima na Figura 67; em homenagem ao proprietário agrícola que residia em Riacho Doce onde estudam crianças nas séries iniciais (manhã e tarde) e educação de jovens e adultos-supletivo que funciona (à noite) que residem no mesmo bairro e em bairros vizinhos como Garça Torta, Guaxuma, Mirante da Sereia e Boca do Rio.

Figura 67. Irmão do Antônio Vasco.



Fonte: Foto cedida pela família Vasco.

Quanto a Antônio Vasco figura que foi homenageado com seu nome na escola, nenhuma fotografia foi encontrada, isso segundo a família; no entanto de acordo com os familiares da família Vasco um irmão chamado Arnaldo Vasco (Figura 68 acima) possui características semelhantes ao de Antônio Vasco senhor trabalhador que morreu em um acidente fatídico ao cair do carro onde estava e no qual outro carro passou por cima do seu corpo que infelizmente foi a óbito.

Figura 68. Praça Emídio de Carvalho, no bairro de Riacho Doce.



Fonte: A autora (2019)

A Escola Antônio Vasco está localizada em frente à Praça José Emídio de Carvalho (ver acima Figura 69) que foi inaugurada na gestão do então prefeito da época Divaldo Suruagy em dezembro de 1968. Mas a autorização para a construção da referida praça foi autorizada pela Câmara Municipal de Maceió na gestão do então prefeito da época (Vinicius Cansanção Filho) que decretou através da Lei nº 1.174 de 20 de outubro de 1964 a construção da mesma e que sua denominação seria em homenagem póstuma a um dos filhos mais ilustres daquela localidade. A praça atualmente é o “ganho pão” de muitos moradores do bairro que aproveitam o movimento para vender lanches variados, Alagoas dá sorte, verduras e frutas e até CDs e DVDs.

Figura 69. Praça José Emídio de Carvalho revitalizada.



Fonte: <http://www.maceio.al.gov.br/2017/05/rui-palmeira-entrega-revitalizacao-de-praca-em-riacho-doce/>

Essa figura 70, acima mostra a revitalização da Praça José Emídio de Carvalho, trabalho da prefeitura com o atual prefeito Rui Palmeira junto com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável que em 15/05/2017 foi reinaugurada contando com a presença dos moradores de Riacho Doce. Como podemos observar a figura 70.

Com uma obra executada com recursos municipais orçada em aproximadamente R\$ 140 mil, o espaço recebeu serviços da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável (Semds), órgão responsável pela construção e manutenção de espaços públicos para o convívio social e lazer. Além da Semds, a Superintendência Municipal de Iluminação Pública

(Sima) instalou iluminação de LED e a Superintendência Municipal de Limpeza Urbana (Slum) também reforçou o trabalho na região.

A Praça teve a recuperação do piso, instalação dos pisos tátil, intertravado e de rampas. Com mais de mil metros quadrados, o espaço também ganhou mais verde: o trabalho de arborização e jardinagem foi realizado, dando um novo aspecto ambiental á tradicional área de lazer de Riacho Doce. A Praça também conta com novos brinquedos, instalados em um espaço adequado para crianças, além de novos bancos. (GAZETA DE ALAGOAS, LUCAS ALCÂNTARA/ ASCOM Semds, 2017)

A prefeitura autorizou que construíssem o posto médico em Riacho Doce, através da lei nº 1.252, posto que atualmente atendem os próprios moradores além de pessoas de outros bairros, apesar de estar em precariedade faltando muitas vezes remédios e o atendimento ser bastante difícil de conseguir o que leva várias pessoas a saírem de madrugada para conseguir pegar uma “ficha”, dessa forma arriscando sua vida e segurança muitas vezes esquecida.

Através da Lei nº 102/2016 a Unidade Básica de Saúde passa a ser denominado de Vanderlei Maria de Andrade em homenagem a uma funcionária que trabalhava no arquivo e que faleceu.

O posto atua como PSF com uma equipe formada por um médico generalista que atende todas as categorias, uma enfermeira chefe com nível superior com capacitação para dar assistência a diabéticos, gestantes, hipertensas além de acompanhar o desenvolvimento da criança; conta-se com técnicas e auxiliares de enfermagens na média de 3 a 5 e agentes comunitários de 5 a 8 a média, dependendo de cada unidade; um dentista mais auxiliar que fazem parte do programa saúde bucal.

No posto faz a coleta de sangue, teste rápido de HIV, Sífilis e Hepatite, além do exame de citologia. Ver abaixo figura 71.

Figura 70. Posto de Saúde, em Riacho Doce.



Fonte: A autora (2019)

No entanto não são apenas os pacientes que sofrem com assaltos, em fevereiro de 2011 a população de Riacho Doce ficou “chocada” com o que aconteceu ao posto, uma matéria da Gazeta de Alagoas por Fátima Almeida que dizia:

Vândalos depredam posto de saúde “vidros quebrados, televisão e ventiladores jogados no chão, o telefone público destruído e gavetas escancaradas”. (GAZETA DE ALAGOAS 2011, FÁTIMA ALMEIDA).

No dia 07 de janeiro de 1997 foi aprovada a lei nº 4.600 que considerou de utilidade pública a Associação dos Pescadores e Marisqueiras de Riacho Doce.

Figura 71. Foto da sede provisória da Associação dos Pescadores e Marisqueiras, localizada no bairro de Riacho Doce.



Fonte: A autora.

Esta é a sede provisória da Associação dos Pescadores e Marisqueiras de Riacho Doce, onde os associados fazem reuniões.

Ainda neste bairro tem uma Igreja de Nossa Senhora da Conceição a Padroeira de Riacho Doce que tem por data de comemoração dia 8 de dezembro, sendo que suas festividades iniciam-se a partir do dia 29 de novembro (são dez dias) de orações, missas, terços e finalizando com a procissão, esta reúne milhares de fiéis católicos que vem de toda parte de Alagoas para pedir a padroeira bênçãos para suas devidas famílias. Ver abaixo figura 73.

Figura 72. Igreja Nossa Senhora da Conceição, em riacho Doce, na rodovia AL 101 Norte



Fonte: A autora (2019)

3.5 Bebedouro

3.5.1 Informações do Bairro de Bebedouro

- Área: 2,20 km²
- População fonte IBGE: 10.103 habitantes (censo 2010).
- Quantidade de logradouros: 53
- Região Administrativa: 4

O bairro de Bebedouro é um dos mais antigos e tradicionais bairros de Maceió, e conhecido como o bairro mais festeiro, pois as festas de natal, carnaval eram bastante animadas por lá, esse bairro já foi residência da elite alagoana que construíram seus casarões na rua principal, próximo á lagoa Mundaú e a linha férrea. Serviu de reduto do português Jacinto Nunes Leite e do Major José Bonifácio Silveira, os dois verdadeiros construtores do progresso.

Figura 73. Porto de Bebedouro.



Fonte: <http://derikypereira.blogspot.com/2012/09/porque-me-chamo-assim-bebedouro.html>

O português Jacinto Nunes Leite chegou a Bebedouro quando este ainda era um arrealde. Construiu a casa grande, ergueu um engenho de açúcar, com isso o progresso foi chegando fazendo com que Bebedouro se tornasse nos primeiros anos do século XX, o bairro cuja burguesia preferiu por fixar residência.

Foi o comendador Nunes Leite quem importou de Portugal os azulejos que adornam a matriz de Bebedouro, sob a invocação de Santo Antônio, localizada na principal praça, esta é o símbolo da fé católica dos moradores do bairro, onde são realizados missas, batizados, casamentos e outros atos religiosos.

O comendador Nunes Leite era um homem Liberal, suas atitudes fizeram com que os senhores de engenho o vissem como empecilho, já que ele comprava escravos para libertá-los, e isso causou inimizades, já que naquela época escravos eram necessários e tal atitude do comendador ia contra os senhores de engenho; porém o comendador detinha o poder econômico, por ser o dono da única fundição da província, o que claro querendo ou não os coronéis recorressem aos seus serviços, para obter o material necessário á manutenção de um engenho banguê, que era fornecido pelo comendador Nunes Leite.

No ramo do comércio Nunes Leite inaugurou uma loja de ferragens, era a Jacinto Leite e Cia. Ltda., localizada na rua do comércio, em Maceió. Depois comandou a Fundição Alagoana, em Jaraguá, a fábrica de tecidos de Fernão Velho, a companhia de bondes de

Maceió; além de ter sido o responsável pela implantação do serviço de abastecimento de água de Bebedouro. Devido a tudo isso que se propôs a fazer pode-se afirmar que o português Nunes Leite foi o pioneiro da cidade.

Outro personagem que conseguiu transformar Bebedouro em um bairro chique foi o major Bonifácio Silveira (ver figura 75) que tinha um espírito festeiro, promoveu o Natal mais animado de Maceió por mais de três décadas.

Figura 74. Major Bonifácio.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/bonifacio-o-major-da-fofia.html>

Em Bebedouro, que foi, em certa época, nos princípios do século, o bairro elegante-pelas festas de Natal animadas pelo major Bonifácio, pela seleção social dos moradores- em Bebedouro sucedem-se as construções, tão apressadamente que em pouco tempo se esgotam (é hoje um dos arrabaldes onde converge para esse bairro, enchendo-o de edificações). (COSTA, 2011, p.158).

O major Bonifácio é figura inesquecível para os que amam o folclore alagoano. Pastoril, Chegança, Taieira, Baiana, Reisado, Guerreiro, Coco de Roda, Bandas de Pífano e as Cavalhadas... (Maceió 200 anos. p. 81).

O sábio J. P. Porto Carrero descreveu seu primeiro Natal em Bebedouro assim:

Foi em Bebedouro que travei conhecimento no celebrado coco das Alagoas, que sem dúvida é o nosso de Pernambuco também, porém é ali que se dança com mais fervor. Direi o mesmo como algum rito de religião tradicionalmente venerado. Foi ali no alto da residência do Sr. Bonifácio Silveira, toda iluminada a giorno na fronteira e nos oitos.

3.5.2 Algumas importantes ruas e praças do Bairro de Bebedouro

- **Rua Bernardo Mendonça-** (Antiga Rua do Cardoso). O Dr. Bernardo de Mendonça Castelo Branco foi deputado por Alagoas e chefe do Partido Conservador. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 43)

- **Ladeira do Calmon-** Salvador Calmon de Siqueira nasceu na Bahia, era farmacêutico e dentista, mas radicou-se em Maceió, onde chegou a eleger-se deputado e vice-prefeito de Maceió. Construiu uma casa na ladeira, a qual, por esse motivo tomou seu nome. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 51)

- **Rua Cônego Costa-** Antiga Rua do Comércio é a principal do bairro a mais movimentada, onde está localizado o Colégio do Bom Conselho. Antônio José da Costa, sacerdote e político, foi proprietário do jornal Diário de Alagoas, o primeiro jornal que circulava diariamente em Maceió nos últimos anos do século passado. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 67)

Figura 75. Trecho da Rua Cônego Costa, em Bebedouro.



Fonte: <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/bebedouro>

- **Avenida Faustino da Silveira-**Lei Municipal: 119- 09\05\1949. Residiu em Bebedouro, foi jornalista e despachante federal; além de ter sido professor na Escola Normal. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 87)

- **Rua Carteiro João Firmino**- Antiga Rio de Janeiro. João Firmino de Assunção era carteiro aposentado dos correios e Telégrafos, era uma figura bastante popular no bairro. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 109)

3.6. Centro

Chamava-se Boca de Maceió toda a várzea paludosa e vasta que se estendia da falda do planalto a margem direita do riacho, na proximidade da sua foz. Antes dos aterros que se fizeram e sobre os quais se formaram as ruas Pontes de Miranda, Imperador, Barão de Anadia e Libertadora Alagoana, era o pântano, era o brejo, era o mangue, com o aspecto desolado que ainda apresenta a boca da Levada. (Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, p. 11)

Em 1866 segundo Costa a rua da Boca de Maceió recebeu melhorias, pois na época ela não passava uma imagem bonita para quem a vissem, devido ao rego d'água que no dizer do então presidente da Província Esperidião Eloi de Barros Pimentel, que assumira o governo a 31 de julho do ano anterior, “muito afeiava (á Boca) dificultava a passagem de carros, não obstante a despesa que se fazia com a conservação de um pontilhão de madeira, que, por seu estado de ruína, não podia deixar de ser substituído por um novo”.(SANT'ANA, 1966, p. 15)

Então foi feito uma bomba de alvenaria (o mesmo que bueiro), pois segundo ele duraria mais tempo, e claro “tornou-se o pavimento da rua unido em toda a sua largura, dando fácil saída às águas pluviais”, que antes formava um pântano o que deixava desagradava o presidente Esperidião Eloi.

3.6.1 Informações do Bairro do Centro

- Área: 1.58 km²
- População fonte IBGE: 2.812 habitantes (censo 2010)
- Quantidade de logradouros: 88
- Região Administrativa: 2

Figura 76. Rua do Comércio



Fonte: <http://acervoalagoano.blogspot.com/2010/11/rua-do-comercio-1953.html>

3.6.2 Algumas importantes ruas e praças localizadas no Centro de Maceió

- **Rua Barão de Alagoas** (Antiga Rua do Alecrim) - Severiano Martins da Fonseca, era irmão de Deodoro, nasceu em Alagoas no dia 08 de novembro de 1825, ingressou no exército, servindo na artilharia. Participou da Guerra do Paraguai (1864-1870). Recebeu o título de Barão de Alagoas no dia 02 de março de 1889, vindo a falecer dia 19 do mesmo mês e ano. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 36\37)

A Rua localiza-se entre os trechos da Praça Deodoro, na Rua do Livramento, próximo da linha férrea, bairro da Levada, CEASA e fazendo o cruzamento com as Ruas Moreira Lima, Augusta e Melo Moraes.

- **Rua Barão de Anadia**- Lei Municipal: 3084- 14\07\1983- (Antiga da Liberdade, do Palácio Velho, da Estação, da Ladeira e Gabino Besouro). Manoel Joaquim de Mendonça Castelo Branco foi deputado geral por Alagoas. Possuía o engenho Buenos Aires, em Camaragibe; faleceu no dia 15 de setembro de 1886. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 37)
- **Rua Barão de Atalaia**- Antiga Boca do Poço e Entrada do Poço- Lourenço Cavalcante de Albuquerque Maranhão, era comendador das Ordens de Cristo e da Rosa, foi agraciado com o título de Barão de Atalaia por decreto 19 de fevereiro de 1858. (LIMA JÚNIOR, 1981p. 37)

- **Rua Barão de Penedo-** Lei nº 17, de 1\8\1913-(Antiga do Governador, Nova Barão do Traipu). Francisco Ignácio de Carvalho Moreira nasceu em Penedo no dia 25 de dezembro de 1815. Foi o maior diplomata que serviu ao império e patrono da Cadeira nº 34 da Academia Alagoana de Letras. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 38)

- **Rua Barão de Traipu-** Manoel Gomes Ribeiro nasceu em Sergipe, foi político destacando-se na Província e no Estado de Alagoas. Vice-Presidente dessa Província, foi eleito vice-governador do Estado, na chapa encabeçada pelo capitão Gabino Besouro. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 38)

- **Rua Pontes de Miranda-** Lei Municipal: 154- 12\09\1950- (Antiga 12 de Junho e da Lama). Luiz Pontes de Miranda era diretor, aposentado, da Secretaria do Interior. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 130)

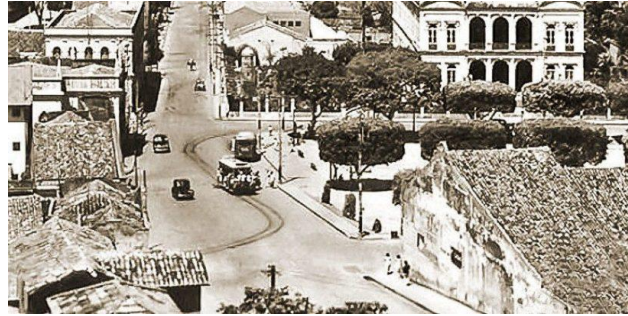
- **Rua Cincinato Pinto-** Cincinato Pinto da Silva era médico, foi um dos melhores Presidentes da Província, governou de 27 de dezembro de 1878 a 15 de julho de 1880. Ele foi responsável pela criação do Montepio dos servidores do Estado. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 58)

- **Avenida Gabino Besouro-** Lei Municipal: nº53- 02\03\1899- (Antigas ruas do Craveiro e Formosa). Gabino Besouro era engenheiro militar, governou Alagoas, foi governador do Piauí e prefeito do território do Acre. No dia 9\8\1950 uma nova lei cujonº137, denominou Gabino Besouro uma travessa iniciando da Praça da Independência, pelo oitão direito do Quartel da Força Policial Militar até a rua Dr. Pedro Monteiro. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 93)

- ❖ **Praça Visconde de Sinimbu-** Antiga Praça da Redenção, conforme contrato entre Dr. Gabino de Araújo Besouro e a Cia. Promotora de Indústrias e Melhora para serviços de bondes. (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 171)

- ❖ **Praça dos Martírios**- Em frente à igreja consagrada a Bom Jesus dos Martírios (hoje Praça Floriano Peixoto). (LIMA JÚNIOR, 1981, p. 141).

Figura 77. Praça dos Martírios.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-de-uma-praca-chamada-martirios.html>

Pelo Largo dos Martírios que as mercadorias eram transportadas por carros de bois para o povoado de Maceió chegavam a esse largo pela Estrada do interior, passando pela Cambona dos Machados (hoje Rua General Hermes) e pela Rua do Comércio. Ver abaixo figura 79.

Figura 78. Vendedor de água no Largo dos Martírios.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-de-uma-praca-chamada-martirios.html>

CONCLUSÃO

Concluir de que “forma”, “maneira” ou será que isto pode ser chamado objetivamente de uma conclusão propriamente dita.

Quando escolhi estudar e pesquisar sobre a história da cidade de Maceió, mais objetivamente sobre o Jaraguá- um dos mais antigos bairros da cidade de Maceió- que inclusive segundo teses do historiador Moacir Medeiros de Sant^o Ana teria ele dado origem a capital do atual Estado de Alagoas, mais que também ao mesmo tempo, sido ele “recentemente” revitalizado, mas que o poder público municipal esqueceu ou foi precipitado no sentido de não preparar devidamente a sua população para ser objeto de uma discussão mais profunda ou intensa a respeito da preservação da sua “aldeia de pescadores” onde tudo teria começado a respeito da origem do bairro do Jaraguá ou da Educação Ambiental e Patrimonial a respeito da sua memória histórica e afetiva onde cada um dos seus personagens se sentiriam como parte de um todo e não apenas como espectadores de uma história que eles não foram convidados a participarem dela.

Como história também é memória tentamos reconstruir ou recontar do por que algumas ruas ou avenidas da cidade de Maceió- Fernandes Lima, Gustavo Paiva e várias outras foram batizadas com o nome de alguns personagens a história de Alagoas onde “todos os dias” passamos por estas ruas e avenidas e não sabemos por desinformação, desinteresse, esquecimento ou alienação ou qualquer outro motivo que não são nomes colocados de forma aleatória, mais eles fizeram parte algum dia da história da cidade ou do Estado.

Memórias que precisam continuar viva na lembrança de um povo, de uma cidade; e este povo somos nós maceioenses e alagoanos, pois cada lugar, cidade ou Estado tem uma história que nos convida a revirar sua identidade e trazer para o conhecimento de todos o que ela guarda lá no fundo do baú no passado.

Residir em uma cidade, bairro e rua é muito mais do que apenas morar, requer que conheçamos o personagem cujo denominaram aquele bairro, rua e avenida.

Pesquisar a história das avenidas, ruas e praças da cidade de Maceió foi prazeroso e gratificante, pois pude conhecer coisas a respeito do objeto em questão que nem sequer podia imaginar. Conhecer os personagens que marcaram a história desta cidade, figuras ilustres que como podemos notar não necessariamente nasceu em solo alagoano, mas que suas ações em vida lhe renderam tão honrosa homenagem.

A finalidade para isso está em tentar manter viva a lembrança de algum personagem que foi marcante para a cidade, quão importante foi para o povo alagoano, como podemos ter

percebido nesta monografia, onde muitos personagens que foram retratados não necessariamente nasceram em solo alagoano, porém sua figura contribuiu para a formação, desenvolvimento desta cidade em questão; outros, no entanto nasceram, residiram e faleceram nesta cidade ou capital.

Portanto pela contribuição dada, esses personagens citados merecem ser estudados e revelados, além do mais muitos outros personagens ilustres de nossa cidade merecem ser pesquisado e levado ao conhecimento de todos sem exceção.

“Uma cidade que não tem memória é uma cidade sem alma. E a lama das cidades é sua própria razão de ser. É sua poesia, é seu encanto, é seu acervo. Quem nasce, quem mora, quem adota uma cidade para viver, precisa de história, das referências, dos recantos da cidade, para manter sua própria identidade, para afirmar sua individualidade, para fixar sua municipalidade. ” (Maceió 180 anos de história 5 de dezembro de 1995).

Maceió é uma cidade onde o povo guarda na memória lembranças antigas umas alegres outras nem tanto, mas que são memórias de um povo, de uma terra, de uma cidade. Alguns nomes de ruas de Maceió mudaram com o passar do tempo como vimos, mas há aqueles que ainda insistem em chamar pelo nome antigo, por não se acostumar com a nova denominação ou por achar que o novo personagem não merece tal homenagem; no entanto a falta de conhecimento leva a rejeição daquilo que não se conhece.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI JÚNIOR, Rosalvo. **MACEIÓ Poesia**. Maceió: Editora Senha, 1987. 59 p.
- ACIOLLY, Rocha Maria. Mulheres Alagoanas. **Ana Lins**. Gazeta de Alagoas, 2001
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EDUCAÇÃO 2010, Governo de Alagoas.
- ALTAVILA, Jayme de. (Anfilóbio Jayme de Altavila Melo) 1895-1970. **História da Civilização das Alagoas**. 8ª ed. Maceió, Edufal, 1998.
- BORDONI, Orlando. Dicionário: “**A Língua Tupi na Geografia do Brasil**”. Campinas: Muto\ BANESTADO. S.D
- BRANDÃO, Moreno. **História das Alagoas**. 3ª edição. Rev. Arapiraca. Edufal, 2004.
- COSTA, João Craveiro. **MACEIÓ**. Edições Catavento, 2001
- COSTA, João Craveiro. **História das Alagoas resumo didactico**. Editora-Proprietária Compl. Melhoramentos de São Paulo.
- COSTA, Murilo Leite da Silva. **Lembrança de Maceió**. 2ª edição, 1970.
- DUARTE, Abelardo. **A População da Vila de Maceió e seu Termo no ano de 1827**. In Ver. Do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió, nº 37, 1980.
- ESPÍNDOLA, Thomaz. **A Geografia Alagoana**. 3ª edição. Maceió. Ed. Catavento.
- ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça: Instituto Arnon de Mello, Leonardo Simões: Coordenação Geral. Maceió – Núcleo de Projetos Especiais, 2012. 540 p.: il.
- FOLHETIM FUNTED. **Maceió História - Costumes**. FF. 69. “**GOGÓ DA EMA**”, 1992.
- JORNAL DE ALAGOAS. Maceió. 1928
- KNAUSS, Paulo. **Brasil: Uma Cartografia**. Paulo Knauss, Cláudia Ricci e Maria Pace Chiavari. Rio de Janeiro Casa da Palavra, 2010.
- LACAZE, Jean Paul. **A Cidade e o Urbanismo**. 1995

LEITE JUNIOR, Bráulio. **Histórias de Maceió**. Maceió: Edições Catavento, 2000.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de outrora**. Maceió. Arquivo Público de Alagoas, 1976. Vol. 1

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de outrora: Obra póstuma**; [organizado por Rachel Rocha]-Maceió: EDUFAL, 2001. Vol. 2: il.

LIMA JÚNIOR, Felix. **Memórias de minha rua**. s.d. Editora. Telasa (a antiga Companhia telefônica de Alagoas).

MELO, Wagner. **Jaraguá: do Apogeu á Decadência**. Jornal Gazeta de Alagoas, Maceió, 26 de Maio de 2013.

MOURA, Antônio Joaquim de. **Opúsculo da Descrição Geográfica... Da Província das Alagoas**. Rio de Janeiro TYP. de Berthe e Haring 1844\ Maceió\ Edufal.

PEDROSA, J. F. de M. **Histórias do Velho Jaraguá**. Maceió: Talento 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. **Plano Diretor de Maceió**. Lei Municipal nº 5. 486 de 30/12/2005.

Perfil Municipal. Ano 3, nº 3 (2012) - Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio, 2015.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô rezado baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2004. (Tese de Doutorado)

SANTOS, Ivone dos. **Origens de Maceió- Jaraguá a Enseada das Canoas**. In Revista do CHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes). Nº 03, 1986, Ano II.

SANTOS ANA MEDEIROS, de Moacir. **O patrimônio Cultural de uma Velha Cidade** (Marechal Deodoro). Maceió-1970.

SANTOS ANA MEDEIROS, de Moacir. **Uma Associação Centenária**. Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura. Arquivo Público de Alagoas. Maceió. 1966.

SANTIAGO, Paulino. **Estudos de Etimologia Alagoana**. Maceió. Edufal. 1980.

SILVA, Andréa Cláudia Guilhermina. **Alagoas livra-se de Pernambuco**. IN O Jornal Maceió. 2000 (coleção Alagoas 500 anos. Vol. 6)

SILVA, Andréa Cláudia Guilhermina. **Gustavo Paiva: Um administrador a frente do seu tempo.** IN. Memórias Legislativas de Alagoas, nº 35, 1998.

TENÓRIO, Douglas Apratto. Redescobrimo passado: cartofilia alagoana\ Douglas Apratto Tenório; Carmen Lúcia Dantas com ensaio de Elysio de Oliveira Belchior. - Maceió: Sebrae-Al. 2ª edição.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Fernandes Lima: o caboclo indômito.** IN. Memórias Legislativas de Alagoas, nº 23, 1998.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Capitalismo e Ferrovias no Brasil, 1945.** 2ª edição- Curitiba: HD Livros, 1996.

WWW. Bairros de Maceió. net>bairros>farol.

https: WWW.Camarademaceio.al.gov.br>

A SAÚDE EM ALAGOAS, Secretaria de Estado da Saúde. Síntese da Situação de Saúde dos Municípios.

